

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

REGINA CANDIDA FÜHR



São Leopoldo

2011

REGINA CANDIDA FÜHR

ÉTICA EM EDUCAÇÃO: NOVOS PARADIGMAS PARA NOSSO TEMPO

Tese de Doutorado
Para obtenção do grau de
Doutora em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Religião e
Educação

Orientador: Balduino Antonio Andreola

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F959e Führ, Regina Candida

Ética em educação: novos paradigmas para nosso tempo / Regina Candida Führ ; orientador Balduino Antonio Andreola. – São Leopoldo : EST/PPG, 2011.
148 f. : il.

Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia.
Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia.
São Leopoldo, 2011.

1. Educação – Finalidades e objetivos. 2. Ética. 3. Educação moral. I. Andreola, Balduino Antonio. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador: _____
Prof. Dr. Balduino Antonio Andreola (Presidente)

2ª Examinadora: _____
Prof.ª Dr.ª Gisela Isolde Waechter Streck (EST)

3º Examinador: _____
Prof. Dr. Remí Klein (EST)

4ª Examinadora: _____
Prof.ª Dr.ª Ana Maria Colling (UNILASALLE)

5ª Examinadora: _____
Prof.ª Dr.ª Flávia Obino Corrêa Werle (UNISINOS)

Grito de Mãe

Eu sou a Mãe Terra.
Cansada de guerra,
De ódio e violência,
A minha aparência
Não é mais aquela
Da mãe grande e bela,
Que Deus quis e fez.
Pra muitos, em vez
De casa e jardim,
De mãe até o fim,
Sou vil propriedade.
No campo ou cidade
Vendida ou comprada,
Ferida, estuprada,
A mãe já não sou,
E o filho de outrora,
Meu dono de agora,
Virou gigolô...
Com passos incertos,
De braços abertos,
Tateando no escuro,
Meus filhos procuro
E os quero de volta,
Da mesa em volta,
Do ódio esquecidos
Na casa reunidos,
Sem medo e sem fome
Que a muitos consome,
Do imenso cansaço
Dos longos caminhos,
Voltai meus filhinhos,
Ao meu grande abraço.
Anseio de novo
O amor de meu povo,
Que encontre em mim
A casa e o jardim,
A mãe que Deus quis
Formosa e feliz,
A mãe que Deus fez
Pra todos vocês.



(Balduino Antonio Andreola)



“A ética é um espécie de bússola que aponta o rumo de nossa navegação no mar da história; o não uso dessa bússola possibilita ao homem e à mulher a entrada por atalhos desviantes, declinantes e destrutivos de vida”.

(Pichler)

RESUMO

Ética em educação: novos paradigmas para o nosso tempo é o tema desse estudo. Ele se originou das inquietações oriundas da prática da pesquisadora com as escolas da Associação Congregação de Santa Catarina – Província Santa Catarina. Os resultados desses estudos foram socializados com os professores, através da organização de seminários nas escolas da Associação, para debate e reflexão de questões referentes à temática em estudo. A reflexão, a partilha e o olhar histórico lançado para o carisma de Regina Protmann e a origem da Congregação ofereceram elementos importantes para aprofundamento do tema, destacando a ética em educação como um grande desafio para a contemporaneidade e um compromisso ético como exigência de fidelidade ao carisma da fundadora e da Congregação. O ato de educar é sempre um ato ético, pois é impossível fugir de decisões éticas, desde a escolha de conteúdos até o método a ser utilizado ou a forma de relacionamento com os educandos e educadores. Novos paradigmas em educação se fazem urgentes numa sociedade líquida, para que a pessoa mergulhe numa cultura de sentido de vida. Essa experiência vivida com os educadores foi importante para o embasamento da investigação que está sendo apresentada. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa de cunho fenomenológico, hermenêutico e participante. Foram utilizadas as narrativas dos participantes, coletadas através de entrevistas semi-estruturadas, complementadas pelos relatos dos seminários. Esses dados foram sintetizados e mapeados, usando o princípio da análise do conteúdo. Os estudos de Freire, Dussel, Susin, Boff, Gibellini, Andreola, Bauman, Kung, Lévinas, Bonhoeffer, Morin, Boaventura de Souza Santos, Taille, André deram o principal suporte para a compreensão das reflexões socializadas pelos educadores, educandos e pais. Junto com os diversos autores e em confronto com a prática e o carisma da fundadora, transcorreu um diálogo interativo onde foi possível a construção de uma nova autoria. Os resultados obtidos confirmaram que a ética em educação com novos paradigmas para o nosso tempo requer um novo conjunto de práticas pedagógicas e sociais que visualizem valores e princípios comprometidos com o cuidado humano-ecológico.

Palavras-chave: Ética. Educação. Paradigma. Carisma.

ABSTRACT

Ethics in education: new paradigms for our time is the subject of this study. It started of the anxieties of research with schools of the Congregation of St. Catherine Association. The results of these studies were socialized with teachers, through workshops in schools of the Association, for debate and reflection of questions concerning subject matter in study. The reflection, the share and historic look launched to the charism of Regina Protmann and the origin of the congregation, offered important elements, pointing out the ethics in education in a great challenge, and an ethical commitment as a requirement of fidelity to the charism of the founder of the congregation. The act of educating is an ethic act, then its impossible escape of ethic decisions, from choice of contents until the method that must be used or the form of relationship with the students and educators. New paradigms in education are important for people dive in a culture of sense of life. This experience shared with educators was important to the investigation that is being showed. The research had an qualitative approach and participant. The narratives of the participants were collected through supplementaries interviews of the seminars. These data were summarized and mapped, using the principle of analyzing the content. Studies of Freire, Dussel, Susin, Boff, Gibellini, Andreola, Bauman, Küng, Lévinas, Bonhoeffer, Morin, Boaventura de Souza Santos, Taille and André gave the main support to the comprehension of the reflections socialized by educators, students and parents. Together with several authors and in confrontation with the practice and charism of the founder, passed an interactive dialogue where it was possible the construction of a new author. The results confirmed that ethic in education with new paradigms, requires a new set of educational practices and socials that gave importance and commitment with the human care- ecological.

Keywords: Ethics. Education. Paradigm. Charism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONVERSANDO SOBRE ÉTICA E OUTROS CONCEITOS SOB O OLHAR BÍBLICO-TEOLÓGICO	16
1.1 Ethos	16
1.2 Moral	18
1.3 Ética	19
1.4 Alteridade	19
1.5 Paradigma	20
1.6 Carisma	22
1.6.1 <i>Os carismas no Primeiro e Segundo Testamento</i>	22
1.6.2 <i>Compreensão teológica dos carismas</i>	24
1.6.3 <i>Carisma do/a fundador/a e do Instituto</i>	24
1.7 A ética no Primeiro Testamento	26
1.8 A ética no Segundo Testamento	28
1.9 Consciência moral: faculdade de discernimento e decisão	30
2 UM CARISMA SEMPRE PRESENTE.....	39
2.1 A ética na gênese do projeto político pedagógico das escolas da Província Santa Catarina	48
2.2 Escola, espaço de humanização e de construção da ética	53
2.3 Educação libertadora para uma ética da libertação.....	62
2.4 Ética e educação na contemporaneidade	72
2.4.1 <i>A transversalidade da ética na escola</i>	73
2.4.2 <i>O engajamento ético</i>	82
2.4.3 <i>Ética como inspiração para o pensar e agir educacional</i>	83
3 PROPOSTA ÉTICO-PEDAGÓGICA: PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE	93
3.1 O caminho percorrido	93
3.2 O que dizem os interlocutores.....	96
3.3 O carisma de Regina Protmann na Educação	106
3.3.1 <i>Novos paradigmas para a educação contemporânea</i>	117
3.3.2 <i>Desafios éticos para uma educação transformadora</i>	119

3.3.3 <i>Pedagogia feminina: a educação no embalo da ternura e da compaixão</i>	123
CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS	142
ANEXO: Entrevista / Seminário	147

INTRODUÇÃO

Falar de própria trajetória, através da escrita, é um grande desafio, pelo fato do conhecimento parcial que temos de nós mesmos. Contudo, vou tentar descrever o lugar de onde parte meu olhar sobre o objeto que me proponho a pesquisar.

O desejo de realizar esta pesquisa surgiu dos anos de atuação junto às escolas da Associação Congregação de Santa Catarina no Rio Grande do Sul. A partir da prática e dos encontros de reflexão, venho percebendo que a construção da ética em educação está sendo um grande desafio para os educadores diante da realidade social, política e econômica em que vivemos. O ato de educar é sempre um ato ético, pois é impossível fugir de decisões éticas, desde a escolha de conteúdos até o método a ser utilizado ou a forma de relacionamento com os alunos. Como nos afirma Freire,

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e àqueles que se acham em formação para exercê-la. Educadores e educadoras não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética.¹

Contudo, percebo também que nos últimos anos a preocupação de toda equipe pedagógica, que envolve vários setores das escolas, concentrou seus esforços na construção do Projeto Político Pedagógico, o qual necessita (re)ver o Carisma da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, no que se refere à sua prática educacional e aos desafios éticos que emergem do mesmo.

Essas instituições, no seu projeto pedagógico, fundamentam-se numa filosofia que propõe uma educação centrada no sentido da vida, ao mesmo tempo em que buscam um processo de excelência escolar, pedagógica e humanística. Procuram, ainda, qualificar as relações pessoais, sociais, políticas e transcendentais, a fim de que o ser humano aspire à plenitude e possa assumir a própria história, num relacionamento de vida nova que tem a marca da fraternidade, da coragem e da autonomia. A filosofia ainda expressa a formação de um cidadão ético, cívico e religioso que aprenda a amar a vida, o conhecimento e a cultura.

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 16.

Diante dos desafios da pós-modernidade, as escolas da Associação Congregação de Santa Catarina encontram-se num momento histórico em que necessitam redimensionar sua ação educativa, a fim de que possam ser resposta ao Carisma Congregacional nos tempos atuais.

A realidade atual nos convoca a assumirmos novas posturas éticas e novos paradigmas educacionais. Vivemos num mundo em que nossas famílias, jovens e crianças sofrem as influências do capitalismo selvagem, da globalização, da crise dos valores morais e éticos, da perda do sentido de vida, do desrespeito pelo ser humano e pela vida planetária.

As possibilidades de vida e de satisfação passaram a concentrar-se no tempo presente. O mercado colonializa o mundo da vida, pois introduz no tecido fino das relações humanas os critérios, os valores, os métodos que lhe são próprios. Tudo é calculado em função da conveniência e da utilidade, reduzindo espaços da gratuidade, da solidariedade e da disponibilidade ao sacrifício para o bem do outro, mas tudo canalizado para a produção do lucro e do poder.

Vivemos no meio de uma crise do sistema central de vida, que passa a afetar todos os subsistemas como o pessoal, o econômico, o político, o cultural e o religioso, gerando um clima generalizado de instabilidade, de risco e de violência.² Diante disso surge, em todos os lugares, a pergunta sobre a ética. O debate em torno de questões que suscitam referência a valores e seus fundamentos ocupa o espaço em muitos segmentos sociais e intelectuais. Temas como justiça, direitos humanos, meio ambiente, natalidade, demografia e justa repartição de bens tornaram-se desafios planetários, de interesse imediato de todas as pessoas.

Surgem questões relativas à vida humana, pois o ser humano dotado de razão, de autonomia e de liberdade, capaz de conhecer suas mais intrincadas características pessoais através do mapeamento de seus genes, capaz de reproduzir-se fora do próprio organismo, de fazer a clonagem de si mesmo, de descobrir técnicas sofisticadas para a solução dos diferentes problemas, ainda se pergunta sobre sua natureza, sua origem e seu fim, sobre o sentido de sua vida.

² Cf. BOFF, L. *Ética mundial e processo de mundialização*. In: HUME, L. M. *Ética*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1997. p. 70.

Nos países subdesenvolvidos, como no Brasil, formam-se os bolsões de miséria que sofrem humilhações de toda ordem, sem terem acesso aos direitos básicos de sobrevivência como cidadão. Esta realidade é fonte de muitos problemas como depressão, violência, prostituição, consumo e tráfico de drogas. Além disso, nosso país encontra-se ameaçado por inúmeros problemas ecológicos, como vemos em manchetes de jornais afirmando: “A Terra derreteu”. Diante disso, precisamos dar atenção à questão ética e moral, pois a Terra está ameaçada em seu equilíbrio ecológico e a maioria da humanidade sofre sob as pesadas injustiças sociais. Essas e outras tantas são as realidades que nos inquietam diariamente e diante disso nos perguntamos: Como o Carisma de Regina Protmann, fundadora da Congregação de Santa Catarina, pode ser resposta aos desafios éticos na educação que emergem da contemporaneidade?

Educar para a vida tem sido o empenho das escolas da Associação Congregação de Santa Catarina. Na prática, porém, do projeto pedagógico, isso permanece na sombra do fazer acontecer educação que promova ações transformadoras em que a ética e os valores sejam a vitrina a ser contemplada não de forma passiva, mas como provocadora de mais vida para toda a humanidade.

Como educadora dessas escolas, sinto-me, profundamente comprometida com a vivência do Carisma Congregacional na educação. Nesse momento histórico essas reflexões estimularam-me a tomar como objeto de pesquisa a **“Ética em educação: novos paradigmas para nosso tempo”**, pois, diante de uma sociedade neoliberal, precisamos de um novo impulso ético e cidadão para pensarmos uma outra educação em que todos sejam incluídos e tenham acesso ao conhecimento, onde o educando possa criar espaço para construir valores essenciais para à vida.

Acredito na possibilidade de construirmos uma escola como espaço onde se criam ideias, perspectivas e diversidade de pensamento; onde o educador respeita as diferenças de raciocínio e de lógica de seus diferentes educandos; onde os conteúdos passam a ser um meio e não um fim; onde se constrói espaço para a criatividade, novas potencialidades e que seja um lugar onde não se limita conceitos, atitudes e posturas; onde sejam discutidas e vivenciadas as questões da ética, estética e valores.

Diante de tudo isso, pareceu-me importante contribuir com as escolas da Associação Congregação de Santa Catarina, para que respondam aos desafios

éticos em educação, na contemporaneidade, e ao Carisma Congregacional. Minha pretensão é analisar a proposta educacional das escolas da Associação Congregação de Santa Catarina, a partir do Carisma Congregacional e dos desafios éticos da contemporaneidade, investigando junto aos educadores, pais e alunos das escolas da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, a prática ético-pedagógica a partir desse Carisma.

A metodologia adotada para a realização da pesquisa tem cunho hermenêutico, bibliográfico e social, pois para a coleta de dados foi necessário mergulhar em diversas obras históricas e interagir com os/as educadores/s, alunos/as, pais e mães das escolas da Associação Congregação de Santa Catarina - Província Sul Brasileira, utilizando-se de seminários e questionários. A pesquisa social trabalha com pessoas, com atores sociais em relação, com grupos específicos. Esses sujeitos da investigação são construídos teoricamente enquanto componentes de um objeto de estudo. Empiricamente, fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação com o pesquisador, resultando um produto novo e contrastante, tanto com a realidade concreta, quanto com as hipóteses e pressupostos teóricos, em um processo amplo de produção de conhecimento.

O texto encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, O segundo capítulo apresenta a fundamentação epistemológica de alguns conceitos necessários para compreensão do texto e lança um olhar Bíblico-Teológico sobre a ética, mergulhando em alguns textos do Primeiro Testamento e do Segundo Testamento. O segundo capítulo “Um Carisma sempre presente”, apresenta um resgate histórico da vida de Regina Protmann e uma descrição do Projeto Político Pedagógico das escolas da Associação a partir dos desafios éticos da contemporaneidade. O terceiro capítulo apresenta a Proposta Ético-Pedagógica: Paradigma Educacional Emergente na palavra dos/as Educadores/as, Pais, Mães e Alunos/as, interlocutores desta pesquisa, que contribuem na reflexão do Carisma de Regina Protmann na educação.

A educação tem um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade. Para isso, é importante construirmos a Ética da solidariedade planetária, com a humanização do gênero humano para “gestarmos” uma nova humanidade.

O tema dessa pesquisa considero de extrema relevância no contexto em que vivemos. Atualmente, fala-se da desconstrução de valores, da valorização hedonista do momento, da primazia dos interesses individuais em prejuízo da transcendência, da sociabilidade e da solidariedade. O esforço, a disciplina e a austeridade são dissolvidos e desvalorizados em proveito do culto ao prazer, ao imediato, ao bem-estar aqui e agora. O culto do corpo individual abala e ofusca a representação do corpo social do mesmo modo que a apreensão da alteridade desaparece em função da identidade.

As opções éticas são feitas ao gosto do indivíduo e todos os comportamentos são considerados válidos, podendo coabitar lado a lado. Impõe-se a celebração da mercadoria, do consumo, da celeridade e da futilidade que ofuscam a consciência das terríveis fraturas sociais e da necessidade de novos modelos de desenvolvimento social. O ser humano trocou a avaliação ética do mundo pela avaliação estética. Vivemos numa sociedade fragmentada, na qual as informações nos vêm, torrencialmente, por inúmeras fontes, agora acrescentada pela internet. Tornamo-nos habitantes de uma espécie de “planeta google”³ onde basta um simples clicar para nos colocar em contato com milhares de fragmentos do conhecimento.

Diante desse contexto, percebemos a ética em educação como um tema a ser aprofundado, pois os espaços educativos contribuem na construção do ser humano capaz de práticas solidárias e transformadoras. Portanto, realizar a releitura do Carisma de Regina Protmann na educação, com suas implicações éticas, para que a Associação Congregação Santa Catarina possa ser resposta coerente nesse tempo histórico é um dos grandes desafios dessa pesquisa.

³ TAILLE, Yves de La. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 30.



“Não é possível pensar seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela”.
(Paulo Freire)

1 CONVERSANDO SOBRE ÉTICA E OUTROS CONCEITOS SOB O OLHAR BÍBLICO-TEOLÓGICO

Nesse capítulo queremos discutir sobre os referenciais epistemológicos que nos ajudam a refletir sobre a temática em estudo e que nos darão solidez às reflexões sobre ética em educação. Os conceitos aqui descritos não querem limitar nosso embalo refletivo durante o estudo, mas querem nos ajudar a compreender os termos-chave que nos propomos a aprofundar: Ethos, moral, ética, alteridade, paradigmas e carisma. Buscamos aprofundamentos a partir de um diálogo entre as ciências da Filosofia e da Teologia. Sabemos que o aprofundamento interdisciplinar contribui para contextualizarmos nossa reflexão e compreendermos a temática em estudo.

1.1 Ethos

A palavra ética vem do grego que pode ser grafada de dois modos: com uma vogal breve – épsilon e com uma vogal longa – êta. Ethos com eta significa costume, morada, residência, lugar onde se vive, abrigo permanente, espaço do mundo selecionado que se faz habitável. Esta morada deve ser cuidada, continuamente melhorada para que possibilite ao ser humano se sentir seguro e bem no mundo.

Ethos com épsilon significa também costumes, mas como hábitos relacionados com o caráter, a índole natural, o temperamento, o conjunto das disposições de cada pessoa ou de cada povo, maneiras de agir, de tratar as coisas da casa, de dividir os espaços. Esses costumes são mediações que se ordenam a fazer a vida humana habitável, boa, caminhos concretos da auto-realização pessoal e societária. Eles devem ajudar a criar a morada.

Portanto, Ethos pode significar morada do ser – ética – ou modo de ser no mundo – moral. Dessa maneira, compreende-se que todo ethos é dinamicamente construído. Ele se manifesta quando organizamos nossa vida dentro de um tempo e de um espaço, na medida em que vamos escolhendo a melhor resposta que podemos dar frente aos desafios que nos são colocados pela existência. A esse processo organizativo poderíamos chamar de ethos em ação. Ali surgem os valores,

as normas, os costumes de uma civilização, de um povo, de um grupo social, de um indivíduo.⁴

Boff afirma que é no cuidado que encontramos o ethos necessário para a socialidade humana. Ao falar sobre o ethos, ele o define dessa forma:

[...] queremos expressar um conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origem a atos e atitudes que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente. É urgente um novo ethos de cuidado, de sinergia, de re-ligação, de benevolência, de paz perene para com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas, especialmente das grandes majorias empobrecidas e condenadas da Terra.⁵

No entanto, é preciso lembrar que o ethos não nasce conosco. Nós não construímos nossa casa a partir do nada. Somos herdeiros de uma longa história que possibilitou e possibilita a configuração e a re-configuração do ethos, história essa que integra todas as experiências vividas pela humanidade. Somos inseridos em um mundo que já possui matriz de percepção, um jeito próprio de ser e de se relacionar, jeito que nos permite viver e realizar coisas sem a necessidade de acionar cada vez a nossa capacidade de refletir sobre elas. Assim sendo, o ethos pode ser compreendido como um sistema de disposições adquiridas, mas também como um sistema gerador de novas estratégias.

A geração de novas estratégias fala-nos da capacidade de corrigir, de reformular o modo próprio de viver e de relacionar-se, propondo novos valores e novas práticas que sustentam e regulamentam a vida individual e coletiva. É assim que o ethos, verbalizado ou não, aponta para a identidade mais profunda do ser humano, pelo fato de apresentar-se como um alicerce, como uma base comum, a partir da qual podemos nos reconhecer como seres da mesma espécie.⁶

Jesus Cristo, imagem perfeita do Pai, foi aquele que resgatou esse ethos, abrindo-nos as portas para o tesouro humano, numa configuração do divino e do humano. Quanto mais nos aproximarmos do ethos revelado em Cristo, melhor nós conheceremos o ethos no humano, cuja essência está na prática do cuidado que

⁴ Cf. BOFF, L. *Ethos mundial*. Brasília: Letra Viva, 2000. p. 35-36.

⁵ BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 39.

⁶ Cf. AGOSTINI, N. *Teologia moral*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 36-37.

salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos.⁷

1.2 Moral

A palavra moral origina-se do latim *mos-mores* e designa os costumes, o comportamento ou as regras que regem nossa vida. Tem a função de apontar normas, princípios, valores que orientam o agir humano. Responde à pergunta: o que é preciso fazer?

Constitui-se uma busca responsável de organização e sistematização dos valores e regras que sejam válidos em nosso tempo, em nosso espaço para a indicação de um caminho possível e necessário para a realização humana em todos os sentidos. Como ciência, ela se ocupa dos fundamentos da ação humana; como ensino, ela comporta todo um conjunto sistematizado, organizado e hierarquizado de regras e de valores de um grupo, de uma sociedade, de uma cultura, de uma religião ou mesmo de um indivíduo.

Vázquez, ao falar da essência da moral, afirma que:

Moral é um dos sistemas de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um caráter histórico e social, sejam acatadas livre e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal.⁸

A moral precisa sempre estar relacionada ao ethos. Todo grupo humano deveria construir sua fundamentação moral – regras, códigos, normas, leis – a partir do seu próprio ethos. O desprezo pelo ethos pode nos levar a um perigoso desenraizamento, a uma distância de todas as riquezas que já adquirimos. No entanto, um apego demasiado ao já conquistado pode nos cegar para os contravalores introjetados e não permitir que aceitemos e compreendamos a novidade que desponta em determinadas épocas e situações.

⁷ Cf. BOFF, 1999.

⁸ VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 84.

1.3 Ética

A ética se origina do grego *ethos* e tem, praticamente, o mesmo sentido da palavra moral. Etimologicamente, ela designa também os costumes, o comportamento, as regras. A partir da filosofia moderna a ética ocupa-se dos fundamentos da moral. Ela tem um caráter mais reflexivo e debruça-se sobre a problematização, a investigação e a interpretação dos valores e das normas morais para ratificá-las ou depurá-las.⁹

Mesmo havendo uma distinção sobre os respectivos significados, existe uma relação entre *ethos*, ética e moral. A ética tem uma função de discernimento em relação ao *ethos* e em relação à moral, para perceber se as normas e leis elaboradas por uma determinada cultura ou sociedade são aplicáveis. A moral, ao construir regras necessárias à ordenação do bem viver, deve estar, por sua vez, sempre atenta às indicações do *ethos*, mas também às reflexões críticas feitas pela ética.

Só assim podemos nos livrar das possíveis reduções, que empobrecem o sentido de viver, das absolutizações, que fixam como imutável aquilo que é relativo a um determinado grupo, tempo e espaço e da domesticação da diferença do outro, numa escala que vai do autoritarismo à manipulação a qualquer preço.

Nessa perspectiva, é possível dizer que a existência da moral em uma cultura ou sociedade nem sempre indica a presença explícita de uma ética, compreendida aqui como a instância reflexiva que se dispõe a discutir, e problematizar e a interpelar o significado dos valores existentes ou dados para que se cumpra a exigência do ser humano de habitar humanamente seu mundo.

1.4 Alteridade

A alteridade nos introduz numa dinâmica de intersubjetividade marcada pela reciprocidade relacional. Quando falamos em alteridade supomos um diálogo entre um “eu” – o si mesmo e um “tu” – o diverso de si, agregando também o “nós” – uma causa, um ideal, uma obra, valores. A alteridade coloca-nos diante do outro, deixando que brote deste encontro um projeto de justiça, de partilha da vida e do

⁹ Cf. CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 339.

mundo. De acordo com Buber, a alteridade se instaura somente na relação Eu-Tu, pois na relação dialógica estão na presença o Eu como pessoa e o Tu como outro.¹⁰

Acolher a interpelação do outro é entrar na dinâmica de sua epifania, da revelação do Deus criador. Aceitar o outro, assim, implica em compromisso que vai para além do olhar especular; uma aceitação real da relacionalidade de mão dupla; um negar-se como totalidade; um afirmar-se como ser finito, dependente, vulnerável, necessitado, mas também desejoso do infinito que pode ser vislumbrado para além da mesmice que fecha horizontes e possibilidades de transcendência. De acordo com Agostini:

A alteridade me coloca face a face com o outro, deixando irromper um projeto de justiça, na partilha do mundo. Deixar que o outro se mostre e me interpele é entrar na dinâmica da “epifania” do Outro divino, o Deus criador. A aceitação do outro implica um compromisso/obrigação, um negar-se como totalidade, um afirmar-se como finito, na disposição de ir além da captação de um rosto sensível para colocar-se a serviço do outro. Isto nos faz desembocar na atitude discipular de um contínuo saber-ouvir como base de uma vida fecunda, pois deixa irromper o novo.¹¹

O outro rompe com a segurança de meu mundo, ele chega de repente, sem que eu possa anular essa sua presença e seu sentido. Ele é um acontecimento concreto que desestabiliza as certezas da minha inteligência, porém, mesmo permanecendo diferentes podemos nos encontrar. Dessa forma, podemos afirmar que a “ética é a construção do sentido de vida humana desde o encontro com o outro”.¹²

Dussel ao falar na ética da libertação nos remete à ética da responsabilidade, pois esta rompe com as estruturas sociais injustas que aprisionam o outro, tornando-o participante na transformação das situações causadoras de opressão.

1.5 Paradigma

O termo “paradigma” vem do grego *parádeigma*, significa “exemplo”, “tipo” ou “padrão”. Os paradigmas funcionam como macromodelos que modelam nossos

¹⁰ BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

¹¹ AGOSTINI, 1997, p. 44.

¹² SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento: uma introdução à ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 56.

esquemas mentais e nossa visão de mundo. Precisamos hoje de novos paradigmas que nos permitem uma melhor observação dos fatos e, sobretudo, de uma nova visão do mundo e da vida, tendo em vista uma ética humanitária.

Para Platão, paradigma significa modelo ou regra que serve de exemplo e para Aristóteles é o argumento que pode ser generalizado. Kuhn define paradigma como a constelação de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros de uma comunidade científica.¹³ Sob seu ponto de vista, paradigma refere-se a modelo, padrões compartilhados que permitem a explicação de certos aspectos da realidade. Paradigmas são muito mais que teorias, pois implicam uma estrutura que gera novas teorias, que estabelece critérios, parâmetros considerados aceitáveis por uma comunidade científica responsável pelo sistema de organização do trabalho científico. Para Kuhn, paradigma constituiria um conjunto de crenças, princípios e pressupostos que, em determinado momento histórico, predomina e direciona a investigação científica. Porém, quando possíveis falhas começam a incomodar, membros da comunidade científica partem em busca de novas teorias, de um novo conceitual capaz de dar conta dos problemas que começam a se repetir. Surge então, de acordo com Kuhn, a chamada crise de paradigma que leva à mudança de paradigma.

Para Boaventura Santos, a crise revela uma insatisfação em relação aos conceitos e métodos básicos de investigação até então utilizados e seu significado indicaria que é chegada a hora de renovar os instrumentos da pesquisa científica e buscar novos referenciais teóricos, crenças, valores e concepções que estão norteando o pensamento humano.¹⁴ Para dar conta da crise é preciso que um novo paradigma se constitua e isso Kuhn chama de revolução científica que dá origem a uma ciência revolucionária ao estabelecer um contraponto com a ciência normal. Outros autores como Alicia de Catalano de Bonamigo e Zaia Brandão, ao se referirem à questão do paradigma, afirmam:

[...] um simples folhear dos periódicos em Ciências Sociais permite identificar, já há algum tempo, que a discussão caminha da crise *dos* paradigmas para a crise *de* paradigmas. Isto significa ser o questionamento não mais apenas das referências hegemônicas no âmbito teórico – os

¹³ KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994. p. 225.

¹⁴ Cf. SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2. p. 25.

paradigmas – mas da própria validade da noção de paradigma, enquanto modelo explicativo, no campo do conhecimento.¹⁵

A visão sistêmica, complexa e transdisciplinar dos fenômenos, eventos e processos que caracteriza o quadro epistêmico atual sinaliza que um novo paradigma está se consolidando e uma nova maneira de compreender a realidade está surgindo no horizonte. De acordo com Morin, é o paradigma da complexidade que requer um pensamento dialógico, recursivo e multidimensional para que possa se enraizar na cultura.¹⁶ É um pensamento que possui também uma dimensão ecossistêmica, uma dimensão relacional. Para essa mudança de paradigma precisamos mobilizar as nossas atenções, intenções e direcionar nossos pensamentos, nossos esforços e nossas ações.

Os novos paradigmas descortinam-se ante nossa perplexidade, como matrizes de novidade ainda em processo, como novos areópagos para o anúncio do Reino da verdade, da justiça e do amor, e como passagens inevitáveis que nos fazem repensar a fé num outro lugar, à semelhança das “páscoas” já vividas na história do Povo de Israel. Portanto, os novos paradigmas oferecem-nos *novos endereços* para a experiência da ética humanitária onde amor seja o primeiro verbo a ser conjugado em defesa da vida.

1.6 Carisma

A palavra Carisma tem origem da palavra grega *charisma* que significa *dom gratuito* e se relaciona com a mesma raiz que *cháris, graça*. O carisma é uma graça especial e extraordinária ou uma graça simples ou comum, pela qual o Espírito Santo torna a pessoa apta e pronta para edificar a Igreja.

Para compreendermos melhor o que é um carisma, apresento alguns elementos teológicos que nos ajudam a refletir sobre a temática.

1.6.1 Os carismas no Primeiro e Segundo Testamento

No Primeiro Testamento a presença do Espírito de Deus se manifestava, nos homens e mulheres que ele inspirava, por dons extraordinários que iam da

¹⁵ BONAMIGO, A. C.; BRANDÃO, Z. Posfácio. In: BRANDÃO, Z. (Org.). *A crise dos paradigmas em educação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 89.

¹⁶ Cf. MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 47.

clarividência profética (1Rs 22.28) ao êxtase (Ez 3.12) e aos arrebatamentos misteriosos (1Rs 18.12). Isaías relacionava ao Espírito os dons prometidos pelo Messias (Is 11.2), e Ezequiel, a transformação dos corações humanos (Ez 36.26s), enquanto Joel anunciava a universalidade de sua efusão sobre a humanidade (Jl 3.1s).¹⁷

No Segundo Testamento, no livro dos Atos dos Apóstolos, o Espírito se manifestava desde o dia de Pentecostes, quando os Apóstolos publicam as maravilhas de Deus em todas as línguas (At 2.4.8-11), conforme as escrituras (At 2.15-21). Após a presença do Espírito se mostra de diferentes maneiras, sobretudo depois do batismo e da imposição das mãos (At 8.17s; 19.6); pela ação dos profetas (At 11.27s; 15.32; 21.10s), dos doutores (At 13.1s), dos pregadores do Evangelho (At 6.8s), pelos milagres (At 6.8; 8.5s) e visões (At 7.55). Esses carismas particulares são concedidos em primeiro lugar aos Apóstolos, contudo encontram-se também nos grupos ligados a eles.

Nas cartas paulinas a expressão “carisma” é empregada dezessete vezes em diferentes contextos. Essa expressão tem a mesma raiz que *charis*, palavra que indica a bondade daquele que dá, o próprio dom e a gratidão suscitada na pessoa beneficiada. Dessa forma, podemos compreender carisma como um dom da graça no âmbito moral ou existencial; a concretização e a identificação pessoal da graça salvífica concedida por Deus.

É o Espírito Santo que comunica os dons de Deus e dispensa os carismas aos fiéis. Como dom divino, o carisma não pode ser considerado separado da sua fonte. Ninguém pode se apropriar dele. É um dom gratuito confiado por Deus a alguém.

Os textos de 1Co 12-14 e Rm 12 nos apresentam algumas questões fundamentais sobre os carismas que são importantes serem destacados:

- Existe na Igreja uma grande variedade de dons e vocações: os carismas são tantos quantas são as necessidades da Igreja nos diferentes períodos de sua existência.
- É Deus quem concede estes dons: são chamados de carismas para destacar seu caráter gratuito.

¹⁷ Cf. DUFOUR, Xavier Leon. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 123-126.

- Deus confia graças, tarefas e missões particulares aos fiéis em vista do serviço à comunidade.
- Os carismas edificam a Igreja e criam a variedade e a unidade no seio da mesma.

1.6.2 *Compreensão teológica dos carismas*

A encíclica *Mystici Corporis* apresenta uma das primeiras sínteses da evolução do termo *charisma*.¹⁸ Pio XII indica que os carismas são um elemento estrutural da Igreja e não apenas intervenções extraordinárias que o Espírito operou na Igreja das origens, mas também formas ordinárias de serviço à comunidade eclesial.

A constituição dogmática *Lumen Gentium* oferece uma eclesiologia que, com seus traços pneumáticos, permite perceber a ação múltipla do Espírito Santo.¹⁹ Ela reconhece que o Espírito Santo forma e dirige a Igreja, graças a uma diversidade de dons hierárquicos e carismáticos.

O Vaticano II reconhece, ao lado dos carismas “extraordinários”, aqueles “mais simples e amplamente difundidos”. Dessa forma, a noção de carisma acabou sendo uma das mais empregadas no atual processo de renovação da vida consagrada. Entre os numerosos carismas mediante os quais o Espírito anima e guia a Igreja, o mais destacado é o carisma da vida consagrada que, no decurso dos séculos, atualiza de diferentes formas o apelo ao seguimento de Cristo pelo caminho dos conselhos evangélicos.

1.6.3 *Carisma do/a fundador/a e do Instituto*

O carisma do/a fundador/a é um dom pessoal que uma pessoa recebe do Espírito Santo e que este coloca na origem de uma família religiosa. Trata-se de um dom particular doado a/o fundador/a para fundar um instituto. Estando na origem da experiência da fundação, o carisma do/a fundador/a apresenta as principais linhas espirituais que caracterizam a identidade própria do instituto, sua missão na Igreja, sua espiritualidade.

Os fundadores/as vivem uma experiência particular do Espírito que os/as introduz numa nova compreensão existencial do mistério de Cristo, do Evangelho,

¹⁸ Cf. PIO XII. *Mystici Corporis*. São Paulo: Paulinas, 1965. p. 16-59.

¹⁹ Cf. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio, Constituições, Decretos, Declarações*. São Paulo: Paulinas, 1967. p. 130-137.

da vida cristã, de forma a definir a fisionomia de uma obra, a qual se traduz em serviço à Igreja e à sociedade como uma resposta concreta aos sinais dos tempos. Eles são chamados/as a comunicar aos outros/as sua experiência. Os conteúdos dessa experiência constituem o que denominamos o carisma do/a fundador/a.

O carisma do/a fundador/a, uma vez vivido e partilhado no curso da história, torna-se o carisma do Instituto. Por carisma do instituto podemos compreender o desenvolvimento das virtualidades e possibilidades genéticas contidas no carisma do/a fundador/a. Esse carisma precisa ser desenvolvido no curso da história de forma dinâmica com todo seu potencial de inspiração inicial e mostrar suas expressões históricas possíveis.

Todo carisma é dado em vista da vida do mundo. Um carisma só é compreendido na medida em que é realizado. O exercício atento e generoso da dimensão intrínseca de serviço e missão é que permitirá descobrir um carisma sob todos os seus aspectos e com todas as suas potencialidades.

Todos os conceitos acima aprofundados: Ethos, Moral, Ética, Alteridade, Paradigma e Carisma são importantes para compreendermos suas interferências no decorrer do texto. Entendemos paradigma dentro de um conjunto de ideias que estão dentro de uma dinamicidade. Vivemos num tempo em que falamos na crise de paradigmas onde são questionadas as referências hegemônicas no campo teórico e a validade da noção de paradigma, enquanto modelo explicativo, no campo do conhecimento. Portanto, a crise de paradigma exige o rompimento do reducionismo teórico, ampliando o conhecimento em vários campos disciplinares.

Falamos em “novo paradigma” como forma de romper com as práticas e os conhecimentos hegemônicos no campo da educação do século XVI. Como afirma Brandão: “No campo da Educação, a reflexão sobre a crise dos e de paradigmas coloca-nos, de forma radical, o desafio de repensar e reconstruir criticamente nossa identidade enquanto campo do conhecimento”.²⁰

A partir do carisma de Regina Protmann, precisamos pensar na ética da proximidade a partir da vivência do ágape cristão para desvelar no mundo atual a dimensão ética da alteridade pessoal. Dessa forma é possível espessar precisamente a singular dignidade da pessoa humana, a qual é a única criatura na

²⁰ BRANDÃO, Zaia (Org). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 93-94.

terra que Deus quis por si mesma. Portanto, o conteúdo decisivo da moral se mede pela referência ao “outro”, que para o cristão significa tornar-se “próximo”. A práxis ética do cristão consiste em “fazer-se próximo” do outro, segundo o evangelho de Lc 10.36. O texto de 1Co 13 apresenta uma proposta de vida ética e um bom caminho para chegar à meta desse ethos da proximidade:

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos, se eu não tivesse o amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente.
 Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência; ainda que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse o amor, eu não seria nada.
 Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse o amor, nada disso me adiantaria.
 O amor é paciente, o amor é prestativo; não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho.
 Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor.
 Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade.
 Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
 O amor jamais passará.
 As profecias desaparecerão, as línguas cessarão, a ciência também desaparecerá.
 Pois o nosso conhecimento é limitado; limitada é também a nossa profecia. Mas, quando vier a perfeição, desaparecerá o que é limitado.
 Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança.
 Depois que tornei adulto, deixei o que era próprio de criança.
 Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face.
 Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido.
 Agora, portanto, permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor.
 A maior delas, porém, é o amor.

1.7 A ética no Primeiro Testamento

Deus revela-se à humanidade através de uma pedagogia progressiva entre acertos e desacertos para “preparar a vinda de Cristo” (DV, nº 15). Sua revelação vai se construindo através de apelos morais muito próximos à revelação cristã.

No Primeiro Testamento o ensinamento moral vem formulado em função das situações históricas pelas quais o povo estava passando: situações sociais e políticas. Temos os códigos legislativos que mostram claramente a situação sócio-política do seu tempo. O povo da Bíblia errante, expatriado, sem nacionalidade definida soube reconhecer como seus os valores de toda verdadeira moral, mesmo

aquela vivida por outras nações, sentindo e discernindo o que lhe era favorável à vida.²¹

Uma pluralidade de métodos vem marcando o despertar do povo escolhido. O sacerdote, o profeta e o sábio orientam a conduta humana, cada um da sua maneira. O sábio reflete sobre o cotidiano e orienta na direção da ordem que provém de Deus. O profeta busca reconduzir e revigorar o povo a uma vida moral segundo o autêntico espírito da Aliança. O sacerdote reúne no Pentateuco uma quantidade de leis, reunidas em diferentes códigos: o Decálogo Moral (Ex 20.2-17; Dt 5.6-21); o Decálogo Ritual (Ex 34.10-28), o Código da Aliança (Ex 20.22-23,19), a Lei da Santidade (Lv 17.1-26) e a abundante Legislação Sacerdotal, ligada às narrativas da criação (Gn 1.1-2,4a); da aliança com Noé (Gn 9.1-17), da aliança com Abraão (Gn 17) e da aliança do Sinai (Ex 19.1.2a; 24.15b-18a; 25-31; 35-40; o Levítico e Nm 1-10).

A moral do Pentateuco é uma moral da História, portadora de um projeto divino e humano:

- A História do Êxodo – acompanhada de incessantes libertações;
- A História da Aliança com Javé – marcada pela absoluta gratuidade: expressão de amor e iniciativa de Deus e resposta do homem e da mulher.
- A História que prepara a Encarnação do Filho, manifestação plena do Deus-amor, através de uma caminhada construída por um êxodo constante.

Os profetas souberam, mesmo em tempos de crise, ter a clareza do equilíbrio entre a obediência aos mandamentos e o culto verdadeiro. Segundo eles, o próprio culto ganha seu valor e sua consistência quando se torna expressão de uma vida moral segundo o autêntico espírito da Aliança. Em Isaías 1.15-17 vemos como a conduta moral, baseada no direito e na justiça, constitui o essencial da revelação da Aliança:

Quando estendeis as vossas mãos,
Escondo de vós os meus olhos.
Ainda que multipliqueis a oração, eu não ouço:
Vossas mãos estão cheias de sangue!
Lavai-vos, purificai-vos.
Tirai as maldades de vossas ações de minha frente.
Deixai de fazer o mal!

²¹ Cf. HÄRING, Bernhard. *Livres e fiéis em Cristo: Teologia Moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979. v. I. p. 15-60.

Aprendeis a fazer o bem!
 Procurai o direito, corrigi o opressor.
 Julgai a causa do órfão, defendei a viúva.

Com Javé não há diálogo sem a prática da justiça (cf. Pv 21.3; Os 5.6; Is 1.10s; Jr 6.20-21; 7.21-28; 14.12; Zc 7.1-6). Por este motivo vemos as constantes críticas dos profetas contra os desvios de culto (Is 1.10-20), contra magia (cf. Dt 11.16; Is 2.6-7; 2.29-30; 8.19; 17.10-11; Eclo 35.11), contra o ritualismo (cf. Is 66.1-2; Ez 11.6; 24.18-26; Jt 8.21-24; 2Mc 5.19) e contra o sacerdotalismo (cf. Is 28.7-8; Ez 20.12). Os profetas têm o objetivo de conceder ao culto o seu devido lugar: a harmonia com a Revelação e o Amor (cf. 1Sm 15.22; Os 6.6; 8.11-13; Sl 40.7-8). Neste sentido, a vida ético-moral torna-se o espaço do ser humano de fé e seu encontro com a divindade.²²

1.8 A ética no Segundo Testamento

O Evangelho (DIVINA REVELAÇÃO) É COMO FONTE DE TODA VERDADE SALVADORA E DE TODA NORMA DE CONDUTA.

Jesus anuncia a intervenção de Deus na história. Ele é o elemento catalisador que coloca tudo em movimento, o centro de tudo (cf. Ef. 1.3-14). Portanto, o elemento decisivo está no seguimento de Jesus; ser seu discípulo é acolher a Boa Nova, entrar e assumir o Reino de Deus. Em consequência disso, vêm os apelos éticos e os engajamentos morais.

Jesus é a fonte inspiradora enquanto une o humano e o divino, abrindo-lhe o caminho para a realização plena. Ele é o Deus encarnado num lugar, num tempo e no meio do povo. Ele é o Verbo feito carne, luz verdadeira, que ilumina todo homem e mulher, fonte de graça e de verdade (cf Jo 1.1-18), o caminho da salvação.

Jesus abraça o ser humano da sua condição de pecado e o mergulha no dinamismo divino que é amor e graça, oferecendo-lhe uma vida nova. Pela sua ressurreição, Cristo é garantia da realização plena de todo ser humano. Para isso somos chamados a uma conversão permanente – metanóia:²³ “Não vos conformeis com os esquemas deste mundo, mas transformai-vos pela renovação do espírito,

²² Cf. VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes*. Aparecida: Santuário, 1978. v. I. p. 35-43.

²³ Transformação de todo nosso ser, com repercussão direta e imediata sobre todo nosso agir.

para que possais conhecer qual é a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita” (Rm 12.2).

Enquanto criados à imagem e semelhança de Deus temos em nós a adoção divina e a própria divinização, sem ter que renunciar ao que nós somos a não ser o pecado. As implicações éticas e morais têm seu fundamento no preceito do amor (Jo 13.34), que se desdobra no amor a Deus e ao próximo (Mt 22.34-40; Mc 12.28-34; Lc 10.25-28); ele abre caminho para o Reino de Deus e a vida eterna (Mt 25.31-46).²⁴ Assim sendo, o amor aos inimigos e perseguidores (Mt 5.4-45) é muito mais do que simplesmente perdoar. Isto implica em compreender que a fidelidade a Deus e à sua Aliança só é possível quando passar pela reconciliação com o próximo (Mt 5.23-24; 1Jo 2.9-11). Assim constitui-se o novo e o maior mandamento (Jo 15.12) que resume toda lei e os profetas (Mt 7.12). Em Jo 13.34 Jesus afirma: “Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros”; e em Jo 15.13: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”. Segundo a vontade de Jesus, o amor a Deus deve exteriorizar-se e provar-se no amor ao próximo (Mt 22.39); enquanto o amor ao próximo tem no amor de Deus seu fundamento sustentador. Precisamos estar atentos de que o “para Deus” não pode se dar sem o “para o próximo”, e que o caminho para o próximo passa pela experiência de Deus.

O tempo decisivo chegou com Jesus, pois com Ele o Reino aproxima-se (Mt 4.17; 10.7; Lc 10.9-11), portanto, é preciso que cada um se decida. Assim sendo, a adesão a Jesus Cristo e a pertença à Igreja passam a ser verdadeiras quando marcadas por uma conduta, unindo fé e vida. Desta forma, São Paulo ao apresentar as listas dos vícios (1Co 5.11; 6.9-10; 2Co 12.20-21; Gl 5.19-21; Rm 1.29-31; Cl 3.5-8; Ef 4.31; 5.3-5), virtudes (2Co 6.6; Gl 5.22-23; Ef 4.2-3) e os deveres domésticos (Cl 3.18-4,1; Ef 5.21-6,9) apela para a consciência dos cristãos, aconselhando-os com as seguintes palavras: “Irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou de qualquer modo mereça louvor” (Fl 4.8). “Examinai tudo e ficai com o que é bom. Abstende-vos de toda espécie de mal” (1Ts 5.21-22).

²⁴ VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. São Paulo: Santuário/Paulinas, 2003. p. 244-247.

A preocupação de São Paulo foi apresentar a vida nova em Cristo. Ao utilizar os termos carne²⁵ e espírito,²⁶ velho homem e homem novo, quer tornar o cristão um cordeiro de Cristo: “Vós não viveis segundo a carne mas segundo o espírito, se de verdade o Espírito de Deus habita em vós” (Rm 8.9); “Devereis abandonar vossa antiga conduta e vos despojar do homem velho, corrompido por concupiscências enganosas, para uma transformação espiritual de vossa mentalidade, e revestir-vos do homem novo, criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade” (Ef 4.22-24; cf 3.1-17).

1.9 Consciência moral: faculdade de discernimento e decisão

Referir-se à consciência enquanto faculdade de discernimento e decisão é apontar para aquilo que é próprio do sujeito dotado de razão e de julgamento. A consciência constitui uma instância aberta e dinâmica, capaz de colocar o ser humano em ligação com a própria transcendência.

Muitos são os fatores que influenciam o ser humano e incidem sobre a sua consciência. Destacamos alguns entre tantos:

- a- **Fatores genéticos:** Toda a vida do ser humano é marcada geneticamente. Desses resultam as características hereditárias, tendências inatas e doenças congênitas.
- b- **Fatores biológicos:** São os agentes químicos e físicos que suscitam mudanças na atividade neurofisiológica de nosso corpo.
- c- **Fatores familiares e educacionais:** Esses influenciam muito na consciência que o ser humano tem de si e do mundo. Muitas são as experiências pessoais e sociais que a pessoa vai vivenciando, assim como o conjunto de interditos e proibições que lhe são passados tanto da educação familiar, escolar e do meio em geral.
- d- **Fatores ambientais:** O mundo no qual vivemos influencia o ser humano. O clima influencia sobre a organização e o comportamento dos povos, sociedades e das pessoas. A alimentação também tem sua contribuição, pois a desnutrição, a fome está na gênese dos distúrbios que atingem a consciência e no desenvolvimento das potencialidades do ser humano. Sabemos, porém, que uma alimentação saudável implica numa qualidade de vida.
- e- **Fatores sócio-políticos e econômicos:** Esses repercutem no dia a dia das pessoas. A construção da sociedade e o lugar que a pessoa humana ocupa na economia de mercado com sua modernização, as mudanças no mundo do trabalho e a crise ética influenciam no comportamento.

²⁵ O termo “carne” designa o ser humano como um todo submetido à concupiscência, todo tomado pelo desequilíbrio de seus desejos.

²⁶ O termo “espírito” aponta para o ser humano como um todo (corpo e alma) que está vivendo a vida nova de Deus em Jesus Cristo.

Ao lado desses fatores existe também a manipulação premeditada do ser humano com o intuito de alcançar objetivos específicos que venham a favorecer os interesses particulares de uma organização. Essa manipulação pode ser percebida através de diferentes ações que prejudicam a vida humana, animal e vegetal.

- *Ação sobre a natureza.* Essa influencia o equilíbrio do ser humano, pois o meio ambiente sofre muitas alterações, consequência da sua ação depredadora. Muitas são as catástrofes naturais que vêm interferindo na qualidade de vida do ser humano.
- *Ação do ser humano sobre seu semelhante.* O ser humano usa muitas mazelas para manipular o outro, a fim de obter vantagens pessoais, sociais ou políticas. Muitas são as ideologias que visam os interesses de uma pequena minoria em vista da massificação de uma grande maioria.
- *Redução do ser humano.* O ser humano é reduzido a um objeto que satisfaz os interesses de uma pequena minoria que detém o poder. Esse processo manipulador interfere na consciência e nos julgamentos da razão e nos juízos morais da pessoa.
- *Ocultação de verdade.* Essa é realizada das mais variadas formas: contato direto com as pessoas ou grupos; pelos meios de comunicação social; pelo mundo virtual e outros.
- *Ausência de liberdade.* A manipulação através dos diferentes meios e grupos sociais tolhe a liberdade do ser humano, tornando-se escravo das suas próprias crenças, ações e pensamentos. Essas, na sua grande maioria, vêm satisfazer os interesses de um pequeno grupo que detém os interesses econômicos, políticos e sociais.
- *Cegueira ideológica.* Referimo-nos a uma ideologia que simplifica o real para ordená-lo e controlá-lo a partir de uma visão unilateral, inflexível e impermeável, manipulando e controlando os diferentes campos da sociedade: educação, meios de comunicação social, economia, política, religião e outros.

A consciência é parte integrante da pessoa humana que se caracteriza como um ser-de-relações e em crescimento contínuo. Ela participa do processo que conjuga educação e crescimento presente durante toda a vida da pessoa humana, durante a qual emerge a consciência e constrói a personalidade. Nessa trajetória, vão se estabelecendo bases que permitem o surgimento de uma consciência capaz de fazer escolhas e de emitir julgamento moral.

A consciência funciona como uma realidade aberta e capaz de progressão contínua. Dessa forma, vemos que a palavra *consciência*, desdobrada em *cum-scientia*, aponta para um *ver com*, um *conhecer com*, lembrando que é a relação de *alteridade* a que muito bem define a pessoa humana. Por isso, é importante destacar que a consciência leva a pessoa à abertura de si para si mesma, de si para as

outras pessoas, de si para a família, de si para a coletividade. Enfim, a consciência revela-se enquanto abertura ao que ultrapassa o ser humano, a transcendência.

A constituição pastoral do Concílio Vaticano II,²⁷ *Gaudium et Spes* (n. 16) e o Catecismo da Igreja Católica (n. 1776) ao abordar o tema da consciência expressam o seguinte:

Na intimidade da consciência, o homem descobre uma lei. Ele não a dá a si mesmo. Mas a ela deve obedecer. Chamando-a sempre a amar e fazer o bem e a evitar o mal, no momento oportuno a voz desta lei soa aos ouvidos do coração... É uma lei inscrita por Deus no coração do homem... A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz.²⁸

Deus na sua infinita bondade toca o coração humano naquilo que ele tem de mais profundo. Nesse sentido podemos afirmar que a consciência, fundada no amor de Deus a ao próximo, engaja os cristãos a unirem-se uns aos outros na busca da verdade e na solução justa de inúmeros problemas morais, seja a nível pessoal ou social (cf. GS, n. 16).

O discernimento moral supõe consciência reta e verídica e o ser humano situar-se no contexto histórico, captando as situações sociais, culturais e religiosas. Esse discernimento deve ser iluminado pela fé (cf. LG, n. 12) e auxiliado por três fontes: Sagrada Escritura, Tradição e Magistério da Igreja. Esses “estão de tal maneira entrelaçados e unidos, que um não tem consistência sem os outros, e que juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação” (cf. DV, n. 10). Essas fontes procuram traduzir o ethos cristão e apontam para valores.

As normas morais na medida em que traduzem a verdade profunda do ser humano, cujo fundamento é Cristo, são portadoras de algo que transcende as culturas e a própria história humana.

O catecismo da Igreja Católica no n. 1784 afirma:

A educação da consciência é uma tarefa de toda a vida. Desde os primeiros anos alerta a criança para o conhecimento e a prática da lei interior reconhecida pela consciência moral. Uma educação prudente ensina a virtude, preserva ou cura do medo, do egoísmo e do orgulho, dos

²⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio, Constituições, Decretos, Declarações*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

²⁸ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes, 1993.

sentimentos de culpabilidade e dos movimentos de complacência, nascidos da fraqueza e das faltas humanas. A educação da consciência garante a liberdade e gera a paz do coração.²⁹

O processo normal da consciência é amadurecer, progressivamente, até atingir o estágio maduro, crítico, autônomo, capaz de discernimento, de juízos prudentes que são importantes para o exercício da responsabilidade. Muitas vezes, porém, se apresentam bloqueios neste processo de crescimento. Nos confrontamos então com a consciência mágica ou fatalista e a consciência fanatizada ou manipulada. Ambas domesticam a consciência inibindo sua capacidade de emitir juízos críticos e prudentes, levando a pessoa humana a um processo de desumanização. Torna-se necessário um processo de conscientização para romper os bloqueios da consciência, para que possa evoluir e emitir juízos retos e verídicos; discernir; avaliar criticamente o que se passa em si e à sua volta; situar-se adequadamente e com prudência, levando a pessoa a assumir suas responsabilidades de forma adequada no tempo e no espaço em que vive.

A ética é uma questão fundamental da condição humana que vive e medita sobre si, sobre o seu lugar, sua casa e seu mundo. Nesse sentido, ética é uma questão eco-lógica (oikos: casa, lugar, logos; reflexão sobre), é o mundo onde habitamos e a sede de nossa condição humana. Portanto, vivemos, agimos e pensamos nesse nicho ecológico e nele construímos o sentido da realidade que nos permite-nos relacionarmos conosco mesmos e com tudo e todos que nos cercam.

As questões ecológicas são, fundamentalmente, éticas, pois as decisões tomadas definirão o presente e o futuro do ser humano. Portanto, não existe questão ecológica que não seja humana e não existe uma questão social ou humana que não seja ecológica. Nesse sentido a ecologia compreende-se por todo um desdobramento ético no qual o ser humano habita, de onde ele se origina e precisa cuidar, para que garanta seu futuro com dignidade.

Somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum: a defesa da vida! Nosso compromisso cristão consiste em somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito à natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura de paz.

²⁹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993.

Como afirma Assmann:

O ser humano é um ser complexo, como também é a sociedade e o meio ambiente no qual vivemos. Educar para a sensibilidade solidária pressupõe e implica em ajudar as pessoas a perceberem a complexidade da realidade e da nossa vida social, a tomarem consciência de nossa condição humana, a relativizarem as suas certezas, a aprenderem a tolerar aos outros e a si próprio nas suas limitações e falhas, a aceitar e conviver com a 'resistência' da realidade social em se adaptar aos nossos mais sinceros e honestos desejos de uma vida baseada na justiça e solidariedade.³⁰

Nós somos a memória visível de um universo em processo e parte de uma imensa rede inter-relacional que forma o ecossistema. A terra nos foi confiada para ser cuidada e cultivada. Deus nos criou à sua imagem e semelhança para sermos no universo a continuação de sua presença criadora e fecunda, para cultivarmos e cuidarmos da vida (cf. Gn 2.15).

Como cristãos temos o compromisso de construirmos uma ética sob a ótica da vida. A globalização faz emergir no meio social inúmeros novos rostos de pobres que são os novos excluídos sociais. O documento de Aparecida, n. 402, menciona os seguintes:

Os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros.³¹

A emergência de uma globalização da ética da solidariedade se faz necessária nos tempos contemporâneos, para restituir a dignidade do ser humano considerado como descartável social, massa sobranete. Comblin enfatiza a importância de conjugar valores solidários com direitos efetivos de cidadania:

[...] a nova burguesia impõe a sua cultura, o seu egoísmo, o seu consumismo, e o resto do mundo que se dane. [...] a nova burguesia impõe a sua cultura da satisfação. Isola-se no seu consumo privilegiado, reservar-se a si mesma todos os recursos do mundo, nega-se a prever o futuro, ou a encarar de frente os males presentes das imensas multidões de miseráveis.

³⁰ ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 165.

³¹ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 181.

A nova burguesia cultiva uma euforia artificial, porque pode consumir cada vez mais e ignora o resto, nomeadamente, a destruição das massas pobres da humanidade. Estamos diante de uma minoria fechada no seu egoísmo integral, por outro lado, jaz aí uma imensa maioria sem poder, sem recursos, os novos bárbaros. [...] burguesia inconscientemente muito mais cruel do que todas as anteriores, porque está decidida a deixar morrer de inanição a maior parte da humanidade, sem mover um dedo para não sacrificar nada de bens egoisticamente conquistados. [...] já não se pode pensar num simples movimento de libertação, porque trata-se de regenerar todo tecido da sociedade, e de fazer um novo modelo social.³²

A solidariedade torna-se um compromisso ético-cidadão, que leva a pessoa a se confrontar com o Outro faminto e pisoteado na sua dignidade humana, derivado de uma engrenagem regida em nome do capitalismo e da globalização. A realidade atual nos desafia a criarmos redes de solidariedade que levem as pessoas a se reportarem às outras, contestando a indiferença cruel que corrói as relações sociais.

Para enfrentar o descalabro humano, faz-se urgente uma revolução ética e despertar um sentimento profundo de irmandade e de familiaridade que torne intolerável esta desumanização e impeça a cultura do consumismo, do individualismo e da violência.

A ética tem uma profunda relação com a vida; ética é agir com sentido de vida. A vida do cristão consiste em existir para o outro, com todos os outros em todos os tempos. O ser humano é tanto mais próximo a si mesmo quanto mais de faz próximo da alteridade e se encontra com o outro, em uma troca sincera de dom, de acolhida, de partilha. Portanto, concluindo esta reflexão podemos afirmar que a procedência da ética cristã tem Fonte Trinitária. É na comunhão Trinitária que adquire seu fundamento e seu significado:

- prática de amor gratuito, em correspondência ao amor incondicional do Pai;
- prática de amor sacrificial, em semelhança ao amor do Filho entregue;
- prática de amor comunicativo, seguindo o modelo de fusão do Espírito Santo.

Portanto, a vida trinitária é um paradigma para a construção do ethos próprio do cristão. A compreensão da pessoa, como doação e comunhão: o ser da pessoa humana é um dom – procede do amor criador de Deus. Como pessoa é ser um dom de si mesmo, pois se afirma e se realiza doando-se, com esquecimento de si mesmo. Nisso a pessoa humana é imagem e semelhança das Pessoas divinas que

³² COMBLIN, João Batista. Algumas interpelações aos religiosos depois de Santo Domingo. *Convergência*, jul./ago. 1993. p. 326-337.

se afirmam doando-se – O pai ao Filho, o Filho ao Pai e o Espírito Santo, dom mútuo e iniciado entre o Pai e o Filho.

Para L. Boff, a vida trinitária é o melhor programa para a sociedade humana.³³ A partir da Trindade pode-se assumir teologicamente a categoria do “outro”. Assim sendo, a organização Trinitária nos propõe exigências éticas para com o próximo: Como o próximo é imagem da Trindade e, portanto, enquanto representa a imagem do Pai, tem direito à piedade; enquanto representa a do Filho, à veracidade, e enquanto representa a do Espírito Santo, à benignidade. A comunhão trinitária é a utopia suprema da convivencialidade humana e o melhor paradigma para um humanismo integral e transpessoal.

Uma orientação mais expressamente ética encontra-se na *Gaudium et Spes*, ao justificar no paradigma da vida trinitária o duplo princípio ético da união entre todos os filhos de Deus e da entrega sincera de um serviço dos demais: “O Senhor Jesus, quando pede ao Pai que todos sejam um, como nós somos um (Jo 17.21-22), oferecendo perspectivas inacessíveis à razão humana, sugere certa semelhança entre a união das pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na verdade e no amor.³⁴ Essa semelhança mostra que o ser humano, que é a única criatura na terra à qual Deus amou por si mesma, não pode encontrar-se plenamente a si mesmo senão na entrega sincera de si mesmo (cf. Lc 17.23).

A moral cristã nos desafia ao compromisso ético por um mundo guiado pelo valor da fraternidade. Como afirma o Concílio Vaticano II:

Deus, que cuida paternalmente de todos, quis que todos os homens formassem uma única família e se tratassem entre si com espírito fraterno. Por isso o amor a Deus e ao próximo é o primeiro e o maior mandamento. Com Deus é o princípio e o fim de todas as coisas, todos somos chamados a ser irmãos. Assim, chamados por esta mesma vocação humana e divina, podemos e devemos cooperar, sem violência e sem engano, para a construção do mundo na verdadeira paz.³⁵

A partir do Concílio Vaticano II a vida moral é apresentada numa perspectiva positiva; respeita-se a autonomia do sujeito moral; propõe-se uma moral de valores; não se reduz a exigência ética ao mínimo limitado pela lei. Apesar disso, ainda somos desafiados a assumirmos algumas mudanças como:

³³ BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

³⁴ *Gaudium et Spes*, n. 24.

³⁵ *Gaudium et Spes*, n. 24.

- a- Resposta alegre: entender a vida moral como resposta a alguém que te ama e a quem amas. A categoria da lagria há de suprir as categorias da obrigação, do preceito, da lei.
- b- Liberdade no amor: realizar a exigência moral como um caminho de liberdade, uma liberdade que enraíza no amor e que culmina em obras de caridade.
- c- Conduta e simplicidade da Caridade: a vida moral cristã tem de vencer a tentação do “acúmulo de normas” e buscar a simplicidade da Caridade. Não é o grande número de normas o que indica a levacão moral cristã, mas o fervor da caridade e na entrega total aos irmãos.



A Ética deve perpassar nosso pensar, fazer e agir pedagógico.

2 UM CARISMA SEMPRE PRESENTE

A Vida Religiosa católica desde sempre conheceu a figura preclara de fundadores e de fundadoras, ou seja, de cristãos e cristãs que, em determinados momentos da história, quiseram seguir Jesus e começaram um caminho de seguimento capaz de desencadear uma história cristã, dando seguimento ao caráter de experiência pessoal e grupal, a partir de certas peculiaridades de vida evangélica.³⁶

A vida religiosa se compreende cada vez mais como um carisma ao serviço do Reino de Deus, dentro da comunidade eclesial. Pertence não à estrutura hierárquica, mas à vida e à santidade da Igreja, portanto, à sua natureza sacramental mais profunda. Nasce e desenvolve-se no húmus fértil da vida do povo de Deus, como dom do Espírito à comunidade eclesial. E como dom, carisma, insere-se no horizonte da gratuidade, da liberdade, da criatividade, da dinamicidade e da profecia.

Na vida dos fundadores e fundadoras a referência ao Reino é constitutiva, e o serviço aos pobres como primeiros destinatários desse Reino. O grande diferencial desses homens e dessas mulheres é a capacidade de ir além dos limites da época e do contexto histórico, de intuir o novo e o diferente, de sonhar e abrir caminhos.

O carisma de todo fundador e fundadora carrega sempre uma forte carga de utopia, de sonhos. Sonhos que estão sempre relacionados com a vida, com o amor, com a paz, com a justiça, com a história, com as angústias e as esperanças da humanidade, com os ideais e os critérios do Reino anunciado por Jesus. Todos eles ambicionam fazer o Reino acontecer no 'pó da história'. Querem tecer relações novas de fraternidade universal, no solo concreto de seu tempo e de seu contexto, dando origem a uma enorme rede de solidariedade e de libertação, em função, particularmente, dos pequenos e indefesos. Sonham ultrapassar fronteiras geográficas e ideológicas, superar limites de tempo e de espaço, chegar a ser a voz dos sem voz, que foram calados pelo poder político, econômico ou religioso. Querem abraçar o cosmos e ver germinar sementes de nova humanidade, um "outro mundo possível".

³⁶ Cf. SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 310-311.

O Carisma de Regina Protmann, fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina Virgem e Mártir, perpassa a história de cada época com suas controvérsias e desafios. Para compreendermos a iniciativa apostólica de Regina é necessário lançarmos um olhar para a história.

Regina Protmann nasceu no ano de 1552, em Brausberg (Braniewo) – Diocese do Ermland – na Alemanha, atualmente Polônia. Era filha de uma família rica e piedosa. Sua obra teve origem em meio a uma situação sócio-cultural-religiosa muito conturbada e necessitada de sinais proféticos.

No ano em que Regina nasceu, Estanislau Hosius era Bispo de Ermland e no ano 1561, foi nomeado Cardeal. Este muito se empenhou pela renovação da Igreja e participou do Concílio de Trento.

No Sínodo Diocesano de 1565, as resoluções da Reforma Tridentina entraram em vigor e foram promulgados decretos sobre a reforma dos costumes religiosos e éticos.³⁷ O Cardeal contou com a ajuda dos Jesuítas para a reforma na

³⁷ A Reforma Tridentina deu um vigoroso impulso à vida religiosa da Igreja, fugindo da tentação do luxo e das artes, definiu como missão essencial da Igreja e de seus pastores a salvação das almas: “seja lei suprema a salvação das almas”. A reforma e exigência de seminários em cada diocese, rigor na seleção dos candidatos e acesso ao sacerdócio de ricos e pobres deu novo impulso à pastoral. Para a formação teológica, mais tarde Gregório XIII (1572-1585) criou em Roma a Universidade Gregoriana e seminários próprios para estudantes da Alemanha, Hungria e Inglaterra. Os bispos passaram a ser obrigados a residir em suas dioceses e, a cada cinco anos, prestar contas ao papa de seu trabalho (Visita ad Limina). A Cúria romana foi reformulada e o governo da Igreja confiado a 15 Congregações. A antiga Inquisição foi reestruturada como um tribunal romano central, com o nome de Congregação do Santo Ofício. Para evitar confusão na mente dos fiéis, criou-se o Índice dos Livros proibidos (lista de obras proibidas aos católicos). Algumas recomendações conciliares, devido ao fato de exigirem longos estudos, foram publicadas anos depois por São Pio V: o Catecismo romano (1566), o Breviário romano (1568) e o novo Missal romano (1570), que vigorou até 1969.

- **PRIMEIRA FASE (1545-1547):** foram enfrentados, ao mesmo tempo, as questões dogmáticas e disciplinares. Contudo, devido ao medo de uma invasão de príncipes protestantes e às ingerências do Imperador, Paulo III suspendeu o Concílio. Temas tratados: a Escritura e a Tradição como fontes da fé; o pecado original, a doutrina da justificação, dos sacramentos em geral e do batismo e confirmação em particular. Os titulares de benefícios eclesiásticos (bispos, cardeais, abades, padres) são obrigados a residir onde tinham sido nomeados.
- **SEGUNDA FASE (1551-1552):** o Papa Júlio III reabriu a Assembléia conciliar. Compareceram os delegados de três príncipes e seis cidades protestantes alemãs, exigindo a anulação da sessão anterior e a proclamação da superioridade do Concílio sobre o papa. Pelo temor de ataques militares, o Concílio foi novamente suspenso. Temas tratados: a eucaristia e os sacramentos da penitência e da extremaunção.
- **TERCEIRA FASE (1561-1563):** foi marcada pela presença do enérgico Pio IV, ajudado pelo sobrinho Carlos Borromeu, futuro arcebispo de Milão. Discutiu-se muito sobre o tema do episcopado: como conciliar os direitos dos bispos com o primado papal? Os bispos foram instituídos por Cristo ou são representantes do papa? Deixa-se de lado a discussão doutrinal aumentando-se a autoridade dos bispos em suas dioceses. Define-se a hierarquia: bispos, sacerdotes e diáconos são de origem divina. Temas tratados: a eucaristia e a missa. Proibiu-se a comunhão sob duas espécies e rejeitou-se a língua vernácula na liturgia. Reafirmou-se a

Diocese. Esses tiveram grande influência na vida de Regina e nos primeiros decênios da História da Congregação.

Em 1571, com dezenove anos de idade, Regina despede-se de sua casa paterna e passa a residir com mais duas amigas numa pequena residência, quase em ruínas, para levar uma vida dedicada a Deus, na oração, na pobreza e na penitência. Decidida a viver o Evangelho, com coragem, abandona tudo que a impede de viver radicalmente o seguimento de Jesus Cristo.

Regina conhece as necessidades da Igreja e de seu povo. Impelida pelo grande amor de Deus, ousou iniciar atividades que, para a época, eram caminhos totalmente novos. Na contemplação da bondade e da ternura de Deus, Regina encontra a razão de ser de sua vida e se lança ao encontro dos mais excluídos do seu tempo (Lc 4,18-19): pobres, doentes, aflitos e aos que necessitam de educação. Até esta época, as Congregações femininas exerciam suas atividades nos limites da clausura. O Concílio de Trento (1535-1565) reforçou ainda mais esta lei. Contudo, Regina, ainda jovem, inova este sistema de vida religiosa e coloca-se a serviço dos irmãos carentes. Ela responde às necessidades da Igreja e do povo. A situação dos doentes era grave, pois definhavam em seus lares. A educação era privilégio das classes abastadas e estava nas mãos do clero. Quem se interessaria pela educação das classes empobrecidas, especialmente pela formação das meninas?

Diante das necessidades de sua época, Regina, fortalecida pelo grande amor de Deus, funda uma Congregação de vida ativa e contemplativa. O mundo era sacudido por profundos abalos espirituais e mudanças, embora boas e oportunas, as congregações tinham que lutar para romper com as velhas estruturas e tradições. Neste período muitas congregações femininas não viviam mais conforme o carisma de seus fundadores e tinham relaxado na vivência dos votos, por isso o Concílio de Trento acrescentou com todo vigor a lei da pobreza e da clausura. Como aconteceu que a Congregação fundada por Regina Protmann fosse dispensada da clausura? Certamente um dos motivos foi o fato da Congregação ser pequena e não chamar

sacramentalidade e indissolubilidade do matrimônio, as indulgências, o culto dos santos, das relíquias e das imagens. Decisões disciplinares: cada diocese devia ter seu seminário e selecionar melhor seus candidatos ao sacerdócio. Bispos e cardeais eram proibidos de serem titulares de mais de uma diocese.

O período tridentino e pós-tridentino pode ser definido com duas palavras:

- Reforma (atitude firmemente renovadora e carismática na teologia e na vida interna da Igreja);
- Contra-Reforma (combate ao protestantismo e tendência à disciplina e centralização). Os dois momentos, carismático e disciplinar, se completaram.

atenção de Roma; toleravam-se algumas exceções na Diocese do Ermland; pelo bom relacionamento de Regina com o Bispo Martinho Cromerus, o qual se entendera muito bem com o Cardeal Hosius a respeito da nova Congregação. A primeira regra da Congregação foi aprovada pelo Bispo Martinho Cromer no dia 18 de março de 1583, em seu Palácio em Heilsberg, e entregue à comunidade das irmãs no dia 1º de junho do mesmo ano.³⁸

Regina sempre procurou viver a Vontade de Deus no cotidiano de sua vida e expressa isso no lema: “COMO DEUS QUER”. Seu Carisma se expressa pelo dom de extraordinário amor a Deus vivido na oração e no serviço às necessidades da Igreja e de seu povo. O Papa João Paulo II na ocasião da beatificação de Regina Protmann na cidade de Varsóvia, Polônia, aos 13 de junho de 1999, assim falou:

A beata Regina Protmann, fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, proveniente de Braniewo, dedicou-se de todo o coração à obra de renovação da Igreja ente os séculos XVI e XVII. Sua atividade, que brotava do amor de Cristo acima de tudo, desenvolve-se depois do Concílio de Trento. Ela inseriu-se ativamente na reforma pós-conciliar da Igreja, realizando com grande generosidade uma humilde obra de misericórdia. Fundou uma Congregação que unia a contemplação dos mistérios de Deus com o cuidado dos doentes nas suas casas e com a educação das crianças e da juventude feminina. Particular atenção dedicou à pastoral das mulheres. Com abnegação, a beata Regina abraçou com olhar clarividente as necessidades do povo e da Igreja. As palavras: “Como Deus Quer” vieram a ser motor de sua vida. O ardente amor a solicitava a cumprir a vontade do Pai celeste, a exemplo do Filho de Deus. Não temia a cruz do serviço quotidiano, testemunhando a Cristo ressuscitado.³⁹

As irmãs, desde a fundação, deveriam comprometer-se a contribuir por palavras e pelo bom exemplo para a salvação do próximo e para isso a dedicação junto aos doentes e a instalação de escolas para meninas eram seus campos de atuação missionária. A educação, afirma Hümmeler, deveria ser assumida pelas irmãs com “grande alegria de coração”.⁴⁰ Conforme o autor, gerações inteiras do Ermland passaram pelas escolas da Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Afirma que nenhuma outra Congregação fez tanto pela educação religiosa da juventude feminina, nem trabalhou tanto em favor do povo simples de maneira desinteressada. Com a introdução da obrigatoriedade da frequência escolar, em

³⁸ A primeira Constituição foi aprovada pelo Bispo Martinho Cromerus, em 18 de março de 1583, após 12 anos de vida comunitária das Irmãs da Congregação de Santa Catarina. Estas regras regulamentam a vida de oração, comunitária e apostólica da Congregação.

³⁹ HÜMMELENER, Hans. *Os sinos de Braunsberg*. São Paulo: Loyola, 1964. Contracapa do livro.

⁴⁰ HÜMMELENER, Hans. *Regina Prothmann e as Irmãs de Santa Catarina*. Canoas: La Salle, 1960. p. 63.

1825/1826, e o reconhecimento por parte do governo, o Bispo solicitou que em cada convento, Wormditt, Braunsberg, Roessel e Heilsberg, iniciassem um curso de preparação de professoras. Em 1830 o Bispo adverte as Irmãs do Convento de Braunsberg para que façam o possível para manter a escola de meninas e terem sempre o número suficiente de irmãs com aptidões para o magistério. A qualidade das escolas era de tal forma conhecida que a cada ano, de 1854 a 1870, se criava uma nova escola.

Grande foi o esforço e o empenho das irmãs na área educacional e isso trouxe grandes contribuições para o desenvolvimento do país. Hümmeler nos seus escritos lembra: “Não foi por favores do Estado que as escolas conventuais do Ermland se desenvolverem tão rapidamente, contribuindo para o progresso da educação do povo. Foi a Igreja e o trabalho abnegado das irmãs que transformaram um deserto em um campo fértil”.⁴¹

A vida das irmãs era profundamente inserida na realidade do seu tempo. Pelo seu testemunho profético transformavam o meio onde atuavam. Afirma Hümmeler:

Esta nova Congregação, desde o seu início, soube conciliar numa harmonia verdadeiramente cristã as coisas do tempo e da eternidade, conforme a vontade divina, de acordo com a fundação de uma ‘Ordem Ativa’. As irmãs se dedicavam ao tratamento dos dentes e à educação das meninas, sem, contudo, negligenciar a oração e a ascese. [...] Grande foi o êxito que as Irmãs alcançaram na educação das meninas. Nenhuma outra parte do país poderia ter afirmado o que o clero do Ermland comunicou ao Bispo Potocki, no ano de 1714: ‘No campo e entre a população feminina instruída pelas religiosas raramente se encontra uma moça que não saiba ler e usar o livro de orações’. Mas as irmãs não ensinavam somente a ler e escrever; eram também boas catequistas e ótimas auxiliares do clero, e não faziam diferenças entre ricos e pobres. Por isso, o Bispo Potocki, em 1714, podia comunicar à Cúria Romana: As irmãs instruem meninas, desde a tenra idade, na recitação de orações e no catecismo, assim como na leitura da língua alemã, com toda a piedade e modéstia, sem distinção de pessoas, atendendo também as do campo e as mais pobres, de maneira que, pouco a pouco, todas as moças da zona alemã do país saibam ler livros católicos, os quais são importados de fora ou podem ser adquiridos a preços módicos na tipografia do Colégio de Braunsberg, especialmente catecismos e livros de orações’.⁴²

A Congregação das Irmãs de Santa Catarina nasceu para responder às necessidades gritantes de seu tempo. Regina teve um olhar compassivo para com

⁴¹ HÜMMELEER, 1960, p. 112.

⁴² HÜMMELEER, 1960, p. 95-96.

os pobres e necessitados que era chamada “Mãe dos pobres”.⁴³ Portanto, a Congregação tem em sua origem a opção preferencial pelos pobres.

Contudo, é deveras trágico verificar como o mesmo Estado, que colheira gratuitamente os frutos do trabalho das escolas conventuais, destruiu, na época do Kulturkampf, o que fora alcançado com tanto esforço e sacrifício. Em 1872, o estadista alemão, Otto Von Bismarck, investiu contra a Igreja Católica. Bispos e padres eram perseguidos de seus cargos, perseguidos e exilados. Em 1875, foram abolidas as Congregações que não se dedicavam à enfermagem, e as escolas católicas foram fechadas. Essa situação política lançou as irmãs de Santa Catarina para terras além fronteiras para ali floresceram com sua obra educacional.

A vinda das Irmãs de Santa Catarina ao Brasil, em 1897, está intimamente ligada à História de Petrópolis, que na sua origem se depara com a existência de uma colônia alemã. Os alemães chegaram acidentalmente ao Brasil pelo naufrágio do navio Justine e foram alojados na Fazenda do Córrego Seco, propriedade do Imperador, D. Pedro II. Este repartiu a terra entre os mais de 2000 colonos que logo construíram suas casas, delimitaram as ruas e a colônia estava fundada. Em 1987 os franciscanos assumiram a escola alemã para meninos, porém faltava uma escola para meninas.

O Monsenhor João Batista Guidi, auditor da Nunciatura, defendia os direitos dos católicos alemães e cuidava da sua pastoral, encarregou Frei Ciríaco Heilscher, Franciscano, a procurar uma Congregação feminina de língua alemã para fundar uma escola para meninas. Frei Ciríaco escreveu para Brausberg, Prússia Oriental, sede da Congregação e recebeu resposta afirmativa.

Em 16 de junho de 1897 chegaram as quatro primeiras Irmãs que foram acolhidas com sinais de amizade e muita alegria pela população alemã. Chamadas para a educação das filhas dos colonos alemães, iniciaram suas atividades de magistério com sete alunas e concluíram o primeiro ano letivo com 50 alunas.

Desta forma o sonho de Regina Protmann se concretiza também em terras estrangeiras: fundar uma escola para meninas, educar as futuras mães, ensinar a ler, a escrever, inculcar virtudes cristãs, formar famílias cristãs e promover a mulher.

⁴³ HÜMMELER, 1960, p. 75.

Para a tese de doutorado propomo-nos a analisar os desafios éticos em educação na contemporaneidade e realizar a investigação nas obras educacionais da Associação Congregação de Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, considerando o seu Carisma fundacional.

As obras educacionais estão localizadas nos municípios de Novo Hamburgo, Sapiranga, Cachoeira do Sul, São Gabriel e Alegrete. Essas trazem consigo uma história significativa dentro de um contexto educacional e social.

No dia 27 de junho de 1900, chegaram as primeiras irmãs de Santa Catarina a Novo Hamburgo. Na ocasião as irmãs foram saudadas com a declamação da seguinte poesia:

Como é grande a minha alegria!
Chegou o esperado dia, que tanto ver eu queria!
Desceu hoje alegre do céu
O dia que as Irmãs nos deu!
Já muitos anos passaram,
bem mais do que eu na terra estou,
que as senhoras, Irmãs, são aqui esperadas,
pois todos receiam pela juventude abandonada!
Muito se desejou, muito se esperou,
longamente se rezou:
Senhor, envia-nos as Irmãs!
Que elas orientem a querida Juventude,
para que viva bem e cresça na virtude!
Que elas tratem dos doentes, com muita caridade
e irradiem amor na sociedade!
Sejam para os pobres, mães amorosas,
em seus caminhos floresçam muitas rosas!
Suas mãos castas sirvam a Jesus no Sacramento,
que conosco permanece a todo momento!
Assim a palavra plena de votos ressoava,
que, neste lugar, alegre se escutava.
Agora, amigos todos, estejam consolados:
o dia anuncia com altos louvores
que Deus atendeu os clamores –
fora, portanto, com todos os temores!
O velho século passou,
o novo século tudo renovou!
As Irmãs chegaram alegres, com amor,
deixaram tudo por causa do Senhor!
Nenhuma lágrima as removeu,
somente Deus é o guia e anseio seu!
Para onde a voz do Altíssimo as chama,
lá seguem a trilha Daquele que as ama!
Querem promover a glória de Deus, o Senhor,
e aumentar ardorosamente o Reino do amor.
Mas, agora, um sério pedido:
atendei, ó povo aqui reunido!
Ide ao encontro das Irmãs, confiante!
Podeis contar com elas a todo instante!
Querendo atender aos seus ensinamentos

e não dispensar sua bênção em nenhum momento!
 Prometemos obediência, aplicação,
 nisto todos aqui prestem atenção.
 O amor de Deus deve nos unir,
 o braço divino pelo bom carinho nos dirigir!
 E assim, um dia, a nossa comunidade unida
 chegará à Pátria da eterna Vida!⁴⁴

A poesia destaca claramente o que o povo espera das irmãs: orientar a juventude abandonada, educando-a nas virtudes; tratar dos doentes com amor e caridade; irradiar amor na sociedade; serem para os pobres mães amorosas; servir a Jesus no Sacramento.

No dia 09 de julho as irmãs iniciaram as aulas com dezesseis alunos. Com o aumento do número de alunas, as irmãs foram residir numa casa do outro lado da Rua General Osório.

Desde a sua fundação, as obras atendiam filhas de imigrantes alemães e brasileiras. As escolas situavam-se em residências simples, com móveis adaptados para poderem ensinar suas alunas. Eram gratuitas e somente algumas famílias contribuía com alguma ajuda financeira. Na medida em que o número de alunas aumentava, fazia-se necessário a construção de prédios para a continuação da ação educativa.

Com o passar dos anos, as obras educacionais tinham também classes particulares com internato e externato. O currículo foi sendo construído de acordo com a realidade e a legislação de cada época. No extrato do Registro do lançamento da pedra fundamental de mais um prédio escolar do Colégio Santa Catarina de Novo Hamburgo, em 1949, percebe-se o testemunho e o espírito que animava as Irmãs:

Foi o zelo de honrar a Deus e de seguir o ideal da Fundadora da Congregação, Regina Protmann, através da educação da juventude, que levou a Direção Geral a empreender essa construção. Que a Bem-aventurada Virgem Maria, sede da Sabedoria, São José, o Patrono da Igreja e Protetor da Sagrada Família, Santa Catarina, a Padroeira da Congregação, que soube unir a coroa do martírio à ciência, venerada no mundo inteiro como Padroeira dos estudantes, através do Coração de Jesus, Mestre das verdades eternas, alcancem da Santíssima Trindade a graça de um trabalho fecundo, nesta casa, cujas paredes erguem ao céu, qual símbolo das pedras vivas que aqui, à luz da Eucaristia, serão plasmadas para a maior honra de Deus, para a glorificação da santa Igreja e da Pátria.⁴⁵

⁴⁴ PENTRY, Maria Cecília. *A nova e brilhante estrela*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 116-117.

⁴⁵ THIEL, Madre M. Josefina. *Na força da semente*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 76.

As escolas, em pouco tempo, espalharam-se pelo Rio Grande do Sul. Inicialmente pelo Vale do Caí e Taquara. Algumas escolas fecharam por falta de irmãs e outras pelo fato do Estado ter assumido a educação. Em 1907, a Congregação estendeu-se com suas obras educacionais para a fronteira do estado, pois havia necessidade de escolas na região. No mesmo ano, a Congregação assumiu o externato para meninos em Novo Hamburgo, até então confiada aos cuidados da Companhia de Jesus. Essa missão educacional foi exercida até 1914, com a chegada dos Irmãos Maristas, que então assumiram a educação masculina.

É importante ressaltar o trabalho educacional das irmãs na Escola Santo Antônio de Novo Hamburgo, criada no ano de 1914, para crianças pobres negras que foram excluídas das escolas públicas; e da Escola Madre Regina no ano de 1949, para crianças pobres da comunidade hamburguense. Atualmente, esse prédio está fechado e precisa ser redimensionado, diante dos desafios atuais e em fidelidade ao Carisma Congregacional.

A educação das Irmãs de Santa Catarina em cada região onde atuavam respondia às necessidades da comunidade, no que se refere à educação básica e à evangelização, independente de gênero e classe social.

Em fidelidade ao Carisma, a Congregação, hoje, assume a missão evangelizadora de servir aos irmãos, nas áreas da saúde, educação cristã, serviço social e ação pastoral em atenção aos sinais dos tempos e às necessidades da Igreja e às exigências locais.

O profetismo da Vida Consagrada Religiosa está no testemunho e atuação junto àqueles/as que vivem à margem da sociedade e na defesa e no cuidado da vida de todo eco-sistema. Como afirma Freire: “O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana, mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valorização dos sentimentos...”.⁴⁶ O Documento de Aparecida, ao se referir à Vida Consagrada Religiosa, afirma:

[...] os consagrados e consagradas são chamados a fazer de seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio explícito do Evangelho, principalmente aos mais pobres [...]. Desse modo, segundo seus carismas fundacionais, colaboram com a gestação de uma nova geração de cristãos discípulos e missionários e de

⁴⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas ou outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 66.

uma sociedade onde se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana (n° 217).⁴⁷

O Carisma de Regina marcou a história da Igreja e da humanidade. Sua ternura feminina expressa na solidariedade e compaixão com os mais necessitados, seu compromisso com a vida (Ex 1,15-20) a fizeram olhar o outro desfigurado, já não mais lembrado pela sociedade excludente. Como o carisma é um dom de Deus concedido à pessoa, conseqüentemente, as irmãs assumem o compromisso de tornar esse carisma, através de sua vida, um dom para os outros, contribuindo para que o ser humano tenha uma vida mais digna.

Manter vivo esse Carisma num mundo pós-moderno, globalizado, cujo cenário mostra um ser humano desfigurado pela miséria social, espiritual e moral, torna-se um desafio emergente de compromisso com a vida. É necessário fornecer ao ser humano novo abrigo, novos sentidos, novas utopias e transcendências, novos limites e medidas de sobrevivência em meio às diversas formas de violência humana e ecológica que colocam em risco a humanidade.

2.1 A ética na gênese do projeto político pedagógico das escolas da Província Santa Catarina

A filosofia das obras educacionais da Associação Congregação de Santa Catarina – Província Santa Catarina baseia-se numa educação centrada no sentido da vida, na excelência acadêmica, pedagógica e humanística.⁴⁸ Quer qualificar as relações pessoais, sociais, políticas e transcendentais. Destaca-se por uma aprendizagem construída a partir do diálogo, compromisso com a formação integral do educador e do educando, mística evangélica, competência profissional e gratuidade na doação.

As escolas têm como objetivo a formação integral do educando, voltada para os valores humanos e científico-tecnológicos, o exercício da cidadania e a Fé cristã considerando:

- Os princípios legais;
- O desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia;

⁴⁷ DOCUMENTO DE APARECIDA, 2007, n. 217, p. 104.

⁴⁸ ASSOCIAÇÃO CONGREGAÇÃO DE SANTA CATARINA. Província Santa Catarina - Sul Brasileira. *Projeto Político Pedagógico*. 2007. p. 2.

- Os valores Evangélicos;
- A mística do Carisma de Madre Regina.

Para melhor compreensão, transcrevo os pontos-chave do Plano Estratégico⁴⁹ das escolas que explicita seu Projeto:

Visão: Ser centro gerador de vida para a humanidade.

Missão: Promover e consolidar Educação como processo de crescimento humano-cristão e profissional, tendo como base os valores Evangélicos, a Ciência e a Tecnologia, para que as pessoas possam interagir no meio em que vivem.

Valores: Testemunho da fé, conduta ética cristã, comunhão e participação na missão, excelência no e do saber, solidariedade e responsabilidade.

Princípios:

- Fé e conduta cristã são a identificação do nosso ser e fazer educação;
- A educação constrói-se como processo participativo, exigindo da comunidade escolar uma contínua interação;
- A excelência no e do saber na Instituição Escolar se expressa no ser e no agir qualificado do educador e educando.
- A cultura da solidariedade efetiva em práticas escolares e comunitárias.

Como é possível inferir, a ética está na gênese deste documento ao destacar as expressões "qualificar relações"; "pessoas possam interagir no meio em que vivem"; "comunhão e participação na Missão"; "educação se constrói como processo participativo, interação da Comunidade Escolar"; "cultura da solidariedade efetiva em práticas escolares e comunitárias". Além disso, destacam-se as expressões "ser centro irradiador de vida para a humanidade"; "educação como processo humano e cristão"; "conduta ética cristã".

No Marco Doutrinal do Projeto Político Pedagógico estabelece-se uma pedagogia inspirada na pessoa de Jesus, o Mestre dos Mestres. Em suas palavras, ações, no seu modo de ser e de ensinar, encontramos o sentido para a vida humana. Nele se revela o sonho de Deus para a humanidade onde o cidadão e cidadã tenha dignidade, participação, partilha de bens, relacionamento fraterno, direito à saúde e à educação.

⁴⁹ ASSOCIAÇÃO CONGREGAÇÃO DE SANTA CATARINA. Província Santa Catarina - Sul Brasileira. *Planejamento Estratégico*. 2008. p. 4.

Esse Marco também destaca algumas expressões: respeito e igualdade de gênero, poder exercido na convivência e no serviço, opção evangélica pelos empobrecidos e excluídos, respeito e amor à vida, diálogo inter-religioso, educação para a comunidade, para a vida em grupo, troca de experiências, formação ética no trabalho e nas relações, formação integral do ser humano, testemunho de valores éticos, religiosos e cristãos, formação continuada, cultivo da espiritualidade.

Como construir a nova história, um novo processo, novas formas de vida, realmente comunitária, solidária, fraterna, humana e cristã?

O Marco Operativo, no nível pedagógico do Projeto, destaca a participação e o engajamento, responsabilizando a todos no processo educativo. Afirma ser esse processo coletivo-democrático, onde a mudança e a construção do conhecimento acontecem na negociação de significados, em vista de novas formas de pensar, compreender e viver no mundo. Destaca que o conhecimento a ser trabalhado deve ser o de relevância social e formativa e a finalidade do mesmo é a formação para a atuação cidadã e profissional. Destaca também, que o conhecimento é construído através da prática interdisciplinar, mediante a problematização da realidade e discussão dialógica. O aprender a aprender, saber pensar, saber fazer, ser e conviver acontecem numa ação conjunta que envolve a socialização do conhecimento, a avaliação contínua como processo de reflexão sobre a prática e a responsabilidade de todos, na geração de novas alternativas de ação pedagógica.⁵⁰

No nível social, o Projeto nos desafia a práticas inovadoras de inclusão social, em vista da melhoria de vida da população e ações a pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social e de fragilização de vínculos afetivos. O convívio social deve ser de cooperação, de compreensão, de afetividade, de autodisciplina, de ética e de amor, sobrepondo, sempre, o bem comum ao particular.

O nível pastoral apresenta a necessidade da educação para valores, da construção do projeto de vida e da integração do ser humano e sua relação com o cosmos e o transcendente. Além disso, desafia a pessoa a assumir a sua vocação e missão dentro de uma comunidade.

No nível administrativo e financeiro, apresenta a participação da escola, através do planejar, do organizar, do controlar e do definir os objetivos e as

⁵⁰ DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 96-99.

estratégias para definir os processos inerentes à Educação. Destaca que a liderança supõe trabalho de equipe, onde é necessário conhecer as necessidades dos outros para que possamos construir uns aos outros.

Quanto às relações na Escola, o Projeto propõe que esses se estabeleçam de forma cooperativa, voltada à afetividade, à autodisciplina, onde a ética e o amor devem sobrepor, sempre, o bem comum ao interesse individual.

A ação educativa, traçada pelo Projeto, apresenta as seguintes características:

- ⤴ Educação para a comunhão e participação;
- ⤴ Educação que forme pessoas corajosas, integradas, críticas e criativas, capazes de liderar nosso Projeto Social;
- ⤴ Educação que constrói o fundamento da fé cristã;
- ⤴ Educação que valoriza e liberta o ser humano, em especial a mulher;
- ⤴ Educação que cultiva a sensibilidade, a solidariedade e o amor aos excluídos.

O Projeto Político Pedagógico está exigindo, como é possível perceber, um processo de parcerias com ONGs para gerar o compromisso da comunidade educativa com os excluídos sociais e ampliar as possibilidades de êxito, segundo as condições objetivas de trabalho. Ele exige profunda reflexão sobre as finalidades da escola, assim como a explicitação de seu papel social e a clara definição de caminhos, formas operacionais e ações a serem desenvolvidas por todos os envolvidos com o processo educativo. É desse Projeto, se for construído coletivamente, que virão as possibilidades de indicar os objetivos e as metodologias que cada escola necessita, para alcançar o que se propõe.

O Projeto Político-Pedagógico é fruto de reflexão e investigação sobre a concepção de educação e sua relação com a sociedade e a escola, sobre o ser humano a ser formado, a cidadania e a consciência crítica. André afirma que

[...] conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia-a-dia, aprendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar, analisando a dinâmica de cada sujeito nesse complexo interacional.⁵¹

⁵¹ ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 111.

As relações na escola necessitam ser tecidas todos os dias numa atenta observação das práticas ou ideias que impedem os avanços no fazer pedagógico como: centralização, individualismo, exclusão, conteúdos descontextualizados, metodologias que não provocam o pensamento crítico, a criatividade e a pesquisa. O fazer e o pensar pedagógico na escola precisam ser construídos de forma participativa para que as práticas sejam assumidas na coletividade e gestem mudanças sociais.

Todo esforço coletivo implica a seleção de valores éticos a serem consolidados, a busca de pressupostos teóricos e metodológicos escolhidos por todos. O projeto pedagógico é uma construção que reflete a realidade da escola, situada num contexto mais amplo que a influencia e que pode ser, por ele, influenciado. Ao se constituir em processo participativo de decisões, o Projeto Pedagógico preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições, eliminando as relações competitivas, corporativas e autoritárias entre discentes e docentes, e permitindo as relações horizontais no interior da escola. Construído, participativamente, pode ser uma tentativa de resgatar o sentido humano, científico e libertador do planejamento. Consiste, portanto, numa metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da escola. Conforme Lima:

O Projeto Político-Pedagógico é uma oportunidade para a tomada de consciência sobre os principais problemas da escola, para o debate sobre as possibilidades de solução e para a definição de responsabilidades coletivas e pessoais que vão eliminar os obstáculos e alcançar os objetivos. [...] A elaboração coletiva e dialógica não pode ficar, apenas, no nível do discurso, porém precisa ser incorporado à dinâmica da escola e à ação pedagógica que acontecem e têm variações em cada espaço educativo. [...] sua construção dever ser compreendida por todos como um processo e um produto que dão alento e ânimo para o estabelecimento e o alcance das finalidades da escola.⁵²

O Projeto Político Pedagógico, quando realizado e construído coletivamente, é um método de transformação, tendo em vista expressar o compromisso do grupo com uma caminhada. Dessa forma, é um caminho de consolidação da autonomia da escola. O projeto pode ser um importante instrumento de luta e de denúncia, conduzindo a escola para a necessidade de se definir e de construir sua identidade.

⁵² LIMA, Márcia Regina Canhoto. *Paulo Freire e a administração escolar: a busca de um sentido*. Brasília: Liber Livro, 2007. p. 94-95.

Para poder viabilizar essa construção, é preciso uma etapa de sensibilização, de motivação, de mobilização para com a proposta de trabalho, a fim de que essa tarefa seja assumida e tenha significado para a comunidade. Como afirma Lima:

O Projeto Político-Pedagógico torna-se prioritário e valorizado pelos atores escolares quando permite o avanço na prática pedagógica. Uma das exigências é a manutenção de pontos de equilíbrio entre as várias etapas da sua construção e da sua execução, porque não basta apenas ficar na definição dos ideais a serem alcançados; é necessário, além de realizar o diagnóstico, avançar detalhando as ações para a concretização deles.⁵³

Os desafios que se colocam, hoje, à Escola são muitos. Tudo indica que serão melhor superados, na medida da nossa capacidade de reflexão, de trabalho em conjunto, com criatividade, empenho e entusiasmo.

Nessa perspectiva educacional, talvez, seja possível, também, construir uma nova visão curricular. Um currículo aberto que reconheça a ação do sujeito em interação com os outros, com o meio ambiente, com a cultura e com o contexto, constituindo-se num currículo em ação, flexível, situado no tempo e no espaço. Paulo Freire traduz isso como educação libertadora e dialógica, onde o conteúdo programático e o currículo refletem os anseios e esperanças dos educandos e educadores.⁵⁴

2.2 Escola, espaço de humanização e de construção da ética

Toda educação deve pautar-se pela construção de uma nova ética capaz de gerar novos cidadãos de uma cidadania planetária. Desejamos que as escolas se constituam em verdadeiros laboratórios de humanidade, nos quais o perfil intelectual dos alunos e professores seja desenhado juntamente com um perfil ético, formado por posturas dialógicas, afetivas, cooperativas, politicamente engajadas e marcadas pelo compromisso com uma sociedade justa e feliz. Para Freire, toda educação é, ao mesmo tempo, libertação: “Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar, criticamente, para transformar a realidade”.⁵⁵ A educação deve apontar para a liberdade e é nesse sentido que entendemos a proposta de educação libertadora, um dos caminhos mais significativos para se chegar a uma ética planetária.

⁵³ LIMA, 2007, p. 95.

⁵⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 102-103.

⁵⁵ FREIRE, 1987, p.123.

A educação libertadora tem consciência de que existe uma situação de *cativeiro*⁵⁶ e de *opressão*⁵⁷ da qual é preciso se libertar. Tem, igualmente, consciência de que é necessário apontar uma utopia, um horizonte para onde caminhar. Há um ideal de pessoa e de sociedade a ser buscado coletivamente. A libertação é sempre de e para.

Tecendo-se na dinâmica da alteridade, criadora de justiça, a ética é capaz de tornar fecundo cada um dos níveis do instituído, numa redescoberta do vital humano, especialmente em tempos de crise como o nosso. A noção de equidade, de respeito à diferença, não fazendo do outro joguete nas próprias mãos, rompendo com a quadratura das pretensas mesmices são elementos básicos para fazer nascer um projeto de justiça, no qual a atenção e o respeito conjugam-se com responsabilidade e serviço.⁵⁸

Os desafios de nosso tempo são emergentes. Precisamos combater a violência a partir da instalação de uma cultura pela paz; é necessário despertar esperança no mundo que estamos construindo para o amanhã; queremos que o ideal da justiça seja público e social e não apenas privado e individual; precisamos encenar o bem que desejamos para que o sonho não dependa de milagres para se realizar. Que a educação seja espaço por excelência de formação intelectual e moral e que a escola seja lugar de realização da promessa de justiça, de liberdade, de paz e alegria.

Como educadores e educandos devemos ter visão de conjunto para percebermos as interligações dos saberes, para tanto, necessitamos de pesquisadores e aprendizes permanentes. Torna-se necessário fortalecer o desenvolvimento de uma consciência que implique entendimento cognitivo sobre a natureza e compreensão afetiva do quanto pertencemos à sociedade, ao planeta e ao universo e nos leve à vivência amorosa da vida: saber cuidar, preservar, plantar e colher.

Para isso, será necessário construir um projeto pedagógico com autonomia, tendo em vista o processo educativo integrador das relações sociais e históricas de cada sujeito. Como afirma Freire:

⁵⁶ BOFF, Leonardo. *Do iceberg à Arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

⁵⁷ FREIRE, 1987.

⁵⁸ AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 31.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos e suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a 'outredade' do 'não eu', ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu.⁵⁹

O grande desafio da escola é tornar-se um espaço onde o aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, o aprender a conviver possam ser vivenciadas através de práticas pedagógicas cotidianas, em que a essência do educar consiste em tornar as pessoas éticas.⁶⁰ Para isso precisamos de educadores que compreendam e se comprometam que educar, eticamente, é esclarecer a consciência, sustentar a liberdade, passar pelo juízo crítico, redimensionar os relacionamentos de todos os envolvidos no processo educacional.

Boff aponta seis argumentos que fundamentam um ethos mundial e que darão base a uma ética planetária.⁶¹

- **o utilitarismo social:** contempla na perspectiva social a inclusão do maior número de pessoas e de seres vivos, como animais ou plantas. O ser humano precisa se abrir a uma ética global para salvaguardar a integridade de todas as criaturas.
- **as éticas do discurso comunicativo e da justiça:** a emergência de um pacto social de salvação da Terra ameaçada. Precisamos de uma compreensão ecologizada no sentido de perceber a natureza, os animais, as plantas e outros organismos vivos como seres que compõem as relações humanas. Além disso, dentro do processo de globalização e socialização temos o dever de garantir, a cada povo, o direito de continuar a existir como povo e com sua cultura.

Para que os seres humanos possam subsistir e dar sentido à vida, especialmente os mais excluídos, é necessário à inteligência emocional, a ética da solidariedade, a compaixão e o sentido espiritual da existência.

- **a ética baseada na natureza:** O cuidado e a responsabilidade pela vida e pelo futuro da Terra não nos permitem aplicar certos procedimentos científico-técnicos à natureza que venham a prejudicar a biosfera e as pessoas. Cada ação do ser humano tem seu reflexo na vida do Planeta, portanto, ele precisa fazer uso da sua

⁵⁹ FREIRE, 1987, p. 46.

⁶⁰ DELORS, 1999, p. 96-99.

⁶¹ BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sexante, 2003. p. 39-77.

razão, liberdade e responsabilidade para que a natureza traga a marca da inclusão e da solidariedade cósmica. Como afirma Boff:

Salvar o planeta significa atender àquilo que ele pede aos gritos: que haja respeito e veneração das alteridades; que o desenvolvimento do ser humano não se faça contra a natureza, mas em sinergia com ela; e que mantenha de forma dinâmica e coesa a integridade sagrada de todo criado.⁶²

- **a ética enraizada nas tradições religiosas da humanidade:** para haver uma nova ordem mundial é preciso um ethos mundial. Para isso, faz-se necessário um consenso mínimo de valores humanos comuns, normas e atitudes fundamentais afirmadas por todas as religiões, independente de suas normas dogmáticas, mas que sejam assumidas por todas as pessoas. Portanto, a centralidade da ética universal consiste em tratar a todos humanamente, independente de sua situação de classe, de religião ou idade.
- **a ética fundada no pobre e no excluído:** deparamo-nos, diariamente, diante de multidões de empobrecidos e excluídos, cujos cenários já não despertam mais atitudes de compaixão e solidariedade. O grito do excluído denuncia o sistema social e ético injusto que deve ser transformado. Conforme Dussel, a ética deve partir do outro que é o pobre, o excluído, o discriminado pelos mais variados preconceitos.⁶³ Esse pobre tem um rosto e grita por socorro. A consciência ética consiste em escutar a voz do outro que está além do horizonte do sistema: o pobre que clama por justiça. Libertar o pobre, princípio supremo e absoluto da ética, supõe:

a) a denúncia de uma totalidade social, de um sistema fechado que exclui e produz o pobre; b) supõe um opressor que produz o pobre e o excluído; c) supõe o pobre injustamente feito pobre, por isso empobrecido; d) supõe levar em conta os mecanismos que reproduzem o empobrecimento; e) supõe o dever de desmontar tais mecanismos; f) supõe a urgência de construir um caminho de saída do sistema excludente; g) supõe a obrigatoriedade de realizar o novo sistema no qual tendencialmente todos possam caber na participação, na justiça e na solidariedade.⁶⁴

Construir uma ética da justiça consiste na inclusão social de todos que se sentem excluídos, garantindo-lhes os meios de vida; a sustentabilidade da casa comum, a Terra, com seus ecossistemas, sua biodiversidade e a garantia da realização dos direitos humanos.

- **a ética fundada na dignidade da Terra:** o futuro da terra e da humanidade depende das condições ambientais e ecológicas. Fazemos parte da grande comunidade terrenal e cósmica, pois vivemos uma interrelação com tudo e com todos. Cabe, portanto, ao ser humano

⁶² BOFF, 2003, p. 59.

⁶³ DUSSEL Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁶⁴ BOFF, 2003, p. 67.

[...] o dever sagrado de assegurar a vitalidade, a diversidade de nossa Casa Comum. Para isso, precisamos fazer uma nova aliança com a Terra e um novo pacto social de responsabilidade entre todos os humanos, fundado numa dimensão espiritual de reverência ante o mistério da existência, de gratidão pelo presente da vida e da humildade, considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza.⁶⁵

A educação contemporânea tem o compromisso de sensibilizar o educando para a responsabilidade do cuidado com o lar comum, despertando nele uma nova reverência diante da vida, valores e habilidades necessárias para um novo modo de vida sustentável. Além disso, precisa levar o educando a sonhar, a projetar o ideal de um mundo cujas relações sejam solidificadas pelo pressuposto ético.

A ética é fundamental da própria possibilidade de pensar o humano. Não existem pensamentos fora de alguém que pensa, e esse alguém é fruto das relações. Portanto, o ser humano é convidado a viver na multiplicidade ética, do agir de uns com relação aos outros e dos sentidos desse agir. Formamos uma teia dos momentos vividos de nossa vida cotidiana. Não há instante isolado, neutro, indiferente para a vida; há apenas instantes que conspiram, ou para a continuação e promoção da vida, ou para sua corrosão e destruição.

Freire afirma:

[...] urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo.⁶⁶

Ética é o fundamento da condição humana que vive e medita sobre si, sobre seu lugar, sobre sua casa, sobre seu mundo; ética é, nesse sentido, essencialmente, uma questão ecológica. Assim sendo, a ética é o fundamento de todas as especificidades do viver, em suas mais complexas relações e derivações, das ciências e da tecnologia, da história das comunidades.

Leonardo Boff dedica um estudo para ajudar a construir um ethos mundial que seja um consenso mínimo entre os humanos. O autor nos interpela a uma escuta profunda do nosso coração e fazer dele brotar um novo sentimento religioso, que criará um novo sentido ético e moral. Essa nova ética, “[...] criará uma nova

⁶⁵ BOFF, 2003, p. 73.

⁶⁶ FREIRE, 2000, p. 66-67.

razão, instrumental, emocional e espiritual que transformará a ciência, a tecnologia e a crítica em medicina para a Terra e para a humanidade. Uma nova ética nascerá de uma nova ótica”.⁶⁷

Essa nova ética apresenta-se com seis características:

- **Ética da solidariedade:** A lei suprema do mundo é a da interdependência de um diante do outro. Já houve vezes em que o mundo se desfez em sua totalidade e se refez porque as forças da vida souberam se solidarizar, interdependentizar-se. Em meio ao acirramento competitivo, planetariamente globalizado, a educação se confronta com o desafio de unir capacitação competente com formação humana solidária, já que hoje a escola incompetente se revela como estruturalmente, reacionária, por mais que veicule discursos progressistas.

As novas linguagens pretendem conduzir-nos a uma visão unificada de dois aspectos aparentemente contraditórios das habilidades que necessitamos para o convívio social: a capacidade de competir e ser eficientes no mundo do trabalho e a necessidade de sermos solidários.⁶⁸

Vivemos numa sociedade onde as vozes do ter, do poder, do consumismo ressoam em toda parte e invadem as consciências das pessoas e estas por sua vez refletem atitudes de dominação e competição nas suas relações com os outros. Na realidade em que nos situamos, torna-se necessário educar para a solidariedade, pois nela se encontra na raiz do processo de humanização. Muitas são as vítimas da exclusão social e moral que esperam um olhar solidário para resgatar a dignidade humana.

- **Ética do cuidado:** A escalada de violência no mundo significa falta de cuidado, de ternura, de bondade. Não há agressividade humana que não possa ser vencida pela ternura e pelo cuidado. Tudo o que é cuidado dura mais e é mais valorizado. O mundo não é uma grande loja de conveniências. Ele é a casa de todos. O cuidado representa uma atitude de ocupação, de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. O ethos que cuida e ama é libertador, cria esperança e traz segurança. Portanto, cuidar significa respeitar a comunhão que todas as criaturas entretêm entre si e conosco.
- **Ética da Compaixão e da Libertação:** Compaixão é ir ao encontro do outro, sobretudo dos que não contam, dos que mais sofrem. É a capacidade de compartilhar a paixão do outro e com o outro. Traduz-se no sentido de um sair de si mesmo e entrar no mundo do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sintonia com ele. É procurar construir a comunhão junto com os que sofrem. Assim sendo, “é o amor [...], a ternura, a carícia, a cordialidade, a convivialidade e a compaixão que

⁶⁷ BOFF, 1999, p. 28.

⁶⁸ ASSMANN; MO SUNG, 2002, p. 168.

garantem a humanidade dos seres humanos”.⁶⁹ Com-paixão é uma atitude de compartilhar a paixão do outro e com o outro, sofrer como ele, alegrar-se com ele, andar o caminho com ele. Acima de tudo a compaixão exige liberdade, altruísmo e amor.

- **Ética da responsabilidade:** Cada ser humano é responsável pela sustentabilidade da vida no mundo. Portanto, “[...] cada pessoa precisa descobrir-se como parte do ecossistema local e da comunidade biótica, seja em seu aspecto de natureza, seja em sua dimensão de cultura”.⁷⁰ É na relação de responsabilidade diante do rosto do outro, especialmente do mais outro que é o oprimido que nasce a ética. Responsabilidade consiste na capacidade de dar respostas eficazes aos problemas que nos chegam da realidade complexa atual. Isso só será possível com um ethos que ama, cuida e se responsabiliza.
- **Ética do diálogo:** O cuidado do outro nos provoca a dialogação, a uma relação eu-tu, construtora de aliança perene de paz e de amorização. O diálogo provoca-nos a novos desafios relacionais com o outro refletido em todo ecossistema. Como afirma Freire: “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se configura como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.⁷¹
- **Ética paraclética e terapêutica,** a ética do ‘curador ferido’.⁷² É uma ética que leva em conta um ideal a ser buscado; mas leva, sobretudo em conta a vida concreta das pessoas, as possibilidades reais de cada uma e o passo que elas podem dar em direção à meta. A paraclése aparece como uma linguagem consoladora, animadora, encorajadora, curativa, que mostra o rosto atraente da moral cristã. É uma ética da graça, da alegria, da liberdade, da responsabilidade criativa, da fraternidade e da beleza, muito mais do que ética da condenação, da culpa, do peso, da humilhação e da dor. Na ética cristã a única lei vinculante é a de Cristo: lei do amor que salva e cura a todos.

Enfim, o plano da ética é a vida da pessoa consciente e livre que se integra com os outros na sociedade, visando construir uma vida que respeite a dignidade de todos os seres do universo. Esse é o princípio vivo da eticidade atual e, nesta concepção, a ética não depende em primeiro lugar de princípios abstratos fundados em conceitos como consciência, natureza e razão, mas depende das circunstâncias da pessoa e de seu meio sócio-cultural.

As atitudes capazes de comover as pessoas e de movê-las para uma prática histórico-social libertadora estão na sensibilidade humanitária e na inteligência emocional expressas pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade generacional e pela compaixão. A verdadeira universalidade ética mede-se pela forma com que se trata o pobre, o excluído, que somam a maioria da

⁶⁹ BOFF, 1999, p. 128.

⁷⁰ BOF, 1999, p. 135.

⁷¹ FREIRE, 1997, p. 154.

⁷² Cf. HÄRING, B. *O evangelho que nos cura*. São Paulo: Paulinas, 1992.

humanidade, e o planeta terra. A justiça e a paz se constroem a partir das relações justas consigo mesmo, com as outras pessoas, com as diferentes culturas, com a vida, com a Terra e com o grande Todo do qual todos são parte.

O mundo urge por uma revolução ética globalizada, a ser concretizada dentro da nova situação em que se encontram a Terra e a humanidade para que possa emergir a nova sensibilidade e novo ethos para a estruturação de uma plataforma civilizatória.⁷³

A escola não é apenas o lugar da escolarização, mas, sobretudo, o da formação humana e o da formação do sujeito ético. A educação é necessária para que o ser humano seja constituído. Freire afirma que “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Além disso, ao autor lembra que:

[...] se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.⁷⁴

Para a construção de uma ética planetária em educação, precisamos de currículos contextualizados que contemplem a vida em todas as suas dimensões, com ritmos diferentes, espaços integradores onde todos sejam incluídos e sintam-se amados e acreditados como pessoas geradoras de um mundo novo. Para tanto, faz-se necessário uma pedagogia problematizadora, da libertação, que, segundo Velasco:

- Põe os instrumentos da cultura erudita a serviço da conscientização-mobilização dos oprimidos em luta para superar o capitalismo e alcançar uma ordem comunitária, constituída por indivíduos livremente associados e multilateralmente desenvolvidos;
- Toma como ponto articulador da ação pedagógica as questões vinculadas à vida diária e à luta dos oprimidos;
- Estabelece vínculos de mútuo enriquecimento entre a cultura erudita e a chamada cultura popular (aquela que os oprimidos constroem no dia a dia e de suas lutas);

⁷³ Por ethos entendemos o conjunto das inspirações, dos valores e dos princípios que orientarão as relações humanas para com a natureza, para com a sociedade, para com as alteridades, para consigo mesmo e para com o sentido transcendente da existência: Deus.

⁷⁴ FREIRE, 2000, p. 67.

- Supera a contradição educador-educando, propiciando a construção dialógica do conhecimento vivo em uma dinâmica onde ambos são educandos-educadores, porque são investigadores críticos, ou seja, sujeitos desveladores da realidade social e comprometidos em sua transformação libertadora;
- Combate, por meio da crítica e da auto-reflexão, o fatalismo e o assistencialismo e aposta na capacidade de luta dos e com os oprimidos para melhorar nossas vidas e para, em última instância, superar o capitalismo;
- Defende a tomada democrática das decisões e aponta para a superação da disciplina verticalmente imposta pela autodisciplina consensualmente estabelecida e avaliada.⁷⁵

A educação numa cultura excludente é permeada de práticas alienatórias que configuram a exclusão social. Injetam-se líquidos nos úteros sociais segundo os interesses dos que se consideram “iluminados”. Constrói-se uma hierarquia social que mantém a maioria à margem da vida humana. Nessa sociedade se molda um modelo de educação dominadora. Diante disso, faz-se necessário a construção da escola como a casa do conhecimento, onde a aprendizagem possa ser construída coletivamente. Dessa forma, a escola pode constituir-se o canal das experiências de aprendizagens onde a vida possa gerar formas mais humanas de convivência.

Nesses “tempos líquidos” em que vivemos, estamos numa crise generalizada de valores e diante de nós se apresentam múltiplas possibilidades de sairmos dela pela via da educação mergulhada nas águas da transparência e da responsabilidade ética.⁷⁶

Boff nos acena que “há uma constatação indiscutível, de aterradora crise ética e moral em todas as partes, atingindo o coração da humanidade”. Diante disso, cabe-nos, como cidadãos e educadores, o exercício de preparar novas formas e compreensões do agir ético.⁷⁷

A grande missão educativa é resgatar a dignidade do humano. É tornar a educação um processo de conquista onde a humanização e a libertação do ser humano tornem-se realidade. Os desejos de vida, paz, fraternidade e solidariedade não encontram resposta em meio aos ídolos do lucro e da eficácia, da

⁷⁵ VELASCO, Sírio Lopez. *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 213.

⁷⁶ Conceito usado por Zygmunt Bauman em seu livro *Tempos Líquidos*, onde faz uma reflexão profunda sobre a insegurança que abala a sociedade. O terrorismo, o crime organizado, o desemprego e a solidão são fenômenos atuais que gestam exclusão e desintegração da solidariedade que expõe o ser humano aos seus temores mais graves, causando ansiedade e angústia.

⁷⁷ BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-10.

insensibilidade frente ao sofrimento alheio, aos ataques à vida intra-uterina, à mortalidade infantil e todas as modalidades de violência contra crianças, jovens, homens e mulheres. Isso sublinha a importância da luta pela vida, pela dignidade e pela integridade da pessoa humana. O vazio ético em que vivemos mostra um vasto campo de contravalores que podem nos empurrar, com seus gritos, para uma nova sensibilidade ética, estruturada na responsabilidade e na cooperação. A crise assola as convicções humanas e atinge seus pilares. Será que a escola consegue acompanhar a velocidade das mudanças com suas necessidades? As transformações ocorridas com o avanço tecnológico e da ciência provocaram novas maneiras de ver e organizar a vida. Essas mudanças profundas fizeram com que os velhos paradigmas perdessem sua força orientadora e balizadora das consciências e das ações humanas. Que educação será capaz de educar esse ser humano dentro de uma perspectiva ética e moral?

Precisamos pensar numa educação que esteja mergulhada numa ética que tenha em vista a organização de uma sociedade justa, fraterna e solidária; uma ética preocupada em identificar os princípios de uma vida que proporcione harmonia e um profundo sentido humano; uma ética que respeite e valorize as diferenças, que defenda a cultura da vida e garanta o desenvolvimento da vida humana desde a concepção até sua morte natural.

2.3 Educação libertadora para uma ética da libertação

Uma educação libertadora construída no cotidiano escolar é aquela que se propõe a fazer com que educador e educando se empenhem no desvelamento crítico do mundo, simultaneamente com a ação engajada na transformação por uma sociedade sem opressores nem oprimidos. O desvelamento crítico da sociedade implica colocar a competência científica a serviço da luta dos oprimidos e trabalhar os conteúdos a partir, em relação e para o esclarecimento reflexivo e auto-reflexivo das experiências vitais desses, dialogicamente, como afirma Freire: “[...] o diálogo [...] é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado”.⁷⁸

⁷⁸ FREIRE, 1987, p. 79.

Uma educação construída a partir da ética da libertação deve ter consciência de que precisa reconhecer o outro como sujeito ético. Segundo Dussel, o respeito e re-conhecimento do outro é o momento ético.⁷⁹

Vivemos num tempo em que nos deparamos, continuamente, com inúmeros excluídos, as vítimas da sociedade excludente. Não podemos evitar o contato, real ou virtual, com os chamados excluídos. Eles são presença constante em nossas sociedades, de forma visível ou invisível. A insensibilidade social frente ao fenômeno da massiva exclusão social parece se naturalizar. Por que há tantas pessoas incapazes de sentir a dor e o sofrimento dos outros? Ou será que a dor do outro a incomoda de tal forma que a torna incapaz de suportar a visão do sofrimento alheio? Como a educação trabalha a sensibilidade social de seus alunos, que no cotidiano se deparam com o dor do outro? Na escola é possível construir projetos sociais que envolvam educandos e educadores, tendo em vista uma sociedade mais justa e fraterna. As práticas de solidariedade continuadas junto aos excluídos, seja dentro ou fora da escola, educam para a sensibilidade e responsabilidade social. Dussel, ao se referir a esse outro como vítima de exclusão, destaca a necessidade de

[...] respeitar a dignidade e re-conhecer o sujeito ético do novo outro [...] é o ato ético originário racional prático [...], pois é dar lugar ao outro para que intervenha na argumentação não só como igual, com direitos vigentes, mas como livre, como outro, como sujeito de novos direitos.⁸⁰

Diante dessa realidade as escolas da Associação Congregação de Santa Catarina, em sua proposta educacional, desenvolvem diversos projetos sociais junto à comunidade onde envolvem seus educadores e educandos num empenho coletivo de lutar por uma nova sociedade onde prevaleçam os valores da justiça e da fraternidade: Inclusão Digital; Cuide da Vida; Amigos da Alegria; Cidadania e Meio Ambiente, Gerando Criança Feliz; Esporte e Vida Saudável; Criar e Recriar e outros.

A educação tem como tarefa desencadear um processo de conscientização, para que o outro, ao saber-se afetado, explorado ou excluído, possa se libertar da situação de opressão. Pois o excluído precisa ter consciência da negatividade para

⁷⁹ DUSSEL, 2000, p. 418.

⁸⁰ DUSSEL, 2000, p. 418.

construir um projeto de libertação. Como afirma Freire: “Falta amanhã aos ‘esfarrapados do mundo’ como falta amanhã aos subjugados pelas drogas”.⁸¹

A libertação é processo doloroso “[...] e só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos”.⁸² Freire ainda afirma que:

A libertação [...] é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se”.⁸³

Acreditar nessa educação utópica para a construção de um novo mundo requer empenho e ousadia de todos aqueles e aquelas envolvidos no ofício de ser mestre nos tempos de hoje. Andreola destaca que o amor e o perdão passam a ser uma exigência política para a solução dos grandes problemas que ameaçam a sobrevivência humana.⁸⁴

Uma educação pensada com amorosidade dignifica o humano que há no outro e lhe desperta o desejo de lutar por uma vida digna com responsabilidade universal. Assim, será possível pensar num novo mundo possível quando cada um sentir-se responsável pelo presente e pelo futuro, pelo bem-estar da família humana e do grande mundo dos seres vivos. O educando que desenvolve o espírito de solidariedade humana e de parentesco com toda a vida é fortalecido quando vive com reverência o mistério da existência, com gratidão o presente da vida e com humildade, considerando o lugar que ocupa o ser humano na natureza.

Freire fala da importância de fortalecer a vontade e a autoestima na vida do ser humano para que ele possa se libertar da sua situação de opressão. A educação tem um papel prioritário nesse resgate do ser humano esfarrapado. Assim sendo o autor afirma:

[...] toda prática educativa libertadora, valorizando o exercício da vontade, da decisão, da resistência, da escolha; o papel das emoções, dos sentimentos, dos desejos, dos limites; a importância da consciência na

⁸¹ FREIRE, 2000, p. 47.

⁸² FREIRE, 1987, p. 35.

⁸³ FREIRE, 1987, p. 36.

⁸⁴ ANDREOLA, Balduino A. Ética e educação: uma abordagem filosófico-teológico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 41, abr. 2001, p. 11.

história, o sentido ético da presença humana no mundo, a compreensão da história como possibilidade jamais como determinação, é substancialmente esperançosa e, por isso mesmo, provocadora de esperança.⁸⁵

Na educação torna-se urgente propor valores básicos, para que possam ser tecidas redes de relacionamento social fundamentados na ética, a fim de que o ser humano possa ser reconhecido e acolhido na sua integridade humana. Quais seriam esses valores que possibilitam uma educação libertadora para uma ética da libertação? Diante da relativização dos valores é necessário um esforço coletivo em todas as práticas educacionais para que o ser humano seja capaz de conviver de mãos dadas com a justiça, fraternidade, respeito, solidariedade, amorosidade, compaixão, ternura, diálogo, acolhida da diversidade. Sem um mínimo de consenso fundamental com respeito a valores, normas e posturas não é possível a existência de uma comunhão maior nem uma convivência humana digna. Küng nos lembra da necessidade da transformação de valores diante da mudança epocal de paradigma, que abarca o mundo do trabalho, da cultura, da política. Essa transformação inclui:

- A passagem de uma ciência sem ética para um ciência eticamente responsável;
- A passagem de uma tecnocracia que domina as pessoas para uma tecnologia que serve à humanidade das pessoas;
- A passagem de uma indústria que destrói o meio ambiente para uma indústria que promove os verdadeiros interesses e necessidades das pessoas em harmonia com a natureza;
- A passagem de uma democracia formalmente de direito para uma democracia vivida, na qual a liberdade e justiça estão reconciliadas.⁸⁶

Nesse sentido percebemos a necessidade de construir e fortalecer uma nova constelação de valores em harmonia com a imaginação, a sensibilidade, a emoção, o calor, a suavidade e a humanidade. Portanto, diante da crise atual de valores emerge a importância de dar novas ênfases e oferecer contrapropostas à sociedade, para que nela o ser humano encontre sentido de vida e viva com dignidade.

Boff apresenta alguns princípios necessários para que haja um modo de vida sustentável a toda comunidade de vida do planeta:

- Respeitar e cuidar da comunidade de vida;

⁸⁵ FREIRE, 2000, p. 48.

⁸⁶ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

- Integridade ecológica;
- Justiça social e econômica;
- Democracia, não-violência e paz.⁸⁷

Para falarmos em ética precisamos discutir todo contexto social em que o ser humano se encontra inserido. Esse ser humano que, atualmente, nem é dono mesmo da própria casa e também é percebido como alguém insignificante na imensidão do espaço. Além disso, o ser humano tornou-se elemento marginal do cosmos que pode ser manipulado e produzido por engenharia e técnica. Então, afinal, quem é este ser humano? Qual a sua condição humana?

O ser humano está ameaçado de ser reduzido à massa de manobra e como objeto descartável. Ele passou a ser considerado como “coisa”, sujeito a ser manipulado, explorado, desprezado. A dignidade humana parece estar no plano secundário. O ser humano torna-se objeto de competitividade e produtividade visto muitas vezes somente pelo seu valor comercial. Na falta da capacidade de competir, acaba sendo condenado ao desemprego, à pobreza ou à existência marginal.

Nos discursos de muitas pessoas, emergem palavras que remetem à paz, porém a uma paz armada, a qual resulta na experiência traumatizante da brutalidade de que o ser humano é capaz. Essas são marcadas pelos horrores dos genocídios, das chacinas e pelas barbáries das guerras mundiais e civis que abalam a fé na bondade do ser humano e na nobreza de sua alma.

O ser humano como obra da criação é chamado a ser criador do universo, como alguém que cria e re-cria a vida em todas as dimensões. Esse compromisso tem suas implicações éticas, pois, para servir ao bem, a pessoa pretende a proteção do ser humano e o resguardo da sua integridade física, social, psíquica e espiritual.

A humanidade historicamente vem sendo exposta à ameaça da “desumanização”, implicando “despersonalização”, a redução do sujeito a objeto. Arranca-se das pessoas o rosto, negando-lhes a identidade e dessa forma desprezando sua dignidade como ser singular merecido de respeito a afeto. Além disso, a pessoa encontra-se teleguiada, uniformizada, dominada pela ideologia hegemônica e submetida aos interesses das convenções econômicas.

⁸⁷ BOFF, 2003, p. 113.

A face da desumanização se esconde no projeto do controle genético do ser humano; no ambiente frio e artificial das metrópolis urbanas; no novo “apartheid social” e nas perigosas divisões que atormentam o mundo globalizado. Além disso, a verdadeira epidemia que se alastra no meio social em relação à vida humana tornou-se uma mercadoria que se compra ou se despreza; uma máquina que vira sucata quando deixa de funcionar. Por tratar o Outro como simples objeto que a nossa cultura se converteu em barbárie.

Vivemos numa sociedade onde os sentimentos humanos estão endurecidos, em que a maioria é jogada à margem social, considerada como lixo da humanidade. Uma sociedade em que a acumulação da riqueza passou a ser maior objetivo da pessoa humana, a lógica do mercado passou a ser o centro da vida e o principal critério de discernimento para as questões morais. Tudo é legitimado pelas leis do mercado, onde o objetivo último não é a satisfação das necessidades das pessoas, mas sim a satisfação dos desejos dos consumidores. Na absolutização das leis do mercado não há espaço para a indignação ética diante dos problemas que atingem o ser humano.

A lógica da concorrência gera ansiedade e tensão no ser humano, que ainda luta dentro do mercado, e dificuldades de sobrevivência para aqueles que são expulsos do mercado. Em nome do progresso econômico da sociedade são legitimados sacrifícios necessários de pessoas humanas que vivem no sofrimento, na miséria e em situações causadoras de morte. A sensação de normalidade que toma conta de tantos corações provoca atitudes de cinismo e indiferença diante dos graves problemas sociais gerados pela lógica do mercado. A insensibilidade dos integrados no mercado diante dos sofrimentos dos pobres é hoje uma marca da nossa sociedade.

A grave crise social é consequência de uma sociedade capitalista, cujo modo de produção é altamente competitivo e minimamente cooperativo. Vemos os megaconglomerados e uma produção de miséria e de exclusão que mostram a barbárie social.

Nessa sociedade, deve haver uma séria preocupação ética com a dignidade da pessoa. Existe a impossibilidade de organizar e viver num grupo social baseado somente no egoísmo, na defesa do interesse pessoal e imediato. A base dos problemas morais está na divisão do trabalho e na necessidade de ajuda e

cooperação de grandes multidões. Dessa forma, necessitamos recuperar o sentido da vida em comunidade e, portanto, da ética.

A sociedade torna-se mais humana quando possibilita uma vida digna, uma convivência social harmoniosa, fraterna e justa. Portanto, a VIDA deve ser o critério para avaliar as atitudes da sociedade e de cada rosto humano.

Diante da realidade cruel em que vive a maioria dos seres humanos, torna-se emergente construir uma ética da libertação voltada às vítimas empobrecidas, dos excluídos, dos marginalizados e oprimidos: “Porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, não tinha teto e me hospedastes, estava nu e me vestistes, enfermo e me curastes, estava na prisão e viestes me visitar” (Mt 25.35).

Portanto, o grande desafio ético e político são os dois terços da humanidade, pobres, oprimidos e excluídos. O sistema social, pela forma como se organiza, como produz e distribui os bens necessários e as responsabilidades, não consegue incluir a todas as pessoas, por isso muitos se encontram na situação de sobrantes, de descartáveis, o que gera um mar de sofrimentos, de humilhações, de desestruturação das pessoas e das famílias. São humanos que infligem esse flagelo a outros humanos, não porque são perversos, mas porque aceitam passivamente as consequências produzidas por um tipo de relação social cuja lógica férrea de ter vantagens individuais e de acumular privadamente bens e serviços se apresenta cruel e sem piedade.

Boff ao se referir aos excluídos afirma: “[...] eles são consequência da aplicação maciça de tecnologias de ponta que substituem a força de trabalho, privilegiando os lucros auferidos, sem considerar as consequências sociais, que são o desemprego estrutural e a exclusão social”.⁸⁸

O respeito e o reconhecimento do outro como outro é, o momento ético originário, pois respeitar a dignidade e re-conhecer o sujeito ético do novo Outro é um ato ético, pois permite dar lugar ao Outro como ser livre e sujeito de novos direitos.

A ética nasce da responsabilidade pelo Outro: sabedoria do amor a serviço do amor. Essa atitude nos faz buscar respostas de solução a um problema

⁸⁸ BOFF, 2003, p. 44.

apresentado pela dor injusta e sofrida pela vítima, dor pela qual todos somos responsáveis. Portanto, o ato crítico-ético está no fato de perceber que o outro, a vítima, pede solidariedade a partir da exposição de sua própria corporalidade sofredora.

O rosto de outro assume contornos importantes na construção de uma ética; o rosto revela a dimensão inesgotável do ser, remetendo para um pensamento que descreve a grandeza humana, que exige de uma pedagogia amorosa capaz de tecer novas relações onde esteja estampado o respeito e acolhida. Na obra *Humanismo do outro homem*, Emmanuel Levinas afirma que:

O outro que se manifesta no rosto perpassa, de alguma forma, sua própria essência plástica, como um ser que abrisse a janela, onde sua figura no entanto já se desenhava. Sua presença consiste em se despir da forma que, entretantes, já se manifestava. A manifestação do rosto é o primeiro discurso. [...] A significação do rosto, sua abstração, é, no sentido literal de termo, extraordinária, exterior a toda ordem, a todo mundo.⁸⁹

Na escola esse outro, o aluno marginalizado pelo processo educacional excludente e repetente, se manifesta e exige no nível ético uma nova postura e nova prática pedagógica. Nas Escolas da Associação Congregação de Santa Catarina da Província Santa Catarina, o excluído social é atendido por meio de projetos que envolvem alunos, professores e funcionários. Muitos desses encontram espaço acadêmico, porém é um numero muito reduzido. As Instituições preocupam-se em atender as “quotas” de filantropia exigidas pelo Governo Federal, porém esquecem de lançar um olhar sobre a crianças ou jovem que se encontra a margem da sociedade.

Regina Protmann em sua proposta educacional empreendeu todas as suas forças em favor dos outros menos favorecidos pela sociedade da época. Concretizou sua missão no cuidado dos doentes, das pessoas abandonadas e na educação das meninas, formação que visava à renovação moral e intelectual da família.

A práxis de uma Ética da Libertação está na ação possível que transforma a realidade, tendo como última referência sempre alguma vítima ou uma comunidade de vítimas. Dussel, ao se referir sobre o movimento positivo do princípio da libertação, afirma:

⁸⁹ LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo de outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 45.

Libertar não é só quebrar as cadeias, mas desenvolver a vida humana ao exigir que as instituições, o sistema, abram novos horizontes que transcendam à mera reprodução como repetição de 'o mesmo' - e, simultaneamente, expressão e exclusão de vítimas. [...] é, diretamente, construir efetivamente a utopia possível, as estruturas ou instituições do sistema onde a vítima possa viver, e 'viver bem' [...]; é tornar livre o escravo; é culminar o 'processo' da libertação como ação que chega à liberdade afetiva do anteriormente oprimido. É um libertar para o novo, o êxito alcançado, a utopia realizada.⁹⁰

Portanto, na ação libertadora temos o desafio de transformar as normas, ações, microestruturas, instituições ou sistemas a partir das vítimas para que essas vivam com dignidade e sejam inseridas nas relações sociais.

A libertação dos oprimidos deve ocorrer a partir deles mesmos, na medida em que se conscientizam da injustiça de sua situação, se organizam entre si e começam com práticas que visam transformar estruturalmente as relações sociais perversas. O cuidado com os empobrecidos e excluídos e o arriscar-se por sua causa é consequência de um grande amor. A consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa pelo cuidado com os pobres, marginalizados e excluídos. Só assim poderemos inaugurar uma nova era planetária onde haja paz e fraternura.

A ética sempre nos remete a uma ação solidária, humanitária e responsável para com a vida. A vida justa, como categoria, só pode ser apreendida quando pensamos a realidade social: a vida com os outros; a interação coletiva, enfim, a esfera pública. Freire nos lembra que: "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros".⁹¹

Construir uma educação libertadora a partir dos oprimidos é procurar responder com fidelidade ao Carisma de Regina Protmann que, além de cuidar dos pobres e sofredores, também mostrou interesse a toda e qualquer pessoa enquanto ser integral. Como afirma o Cardeal Josef Glemp:

[...] Regina Protmann entregou toda a sua vida por Cristo, e empenhou todas as energias para a renovação da Igreja. E isto ela fez através da contemplação e da vida ativa. Ela sabia organizar a oração e ao mesmo tempo a ajuda prática junto às pessoas. Tinha um olhar voltado especialmente sobre os deontes, os sofredores, feridos e estropiados. Demonstrou que se deve educar os jovens, que não se pode descuidar-los.

⁹⁰ DUSSEL, 2000, p. 566.

⁹¹ FREIRE, 1997, p. 66.

Ela visou também o trabalho pastoral junto à mulher como uma de suas primeiras atenções.⁹²

A ação ética ancora-se na intencionalidade da ação, na relação da consciência para consigo mesma, na integridade do ser humano frente a seus semelhantes. Viver sob parâmetros éticos requer eleição de princípios do agir, em consonância com os quais se possa pautar a trajetória da vida.

A atenção dispensada à ética decorre da preocupação com problemas sociais, ecológicos e comportamentais muito concretos que se originam, de um lado, do enorme poder de intervenção científico-tecnológico e, de outro, da desestabilização dos valores tradicionais que serviam de orientação para a relação dos homens com a natureza e dos homens entre si. Como afirma Freire: “Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo”.⁹³

Vivemos em meio a um contexto de contradições em que tanto aumenta a violência, a banalização da vida e a busca de vantagens pessoais, quanto se aspira por paz social, maior valorização da vida, mais respeito pela dignidade das pessoas. A superação desse conflito está condicionado por transformações mais profundas que dizem respeito à ordem democrática, à organização econômica e às instituições jurídicas. É inútil sonhar com paz, respeito e solidariedade enquanto a sociedade permanecer dividida em classes sociais de ricos e miseráveis, de cultos e ignorantes, de empregados e desempregados. Assim se cruzam a ética do indivíduo e a ética da justiça social.

Diante da falta de parâmetros éticos em que vive o ser humano, a escola poderá exercer um papel que a ela jamais foi atribuído em tempos passados: a de ser instituição formadora de sujeitos éticos. Assim a educação deve investir na instauração de formas solidárias de ação histórica, buscando contribuir na construção de uma humanidade renovada.

Atualmente, para conservar o patrimônio natural e cultural acumulados, precisamos urgentemente mudar de paradigma civilizatório e reinventar relações mais benevolentes e sinérgicas com a natureza e maior colaboração entre os

⁹² GLEMP, Cardeal Josef. Auxiliar o próximo e louvar a Deus. *Mensagem Santa Catarina*, Grotaferrata, n. 65, 2000, p. 38.

⁹³ FREIRE, 1997, p. 21.

povos, culturas e religiões, a fim de realizarmos o projeto humano, aberto para o futuro e para o infinito.

Fazer acontecer uma educação a partir desses princípios requer uma mudança na mente e no coração; consiste em despertar uma nova reverência face à vida, através de um comprometimento com a sustentabilidade, na luta pela justiça, pela paz e pela alegre celebração da vida. A escola torna-se o espaço onde educando e educadores podem exercitar gestos e atitudes de libertação, tanto em nível pessoal quanto coletivamente. O ensinante como o aprendente precisa se conscientizar de suas cegueiras e paralisias pessoais e sociais, que os impedem em assumir práticas libertadoras que favoreçam a construção de uma nova sociedade que traz as marcas da sensibilidade humana, da compaixão e do cuidado com a vida.

2.4 Ética e educação na contemporaneidade

Uma ecopedagogia, dialogicamente construída, exige repensar e reatualizar a prática docente frente a situações-limite e da cultura do alheamento, que se apresenta insensível diante da minoridade das grandes massas populacionais.⁹⁴ Essa realidade nos desafia a construirmos uma educação crítico-humanizadora que busque novos paradigmas éticos para a comunidade planetária.

Em instituições educacionais marcadas pela busca de uma atuação humana que faça diferença em prol da vida e de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária, tornar-se pessoa significa considerar diferenças culturais, étnicas, sociais, de classe, de gênero e outros. Se, por um lado, significa reconhecerem-se como sujeitos éticos, exigindo educadores-educandos criticamente sensíveis a construir respostas que incorporem diferenças de tempos, lugares, culturas e circunstâncias,

⁹⁴ A Ecopedagogia é um conceito ainda em construção e é definido mais como um movimento do que como uma nova teoria de educação. No Brasil, o principal centro de estudo sobre a Ecopedagogia é o Instituto Paulo Freire, em cujo *site* existe uma série de documentos e artigos sobre o tema, entre eles "Pedagogia da Terra - ideias centrais para um debate", de Moacir Gadotti, professor titular da Universidade de São Paulo e diretor do IPF. A Ecopedagogia não é uma pedagogia a mais, ao lado de outras pedagogias. Ela só tem sentido como projeto alternativo global onde a preocupação não está apenas na preservação da natureza (Ecologia Natural) ou no impacto das sociedades humanas sobre os ambientes naturais (Ecologia Social), mas num novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais. Ela está ligada, portanto, a um *projeto utópico*: mudar as relações humanas, sociais e ambientais que temos hoje. Aqui está o sentido profundo da Ecopedagogia, ou de uma *Pedagogia da Terra*, como a chamamos.

por outro lado, implica em colocar em questão limites ou possibilidades dos currículos escolares diante dessas diferenças na construção das identidades sociais pelas quais podem vir a ser responsáveis.

A ética é um fundamento da vida que precisa repassar todas as práticas educacionais, todo pensar e agir educativo. A escola, num mundo globalizado, vem a ser um espaço de humanização e de construção da ética planetária.

Os professores/professoras ainda são o coração por onde passa o sangue dos saberes vividos e aprendidos e por onde as relações entre experiência-reflexão-ação poderão ganhar força de transformação, visando um novo mundo possível. Isso requer uma ressignificação constante da docência e do docente, onde cada um e todos aprendem a decidir sobre quais opções terão como centro de suas vidas e do seu próprio trabalho docente, num responsável compromisso em educar para tornar o ser humano cada vez mais humano. Para tanto, é preciso lutar pelo direito à vida vivida com dignidade e possibilitar que o cotidiano escolar incorpore as dimensões de uma sociedade humanizada.

2.4.1 A transversalidade da ética na escola

A aplicação da ética de forma transversalizada às disciplinas do currículo tem acompanhado a proposta educacional brasileira. Os conteúdos referentes à ética são propostas transversais no currículo escolar. O que a escola entende por currículo e por transversalidade?

Considerando que vivemos e educamos na perspectiva de uma razão ética que nos interpela sobre nossas ações, colocamos o currículo como espaço-tempo não mais linear, mas dinâmico, movente, onde problematizamos e explicamos sentidos, refazendo e ressitando significados culturais e identidades sociais.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC, o conceito de transversalidade se torna popular, porque apenas os temas ético-humanistas levam o nome de Temas Transversais. O que significa transversalidade? Trata-se de uma lógica de transitar/transmigrar; um modo de pensar e agir segundo uma racionalidade-em-trânsito. Como então pensar ética como tema transversal num currículo escolar, onde ainda podemos considerar a escola e a educação como

espaços-tempo onde se dá, em grande parte, a des/construção das identidades sociais?

Frente a essas questões somos desafiados a construir currículos que se movam mais no horizonte da negociação cultural, dentro de uma prática escolar mais participativa e, portanto, currículos mais flexíveis e experimentais, que deem conta de uma ecopedagogia, que se questiona pelo que fazemos à Mãe-Terra e ao próprio sistema planetário.

Os temas ético-humanistas como Temas Transversais devem contemplar todas as práticas educativas docentes e discentes no cotidiano escolar e não se resumir como uma disciplina do currículo rígido e linear.

a- A ética dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): questões preliminares

Pensar ética como tema transversal foi uma inovação na proposta de ensino. Contudo, é preciso refletir sobre a abordagem desse tema na educação. É importante entendermos a que correspondem termos como ética, cidadania e democracia. Politicamente parecem endossar noções tradicionalmente vinculadas ao princípio da representação, em que estão presentes fortes marcas da autoridade, poder e controle.

No parecer da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, nº 4/1998 estabelece as seguintes Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental, afirmando que as escolas deverão estabelecer, como norteadores de suas ações pedagógicas:

- a) os Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- b) os Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;
- c) os Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.⁹⁵

Estes princípios deverão fundamentar as práticas pedagógicas das escolas, pois será através da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum, que a Ética fará parte da vida cidadã dos alunos.

⁹⁵ BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998. p. 402 .

Pelo que percebemos no interior dos PCNs, a ética nasce do conjunto de orientações que nos ajudam a alcançar o sentido do convívio social e dos procedimentos, atitudes e valores vindos dos conteúdos, e parece pretender disputar o espaço até agora ocupado pelo Ensino Religioso e pela Educação Moral e Cívica. Esse tema transversalizado, dentre outros presentes na proposta, implica o seu tratamento de conteúdos por todas as diversas áreas, mas, sobretudo, de atitudes e valores. Assim sendo, os PCNs dão ênfase aos conteúdos como meio para desenvolvimento da socialização. Conseqüentemente, os valores e as atitudes são considerados no mesmo nível de importância dos conceitos e dos fatos ensinados em cada área:

Levando em consideração o fato de que as experiências escolares abrangem, de forma intrincada e complementar, a aprendizagem das diversas áreas do conhecimento e o convívio escolar, os critérios que nortearam a escolha dos conteúdos foram: sua relevância tanto para o ensino das diversas áreas e temas quanto para a forma articulada com os outros temas, na sala de aula. Buscou-se contemplar a afirmação e a legitimação de valores relacionados ao princípio de dignidade humana e a construção de autonomia moral pelos alunos.⁹⁶

Lançando um olhar sobre os PCNs percebe-se que houve uma substituição de conteúdos dogmáticos e de conteúdos normativos e não menos ortodoxos pelo conjunto de disciplinas que acolheriam as questões sociais urgentes indicadas nos temas transversais, o que não nos assegura que uma série de noções previamente constituídas possam vir a ocupar este espaço. Além disso, a socialização de que fala o documento não é espontânea, mas obedece a uma série de princípios, que seriam os aceitos segundo uma orientação dada a priori e extensamente detalhada pelo texto oficial.

Portanto, os PCNs apresentados pelo MEC, apresentam um discurso de uma racionalidade crítica progressiva, almejando construir o currículo escolar a partir da interlocução de especialistas e pesquisadores da área da educação junto à sociedade. Contudo, há uma contraposição quando se observa que tal proposta não leva em conta a diversidade de perspectivas que poderiam ser fomentadas pela falta de participação dos professores e de outros segmentos da sociedade. Além disso, é uma afronta ao pretender constituir-se como esquema curricular comum.

⁹⁶ BRASIL, 1998, p. 95.

Os PCNs, portanto, não deixam de ser uma força que se pronuncia, e nossa crítica vai no sentido de que as propostas que este documento enreda, materializam uma unicidade em detrimento da diversidade que a realidade enseja.

b- A ética e seu ensino nos PCNs

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a experiência da reforma de ensino espanhola foi a principal influência, com sua proposta de apresentar um currículo composto por áreas ou disciplinas, articuladas com os chamados “temas transversais”, voltados para temáticas sociais atuais e relevantes, que devem “atravessar” os assuntos das várias áreas ou disciplinas. Um dos temas transversais eleitos, como vimos, é justamente o da ética. No documento Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental – terceiro e quarto ciclos, referente ao tema ética, encontramos que ética e cidadania devem ser tomadas como os princípios fundamentais da vida social. A argumentação é a seguinte:

O bem visado pelas ações morais, embora possa contemplar os indivíduos, em sua experiência particular, tem sempre caráter coletivo – assim como não há moral individual, não há bem senão na relação com os outros. A felicidade é assim, um conceito que deve ser entendido como bem comum. Dessa maneira, se aponta a estreita relação que guarda a moral com a política, entendida como instância de relação de poder e de compromissos. O ethos se realiza no interior da polis, da cidade, espaço organizado de vida e relação entre os indivíduos, tomando-se como base o trabalho, a produção de bens e conhecimentos. Os deveres demandam uma resposta dos indivíduos que participam da sociedade. A responsabilidade é, portanto, o núcleo da ação moral. Para responder, entretanto, faz-se necessária a existência de outros elementos. A liberdade, traduzida na possibilidade de fazer escolhas, de tomar partido, é o primeiro deles. Se o indivíduo não pode fazer sua escolha entre a obediência e a transgressão, não pode ser responsabilizado pela ação. À liberdade associam-se a consciência e a vontade. Cada um dos componentes da ação moral ganha sentido não apenas na articulação com os demais, mas na afirmação de seu caráter coletivo. Em todas as sociedades humanas há razões para a obediência e razões para a rebeldia. A responsabilidade implica o conhecimento dessas razões e a consideração daqueles a quem dirigimos ou com quem compartilhamos nossa resposta. Compreende-se, então, que, do ponto de vista ético, o que se demanda em uma sociedade, na perspectiva de sua dimensão política, é a co-responsabilidade – partilha de deveres e poderes. Se entendemos poder como possibilidade de atuação, de interferência e determinação de rumos na sociedade, verificamos que, para se ter uma sociedade realmente democrática, o exercício do poder deve se dar em uma perspectiva de pluralidade.⁹⁷

⁹⁷ BRASIL, 1998, p. 11-12.

Para o desenvolvimento dos objetivos, são elencados quatro valores básicos: dignidade humana, justiça, respeito mútuo e solidariedade. Dessa forma, somos levados a acreditar que se pretende um amplo trabalho com a filosofia, almejando uma formação ética das crianças e dos jovens. Contudo, depois de discutir teoricamente a fundamentação ética, o texto aponta que, na educação escolar, ela deve estar voltada para o “desenvolvimento da moralidade na criança e no adolescente”. Essa questão está centrada na psicologia piagetiana e no construtivismo pedagógico. Percebe-se, então, que é dada ênfase à expressão “desenvolvimento da moralidade” na criança e no adolescente.

Parece ficar evidente a perspectiva de uma “moralização” do processo educativo, por mais que se fale em “consciência”, “pensamento” e “autonomia”. Será possível o desenvolvimento de uma verdadeira autonomia apoiando-se em um processo de “moralização”?

Acreditamos que uma educação visando uma formação ética autônoma deve, necessariamente, passar por processos distintos, fundados na produção de valores próprios, na consciência de que os valores não são eternos e universais, mas historicamente produzidos por indivíduos concretos.

Uma educação pensada nesta perspectiva deverá necessariamente estar aberta para a problemática sociopolítica, uma vez que somos seres sociais. Dessa forma, ela é também atravessada pela questão da cidadania, onde os valores da solidariedade e da responsabilidade precisam ser construídos.

Contudo, essa escola de que se fala e para a qual se quer dar autonomia, atende ao projeto curricular em que a ética, como tema transversal, é apresentada segundo o modelo de uma política educacional vigente. No documento introdutório aos PCN esse intento fica evidente:

A questão central das preocupações éticas é a análise dos diversos valores presentes na sociedade, a problematização dos conflitos existentes nas relações humanas quando ambas as partes não dão conta de responder questões complexas que envolvem a moral e a afirmação de princípios que organizam as condutas dos sujeitos sociais. Na escola, o tema ética se encontra nas relações entre os agentes que constituem essa instituição, alunos, professores, pais, e também nos currículos uma em vez que o conhecimento não é o neutro impermeável a valores de todo tipo.⁹⁸

⁹⁸ BRASIL, 1998, p. 66.

A Proposta da ética presente na lógica dos PCNs, norteados os temas transversais e “construída” a partir do convívio social, traz consigo um conjunto de prescrições a serem seguidas, determinando um caminho já estipulado, diante do qual cabe às pessoas apenas observância. A inserção ética, como tema transversal no currículo, parece ser mais a reedição do que já se realizava no interior das escolas. Parece ser uma proposta mais sutil, sistematizada e organizada em relação à conduta, ao “bom” comportamento, à moral.

Será essa uma formação ética que conduzirá o educando a um comprometimento social? Estarão os educandos sendo preparados para poder gerir suas próprias vidas, com liberdade e responsabilidade?

c- É possível uma educação sem ética?

A ética ocupa hoje um lugar importante nas preocupações da vida humana. Há maior consciência de que, sem ela, a convivência humana se torna impossível. Será que, no campo pedagógico, existe lugar para a questão da ética?

O parecer do CNE/CEB nº 4/1998 afirma que os Parâmetros Curriculares Nacionais, seja outras propostas curriculares, deverão articular o paradigma curricular proposto para o projeto de sociedade que se deseja instituir e transformar, a partir do reconhecimento das identidades pessoais e coletivas do universo considerado.

As escolas deverão reconhecer que as aprendizagens são constituídas na interação entre os processos de conhecimento, linguagem e afetivos, como consequência das relações entre as distintas identidades dos vários participantes do contexto escolarizado, através de ações inter e intrasubjetivas; as diversas experiências de vida dos alunos, professores e demais participantes do ambiente escolar, expressas através de múltiplas formas de diálogo, devem contribuir para a constituição de identidades afirmativas, persistentes e capazes de protagonizar ações solidárias e autônomas de constituição de conhecimentos e valores indispensáveis à vida cidadã.⁹⁹

A formação moral, ética, é inseparável da formação intelectual, científica, estética, social, cultural de qualquer ser humano. Seria incompreensível separar a formação de cada uma dessas dimensões do humano e delegar às famílias e às igrejas a formação ética e às escolas a formação intelectual e científica. Quanto mais

⁹⁹ BRASIL, 1998, p. 403.

sérios formos ao trato do conhecimento, mais nos aproximaremos do reconhecimento de que estamos como docentes mexendo com valores. A história mostra que a instituição escolar surge, se afirma e se universaliza não apenas para ensinar o saber socialmente produzido, mas para socializar as novas gerações, para sua inserção nos padrões sociais, para garantir ferramentas de cultura. Para isso, precisamos avançar profissionalmente, reconstruindo nosso olhar para o novo universo social e docente que encontramos em nossa sociedade.

Os educandos mostram-se vulneráveis não apenas em relação à aprendizagem, mas em relação à construção de sua identidade como sujeitos éticos. Que nas escolas não sejam condenados, nem culpados, mas acompanhados nos tenso percursos de sua formação. A educação tem, portanto, o compromisso de recuperar a dignidade das pessoas e ensinar a viver humanamente. O principal não é produzir mais riqueza ou desenvolvimento tecnológico, todas as coisas que, por outro lado, não são desprezíveis. Mas o fundamental da humanidade é produzir mais humanidade consciente dos requisitos do ser humano.

As pessoas têm o desejo insuperável de orientar-se por algo, de poder apoiar-se em algo. Numa sociedade tecnológica tão complexa e nos acertos e desarcertos de sua vida privada, as pessoas sentem a necessidade de ter orientações éticas fundamentais. Küng afirma que “para a vida humana é fundamental estar ligado a uma direção de vida, a valores de vida, a normas de vida, a posturas de vida, a um sentido de vida”.¹⁰⁰

A tarefa essencial da educação é despertar o ser humano que todos temos dentro de nós, que nos ajude a construir personalidades e a dar rumo à nossa vocação no mundo. Trata-se de desenvolver a semente de si mesmo, de promover não o conformismo e a submissão, mas de dar asas à liberdade. Trata-se, afinal, de aprender a viver como seres humanos, de aprender a amar, a ser livres, de despertar uma nova consciência.

Nesse sentido, a educação deve ensinar a viver com paixão, a defender a vida, a assumi-la como tarefa, como projeto. Segundo Marina,

Viver é mais parecido com escrever. A vida não passa como um rio, mas como uma narração [...]. Temos de decidir o projeto, o argumento, o estilo

¹⁰⁰ KÜNG, 1993, p. 60.

[...]. Conservar o bom estilo no escrever ou no viver é uma mostra de talento criador [...]. O Copyright nos pertence [...], mas muitos renunciam à sua condição de autor para se transformarem em robôs, plagiários ou marionetes.¹⁰¹

No contexto atual, falar em ética é falar do humano. Que educação será capaz de educar esse novo ser humano dentro de uma perspectiva ética e moral? Vivemos em outros tempos, com novos valores e novas exigências. No dizer de Habermas, filósofo da atualidade, o avanço da ciência e da técnica provoca novas situações, que precisam ser protegidas por princípios éticos adequados e possam responder a essas novas formas de perceber a vida e o mundo.¹⁰² Assim, Habermas propõe que se mantenha o princípio da universalização, mas que seja universalizada não mais a norma, mas os efeitos da norma, a ética. Para estabelecer normas para o agir moral, o filósofo adota o princípio do discurso que é a ética da responsabilidade. Essa exige dos seus atores a compreensão do universo atingido pela ação e o comprometimento de todos os concernidos por ela. Então, na perspectiva da ética do discurso, a decisão ética presta-se para a construção do processo educativo, quando se tem em meta a construção de sujeitos autônomos, conscientes de seu papel como cidadãos envolvidos na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, onde o direito e a dignidade de seus cidadãos sejam respeitados. Ser ético, aqui, significa levar em consideração o outro que irrompe a minha frente e, também, a todos os outros que serão afetados pelas decisões do grupo.

A vida prática mostra-nos que as pessoas emitem julgamentos morais e são obrigadas, diariamente, a tomar decisões conflituosas sobre o certo e o errado. Considerando os problemas que afetam toda a sociedade, como perda de valores, a pluralidade de orientações valorativas do mundo contemporâneo, a crise de identidade, a violência, o desemprego, o empobrecimento acelerado da população, as pessoas têm grande dificuldade de fundamentar juízos de valor. A privação e o sofrimento dificultam uma educação para a cidadania; injustiças impunes geram profundo desânimo diante das questões que dizem respeito à ética. Nesse contexto, é urgente pensar uma educação voltada para a cooperação, o respeito mútuo, a

¹⁰¹ MARINA, J. A. *Teoría de la inteligencia creadora*. Madrid: Compactos Anagrama, 2001. p. 13.

¹⁰² HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 37.

tolerância, a autonomia, quando se fere a dignidade humana e quando se vive, diariamente, em meio a holocaustos sociais. Küng afirma que

[...] a pessoa humana deve vir a ser mais do que é, ou seja, a pessoa humana deve ser mais humana! Bom para a pessoa humana é aquilo que lhe permite preservar, promover e realizar a sua condição de ser humano. [...] A pessoa humana deve usar de forma diferente o seu potencial para uma sociedade a mais humana possível e para um meio ambiente o mais íntegro possível.¹⁰³

O tema da ética integra a reflexão pedagógica da atualidade. Fala-se em falta de limites, em crise de valores, em educação moral. Se observarmos as propostas pedagógicas das escolas e os discursos dos professores, constataremos o desejo de uma educação para a cidadania, para o cuidado com o meio ambiente, uma educação para a paz, a autonomia, a liberdade, o respeito mútuo, a cooperação e a participação.

A grande questão que se coloca diante da chamada “crise de valores” refere-se à possibilidade de pensarmos uma educação onde a ética que atenda as exigências do século XXI. As pessoas estão sem porto seguro, perdidas no que se refere à valoração. Para alguns a educação moral limita-se à adaptação social, ao passo que outras querem recuperar a segurança, por isso, consideram que é urgente resgatar a educação para as virtudes. Enfim, percebe-se a preocupação em criar um ambiente de discussão ética, retomando, assim, os valores ou as virtudes éticas com base em estudos que permitam pensar o fenômeno moral humano.

A escola deve garantir espaço para a prática da ética por meio de vivências reais nas relações entre os iguais; deve colocar questões morais cotidianas em discussão para que os grupos possam, por eles mesmos, resolver, através do diálogo e da reflexão contextualizada, os seus conflitos morais. É importante que compreendamos que não ficamos prontos; aprendemos a ser quem somos, a autocompreender-nos; a decidir sobre nós mesmos à medida que ampliamos nossa capacidade comunicativa e o nosso saber pensar como participantes num grupo de discussão.

¹⁰³ KÜNG, 1993, p. 64.

2.4.2 O engajamento ético

Quando falamos em “engajamento ético” referimo-nos, no sentido filosófico, ao envolvimento e ao comprometimento do ser humano no cuidado e na defesa da vida, na busca de uma sociedade mais humana e igualitária. Comprometer-se eticamente é colocar o cuidado em tudo. Boff, ao referir-se ao resgate do ser humano ao seu modo de ser cuidado, afirma que é preciso:

[...] conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos ou não humanos, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.¹⁰⁴

Atualmente, o desgaste de valores vem acompanhado pelo desmantelamento das perspectivas de futuro. A sociedade *líquida* descobre-se sem ter representação de seu futuro e sem projeto.¹⁰⁵ Não há mais comprometimento com o Outro humano-ecológico. Para a escola, essa cultura tem como resultado novas situações e tarefas.

A ética nos leva a enfrentar a urgência de estabelecer e restabelecer vínculos, de disciplinar e regularizar um trabalho incessante de abertura e articulação às captações de toda espécie de inquietação que predomina em toda a qualquer instituição.¹⁰⁶ Nesse sentido poderemos romper com o Eu idealizado de Mestre e Aluno, para que não sejam destinados a máquinas de ensinar ou de aprender, desprovidas de qualquer desejo, mas que possam ser percebidos como sujeitos construtores de sua história de vida e de novas relações sociais permeadas pela prática do amor, da justiça e da solidariedade.

O engajamento ético visa à libertação do ser humano e à transformação social, pois só assim haverá sobrevivência da sociedade humana. A educação precisa lançar um olhar cuidadoso para suas práticas pedagógicas, a fim de que contribuam na construção de valores, normas e posturas éticas de seus educadores e educandos. Esses nas suas relações sociais necessitam compreender a importância da inviolabilidade da pessoa humana; a liberdade inalienável da pessoa;

¹⁰⁴ BOFF, 1999, p. 102.

¹⁰⁵ Conceito usado por Zygmunt Bauman em seu livro *Tempos Líquidos*.

¹⁰⁶ Para Durkheim (1911) a função moral do projeto educativo é garantir entre os cidadãos uma comunhão suficiente de ideias e sentimentos sem a qual a grande pátria ficaria dividida.

a igualdade fundamental de todas as pessoas; a necessária solidariedade entre todas as pessoas.

O reconhecimento da dimensão ética introduz no profundo da problemática pedagógica conceitos e objetivos que transbordam as práticas propriamente ditas e conduzem a vivência de uma ética que respeite fundamentalmente a pessoa. Nesse sentido a educação ao cultivar o significado ético da vida, da justiça, da paz, da ousadia, do amor, do compromisso, da fidelidade e do direito contribui na construção de um ser humano capaz de construir uma nova sociedade. Freire afirma que necessitamos:

[...] de uma educação corajosa [...] que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. [...] a educação teria que ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.¹⁰⁷

Portanto, a verdadeira força contra a barbárie constitui-se no desenvolvimento de uma autonomia inscrita na temporalidade humana; uma autonomia compreendida como poder de resistir às diferentes engrenagens institucionais, políticas e ideológicas que recalcam a questão do sujeito.¹⁰⁸ A desbarbarização da sociedade faz-se mediante o engajamento do projeto ético, no reconhecimento da ética como fundamento de toda educação do ser humano.

2.4.3 Ética como inspiração para o pensar e agir educacional

Acreditamos que a prática educativa é uma realidade socialmente produzida pela ação humana. Percebemos, então, que a educação refere-se ao processo de caminhada da pessoa humana, na História, procurando revelar-se como pessoa: encontrar suas raízes e conferir um sentido para si e para sua vida.

¹⁰⁷ FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. p. 100-101, 104.

¹⁰⁸ Numa civilização como a nossa, parece que o fim último é o próprio ser humano, como indivíduo, na sua globalidade, incluindo a preservação da espécie. Preservar o singular tão ameaçado pelos plurais. Os problemas éticos surgem quando o interesse particular se opõe ao interesse geral.

A educação como projeto humano diz respeito a indivíduos situados num mundo espaço-temporal. Tal projeto comporta referência a valores, atitudes, desejos, hábitos, conceitos, símbolos e ideias a serem apreendidos.

Acreditamos que a construção do ser implica em sua humanização, concomitante à humanização do mundo. Do ponto de vista existencial, nunca somos plenamente, mas estamos sendo.¹⁰⁹ Entretanto, essa consciência de inacabamento, de sermos entes, em processo permanente de construção, torna-se produtiva quando assumida como algo que perpassa todos os processos e relações da pessoa humana. Isso nos faz optar por uma compreensão existencial do ser humano.

Paulo Freire fala de inconclusão, inacabamento, quando aborda a questão do homem e da mulher enquanto seres em construção. Na *Pedagogia do Oprimido*, dedica-se a refletir sobre a consciência do inacabamento, como uma condição do ensinar. Ele problematiza a invenção da existência, levantando questões de ordem ética e nos dá um testemunho de si:

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre em gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu destino não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidade e não de determinismo. Daí que exista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade.¹¹⁰

Como “gente” educador(a) também precisamos ser “gentificadas” para a sensibilidade diante do outro que necessita do cuidado. Quando lançamos o olhar ao redor de nós, percebemos um Planeta, onde 95% produzem a riqueza que está detida por 5% da população. Enquanto, no Brasil, a fortíssima concentração de renda gera exclusão e violência, analfabetismo e desemprego, a Escola moderniza

¹⁰⁹ “O ser-aí é Sendo que em seu ser se relaciona compreensivamente com esse ser. Assim fica indicado o conceito formal da existência. O ser-aí existe. Ele é ademais e Sendo que eu mesmo sou. Ao ser-aí existente pertence a unicidade como condição da possibilidade do autêntico e inautêntico”. HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 168.

¹¹⁰ FREIRE, 1987, p. 55-59.

seu discurso para fazer-se contemporânea aos eventos que sopram do Capitalismo reconfigurado.

Cotidianamente, nos deparamos com cenários vivos de pobreza, miséria e exclusão social que desafiam a ética. São inúmeros os gritos que emergem de nossas favelas e de nossas periferias que clamam por uma vida mais digna e humana. Será que nosso profetismo como educadores(as) emudeceu ou estamos paralisados diante das absurdas dimensões da miséria humana? Com sentimento de indignação, chegamos a exclamar: “Alguém tem que fazer alguma coisa”! Precisamos viver no imperativo do verbo: “Faça você alguma coisa” para resgatar a vida em extinção ao seu redor.

Nossos jovens, em nossas escolas, denunciam as mazelas de nossa sociedade, sentem-se preparados para o vestibular, contudo, pouco preparados para a vida. Será que conseguimos trabalhar a ética a partir da vida concreta de nossos estudantes? O discurso oficial propõe perpassar conhecimentos e metodologias, com o objetivo de formar para a cidadania e a vida ética. O que estamos sendo e fazendo, em termos de ética, em nossas escolas?

Não basta tornar nossas aulas interessantes, recheadas de citações de grandes filósofos gregos e estudos biográficos de pessoas exemplares, como D. Hélder, Gandhi, Tereza de Calcutá, Regina Protmann e Luther King, sem penetrar profundamente no “eu” existencial de cada estudante.

Conseguimos sensibilizar nossos estudantes do óbvio: o planeta agoniza, a terra geme e chora, homens e mulheres se autodestroem... Cremos que não basta o discurso bem elaborado sobre ética, pois sem vida ele cai no vazio; sem experiência ela perde-se num amontoado das inutilidades escolares. Acima de tudo, é preciso querer ser, parecer ser e ser ético. Isso implica em repensar, na Escola, todo universo de suas relações, construindo eco-relações.¹¹¹

Seguidamente, falamos em solidariedade e respeito, mas não conseguimos levar nossos estudantes a efetivas experiências desses valores. Na sua terceira carta, Freire lembra a tragédia dos cinco adolescentes que mataram um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus em Brasília:

¹¹¹ Refiro-me aqui a relações do ser humano consigo, com o outro e com o universo.

Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgenticando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer.¹¹²

Muitos são os fatores externos e internos que condicionam os rumos das nossas práticas educativas. Há um projeto social e histórico anterior ao Projeto Político Pedagógico que perpassa toda a sua extensão. Nesse sentido parece ser importante refletirmos sobre os elementos essenciais, sobre ética, enquanto fundamento que inspira o chão da escola.

A ética em educação pode nos ajudar a pensar, criticamente, o mundo que nos cerca e a refletir sobre as regras necessárias à convivência humano-ecológica, de modo a contribuir para projetarmos formas mais justas e adequadas para viver em sociedade.

A educação deve contribuir para que os educandos aprendam, pela sensibilidade ética, a perceber os aspectos injustos da realidade que os cerca e, com base numa experiência dialógica sobre os princípios de valor, possam, eles próprios, analisar, criticar e julgar as normas vigentes na tentativa de construir formas mais justas de vida para si mesmos e para os outros. Nesse sentido, o espaço escolar pode favorecer para que os educandos orientem seu comportamento de forma coerente com os princípios e as regras, além de poder ajudá-los a entenderem a importância de serem seguidas normas socialmente construídas.

a- A pessoa humana: um ser em relação

É fundamental acreditarmos na pessoa humana, nos seus valores, em suas potencialidades. Com certeza são somos coisas ou meros recipientes de culturas cristalizadas, porém somos pessoas que se movem, se constroem, criam maturidade e tornam-se humanos. É necessário, hoje, discutirmos a concepção de ser humano em todas as suas dimensões: física, emocional, espiritual, social e ecológica.

O desrespeito à dignidade humana e a crescente violência em todos os níveis derivam, em grande parte, de uma vasta crise de valores corroendo a estrutura das instituições familiares, religiosas e da sociedade. Precisamos de novos paradigmas éticos diante da realidade globalizada em que vivemos. Os “mapas”

¹¹² FREIRE, 2000, p. 65.

conhecidos já não orientam mais e a “bússola” perdeu seu Norte. A crise cria oportunidade de mergulharmos às raízes e descermos àquela instância onde se gestam continuamente valores da justiça, da pluralidade, da irmandade, da paz, da solidariedade com o meio ambiente e do ecumenismo. Desta forma é preciso reconhecer que as duas faces que sustentam a ética humanitária são a ternura e a sensibilidade social marcadas por um ethos que cuida, ama, compadece, responsabiliza e se solidariza.

Ao refletir sobre a construção de uma nova ordem social, Küng aponta alguns aspectos que necessitam ser considerados e afirma:

Neste novo milênio devemos buscar um caminho para uma sociedade, em que as pessoas tenham os mesmos direitos e convivam em solidariedade. Para tanto, devem ser dados alguns passos:

- superar as diferenças que dividem pobres e ricos, poderosos e pessoas sem poder;
- deixar para trás as estruturas que promovem fome, privações e morte;
- superar o desemprego de milhões de pessoas;
- modificar um mundo onde os direitos humanos são violados e as pessoas são torturadas e isoladas;
- superar uma forma de vida em que os valores morais e éticos são burlados e até desprezados.¹¹³

Atualmente, o ser humano perdeu o coração e a capacidade de sentir o outro em profundidade. A ética surge quando o outro irrompe a nossa frente, pois ele nos obriga a tomar uma atitude prática de acolhida, de indiferença, de rechaço, de destruição. O outro significa uma pro-posta que pede uma res-posta com res-ponsabilidade.

A escola deveria voltar-se para a importância da prática do diálogo, e os educadores, aos poucos, desprendendo-se do dogma pragmático do conteúdo pelo conteúdo, talvez pudessem ter “tempo” para explorar com maior intensidade a capacidade discursiva dos educandos. Assim, educandos e educadores poderiam aprender a sustentar em argumentos seu pensar e seu agir, assumindo com discernimento e consciência as consequências daquilo que proferem linguisticamente.

Uma educação que crê nas potencialidades criativas de todos, especialmente dos mais fracos e excluídos, deve cultivar a autonomia pessoal, a confiança, o respeito, a responsabilidade e a co-responsabilidade, o compromisso

¹¹³ KÜNG, 1993, p. 116.

pessoal e social, a cooperação e a solidariedade. Podemos afirmar que só é possível conviver, se houver pessoas dispostas a viver para os outros. Educar na solidariedade supõe despertar a compaixão, o amor, o sentido de justiça atuante. A verdadeira solidariedade inicia quando o outro deixa de ser estranho e passa a fazer parte de nossa própria vida, dos nossos sentimentos e afetos. Portanto, é preciso ter coragem de educar para sentir a fome dos outros como nossa própria fome, a falta de trabalho dos outros como nosso desemprego, o fracasso dos outros como nossa derrota.

Freire, na sua reflexão 'ensinar exige disponibilidade para o diálogo', afirma que:

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética de abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. [...] Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas.¹¹⁴

É na vivência da linguagem, no diálogo, que a educação ganha, efetivamente, verdadeira expressão. Ele é uma exigência existencial, o lugar do encontro onde se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos, endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado. Portanto, um ato de criação. Hermann afirma:

A educação é, por excelência, o lugar diálogo, portanto o lugar da palavra e da reflexão, que ultrapassa a apropriação dos conhecimentos para nos conduzir à formação pessoal. Desde que podemos dizer a palavra, estamos em constante conversação com o mundo, instaurando a própria possibilidade de educar. Embora o homem possa se reconhecer em outros símbolos, a palavra é o império universal no qual ele pode ver a si mesmo [...]. Deixar os que se educam dizer a palavra (a palavra da ciência, do ético, do estético, da dor, da poesia) é radicalizar a idéia de que o homem possui linguagem. A abertura de horizontes que o diálogo possibilita permite à educação fazer valer a polissemia dos discursos e criar espaços de compreensão mútua entre os envolvidos.¹¹⁵

O esforço da escola deve ser no sentido de educar o educando para uma ética autônoma. Suas ações e vontades repercutem na coletividade. Esse é o

¹¹⁴ FREIRE, 1997, p. 153.

¹¹⁵ HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 95.

desafio da educação: sensibilizar o educando para perceber no outro a aprovação ou não de sua ação. Isso significa sair de si mesmo e colocar-se no lugar do outro que é afetado pelo ato. A re-flexão pressupõe um sair de si e voltar-se para uma avaliação de sua própria ação.

Educar para bem viver é a meta da educação para os valores humanos. Um dos pilares da educação apresentados pela UNESCO é aprender a conviver.¹¹⁶ Na medida em que nossos espaços educacionais se tornarem lugares de convivência saudável, os educandos poderão exercitar o respeito e a acolhida ao diferente e realizar uma experiência de fraternidade que é algo tão sonhado para a construção de relações sociais mais justas. A educação deve reservar espaço para desenvolver programas que possibilitam os jovens, desde a infância, integrar projetos de cooperação e participar em atividades sociais: ajudar aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações.

b- A pessoa humana: cocriadora do mundo

O mundo está nas mãos dos humanos. Para tanto, torna-se imprescindível traduzir em vida o humano que está presente em cada pessoa. Muitas vezes o ser humano cria seu mundo, gerenciando-o a partir de seus interesses pessoais, reproduzindo o individualismo sem mais perceber o outro como alguém necessitado de afeto, alimento, segurança, acima de tudo, de VIDA plena.

Participar da criação é reverenciar a obra do Criador através do cuidado da vida. Sabemos que hoje a perda do sentido da vida é uma das grandes pobreza que abala a humanidade. A crise de valores avassala o ser humano, deixa-o vulnerável às influências da sociedade consumista, individualista, marcada pela indiferença e pelo (des)compromisso social e ecológico.

A ética é a construção de sentido da vida humana desde o encontro com o Outro. Quem é o Outro? O “Outro” é para nós uma questão profundamente ética, pois é alguém concreto diante de nós que nos compromete a uma ação. Quando acolhemos este Outro com amor, ternura e compaixão despertamos do nosso sono da alienação e da indiferença e nos abrimos a um novo sentido de vida, alicerçada em valores éticos. A partir de então teremos condições de recriar o mundo com

¹¹⁶ DELORS, 1999, p. 96-99.

atitudes de respeito e amor à vida. Freire afirma que nos tornamos seres éticos quando nos “tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar”.¹¹⁷

Precisamos aprender a conjugar todos estes verbos no nosso cotidiano, para que tenhamos capacidade de, conscientemente, recriarmos a vida e participarmos intensamente da dança planetária na defesa e no cuidado de todo ser vivo.

c- A pessoa humana: um eterno aprendiz

Todos nós aprendemos e ensinamos. Educar é ser capaz de abrir-se para a capacidade de aprender sempre, para a simplicidade de quem sabe que o absurdo da fome e da miséria não é condição natural humana, mas um desafio a ser superado.

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. Para tanto a escola e o professor sentem-se desafiados a ensinar a pensar; saber comunicar-se; saber pesquisar; ter raciocínio lógico; fazer sínteses e elaborações teóricas; saber organizar o seu próprio trabalho; ter disciplina para o trabalho; ser independente e autônomo. O aluno precisa construir o conhecimento a partir do que faz. Para isso o professor também precisa ficar curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer com seus alunos.

A capacidade de aprender consiste, segundo Freire, em transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. Afirma também, que:

[...] somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir uma lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.¹¹⁸

O(a) professor(a) se tornou um aprendiz permanente, que faz emergir o saber que busca o sentido para a vida das pessoas e para a humanidade, tendo em vista um mundo mais justo e humano para todos.

¹¹⁷ FREIRE, 1997.

¹¹⁸ FREIRE, 1997, p. 76-77.

Na sua reflexão sobre a ética na docência, Freire afirma:

Não é possível pensar seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.¹¹⁹

A docência exige coerência do educador entre o que diz, escreve e faz. Para o educador e educando faz-se necessário resgatar a alegria e o prazer em aprender e ensinar, a relevância do diálogo e da prática da inclusão, da necessidade de concentrar mais esforços nos processos de aprendizagem. Percebemos poucos educadores que investem na melhoria da qualidade da aprendizagem, numa mediação pedagógica que leve o aluno a aprender e a aprender a pensar, a desenvolver a autoestima, a autonomia e a criatividade.

Precisamos investir na formação do educador se desejamos uma melhor aprendizagem para os educandos. Existe a necessidade de mudanças curriculares estruturais, organizacionais, nos objetivos e nas sistemáticas de avaliação. Uma mudança implica em ruptura de hábitos, de padrões e crenças. As transformações implicam tanto no ser como no fazer para que aconteça uma melhor aprendizagem.

Para Freire, o indivíduo não consegue ficar neutro frente ao mundo, frente à mudança no caminho.¹²⁰ É a mudança que ocorre em direção à sua verdadeira humanização, em busca do ser mais. O autor nos lembra da importância da tomada de consciência da realidade social para que possamos ser sujeitos e não objetos do processo de transformação:

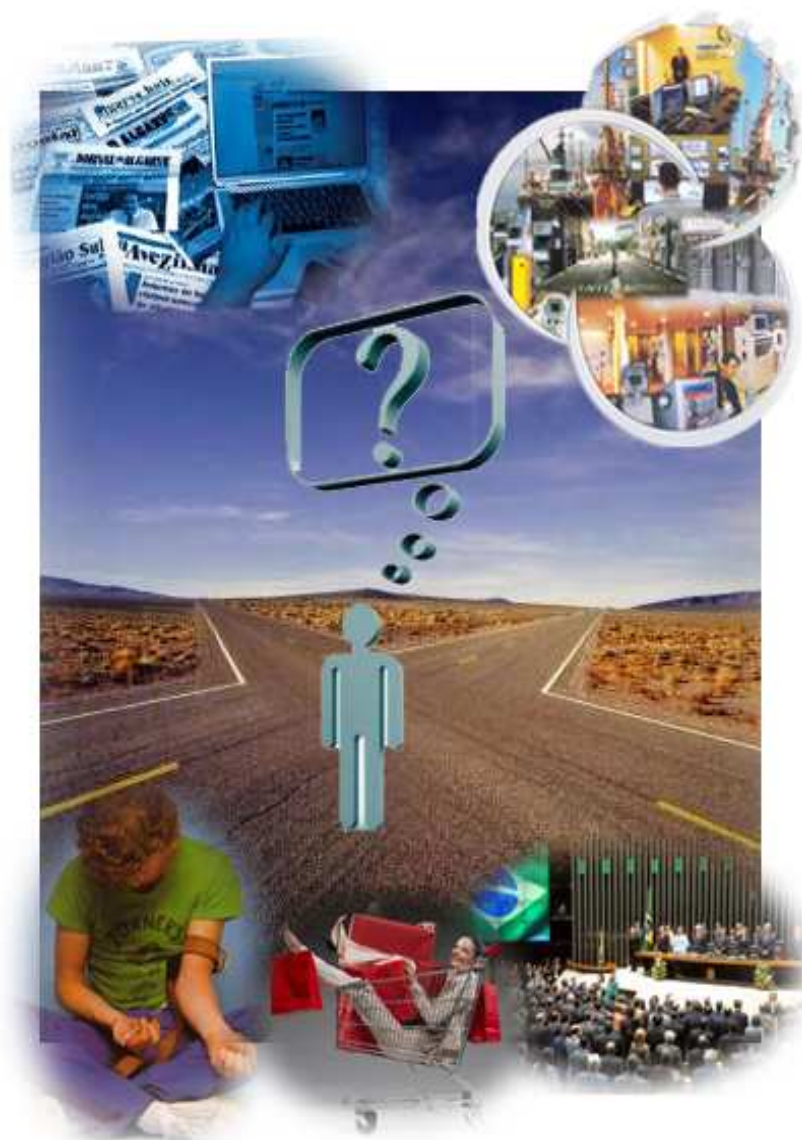
Somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de distanciar-se dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se.¹²¹

Portanto, é preciso refletir sobre a ação que está sendo desenvolvida, sobre a percepção que o sujeito tem de sua realidade. Isto gera esperança que move o ser humano em direção à transformação de sua realidade social.

¹¹⁹ FREIRE, 1997, p. 37.

¹²⁰ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 19.

¹²¹ FREIRE, 1979, p. 17.



“A escola é uma verdadeira usina de sentidos, sentidos de vida (ética) e de convivência (moral), e não há outra instituição social de que se possa dizer o mesmo”.

(Taille)

3 PROPOSTA ÉTICO-PEDAGÓGICA: PARADIGMA EDUCACIONAL EMERGENTE

Refletir sobre Ética em Educação inclui discutir solidariedade, humanização, participação, transformação e vida construída na prática do amor e da justiça para com a pessoa e tudo que a rodeia. É despertar uma consciência ecológica planetária de defesa da dignidade humana.

Como decorrência do seminário com os educadores das escolas da Associação Congregação de Santa Catarina, Província Santa Catarina, essa investigação tomou, como questão, analisar, a partir do Carisma de Regina Protmann, os desafios para uma Ética em educação que tenha como horizonte o cuidado com a vida, a promoção da pessoa humana e a transformação social.

3.1 O caminho percorrido

A questão acima mencionada, pela sua natureza e sua complexidade, provocou múltiplos desdobramentos em relação às práticas pedagógicas que desenvolvam valores éticos; ação educativa a partir do Carisma da Bem aventurada Madre Regina; paradigmas para a ética em educação.

A pesquisa teve, pois, uma abordagem qualitativa de caráter hermenêutico, bibliográfico e social. Esse tipo de pesquisa requer o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e com a situação que está sendo investigada.

Os problemas foram aprofundados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente. Foi importante perceber as circunstâncias que envolvem o objeto a ser pesquisado, para que se pudesse entendê-lo. Nesse sentido, as pessoas, as palavras e os gestos devem ser sempre compreendidos, a partir do contexto em que foram produzidos. A hermenêutica mostra-nos que, enquanto nos movemos numa linguagem natural, sempre estamos participando como interessados, pois as manifestações, simbolizadas linguisticamente e representadas em ações e as concretizadas em expressões corporais, se complementam. Habermas, na sua reflexão sobre a “Pretensão de Universalidade da Hermenêutica”, define hermenêutica como sendo

[...] a arte de compreender um sentido linguisticamente comunicável e, no caso de comunicações perturbadas, torná-lo inteligível. Compreensão do sentido se orienta para o conteúdo semântico do discurso, mas também para as significações fixadas por escrito ou em sistemas simbólicos não linguísticos, na medida em que eles, em princípio, podem ser "recolhidos" em discursos.¹²²

Como a abordagem da pesquisa qualitativa tem raízes teóricas da fenomenologia que, por sua vez, enfatiza aspectos do comportamento humano, foi preciso penetrar no universo conceitual dos sujeitos, para poder entender sua prática pedagógica. O mundo de atenção da fenomenologia é um mundo do sujeito, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas. Por meios das interações sociais do educador/a, no seu ambiente, é que são construídas as interpretações, os significados ou a sua visão da realidade.

Na pesquisa qualitativa o processo tem tanto valor quanto o produto. O pesquisador, ao estudar determinado problema, procura verificar como ele se manifesta nas interações cotidianas. É preciso ver, como afirma Lüdke, “[...] o significado que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial do pesquisador”.¹²³

A coleta de dados, conforme a natureza da pesquisa qualitativa, é predominantemente descritiva, envolvendo pessoas, situações, acontecimentos, projetos, entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. O pesquisador deve estar atento ao maior número possível de manifestações que envolvem a situação estudada, a fim de melhor compreendê-la.

Na abordagem qualitativa, segundo Triviños, a ênfase é dada ao conteúdo da percepção, principalmente ao processo, e não ao resultado ou produto, sendo a preocupação essencial, nesta abordagem, a identificação dos significados atribuídos aos fenômenos pelas pessoas envolvidas.¹²⁴

Estes pressupostos nos remetem às reflexões de Santos quando afirma que

[...] cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que

¹²² HABERMAS, Jürgen. *Dialética e hermenêutica*. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 26.

¹²³ LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p. 12.

¹²⁴ TRIVIÑOS, Augusto. Coleta de dados na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1990. p. 37.

persiste em cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante uma transgressão metodológica.¹²⁵

Assim sendo, procuramos um possível caminho que nos aproximasse do objeto de estudo. Os momentos de amadurecimento, propiciados pelo pensar e (re)pensar a questão problema, estão indicando as trilhas da pesquisa qualitativa como capazes de produzir dados suficientes sobre o objeto de estudo. Foi importante investigar como a prática pedagógica para uma **“Ética em educação: novos paradigmas para nosso tempo”** está sendo construída no cotidiano escolar.

Para aproximar-nos ainda mais do objeto em estudo e com o intuito de tornar os sujeitos mais participativos do processo a ser construído, lançamos algumas perguntas (anexos) que enriqueceram a ação de acompanhamento e do seminário realizado com os professores.

Conforme Brandão, a pesquisa participante contribui nessa investigação, pois, ao participar do próprio processo da pesquisa e da discussão permanente dos resultados obtidos, os pesquisados puderam adquirir um conhecimento mais objetivo de sua situação, assim como analisar com maior precisão os problemas e formular ações pertinentes.¹²⁶

O estudo aqui relatado foi realizado com os professores das cinco escolas da Associação Congregação de Santa Catarina - Província Santa Catarina, que, através de um seminário, no qual foram lançadas perguntas que foram debatidas em pequenos grupos e os resultados dos mesmos socializados com os demais através de relatos e apresentação de painéis. As perguntas foram distribuídas nos grupos de debate, sendo que cada grupo recebeu uma única questão diferente dos demais grupos. Durante a apresentação dos trabalhos, os professores tiveram espaço para contribuírem com suas ideias e/ou questionamentos.

Para uma maior investigação e complementação dos dados foram aplicadas as perguntas, envolvendo seis professores/as de cada nível: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio. Também foram entrevistados seis pais e seis alunos desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Os dados coletados nas

¹²⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1995. p. 48.

¹²⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasileira, 1999. p. 72-73.

entrevistas envolveram professores/s, alunos/as, mães e pais de todas as escolas da Mantenedora.

Para realizar a entrevista semiestruturada foi construído um roteiro pelo pesquisador, tendo, como base, as questões a serem investigadas e trabalhadas no seminário com os professores/as. Esses dados foram mapeados, usando princípios da análise do conteúdo, retirando o núcleo das respostas que se relacionassem à análise das questões da pesquisa. Durante o seminário com os professores a partir dos debates e das intervenções feitas pelo grupo foram realizados registros das falas e outras intervenções do grupo.

A entrevista semiestruturada e o seminário trouxeram elementos importantes que contribuíram com a pesquisa. Os dados coletados foram organizados em categorias e indicaram a presença de questões relativas:

- às práticas pedagógicas que desenvolvem valores éticos;
- ação educativa a partir do Carisma da Bem-aventurada Madre Regina;
- paradigmas para a ética em educação.

Esses estruturantes serviram como possibilidade analítica dos dados coletados. Além disso, foi necessário realizar o resgate histórico do Carisma de Regina Protmann, fundadora da Congregação, buscando dados em documentos e livros da Instituição. A pesquisa no seu todo se caracteriza pelo caráter teórico do ponto de vista filosófico, teológico e pedagógico.

3.2 O que dizem os interlocutores

Vivemos numa época de grandes mudanças que nos desafiam a *discernir* os *sinais dos tempos* à luz do Espírito Santo, para colocar-nos a serviço do Reino, anunciado por Jesus Cristo, que veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Essas mudanças têm uma abrangência mundial, atingindo todas as dimensões da vida humana. Podemos afirmar que um fator determinante destas transformações é a ciência e a tecnologia com sua capacidade de manipular geneticamente a própria vida dos seres vivos e com sua capacidade de criar redes de comunicações de alcance mundial. Esse fenômeno afeta a vida das pessoas no sentido religioso e ético. Vivemos uma crescente fragmentação dos referenciais de sentido e relativização dos valores, nas opções religiosas e nos relacionamentos

personais. Isso tem gerado uma crise de sentido, levando as pessoas a sentirem-se frustradas, ansiosas e angustiadas pela dificuldade de poder influir nos acontecimentos. Estamos vivendo em uma *cultura do tédio*.¹²⁷ Nesse novo contexto, a realidade do ser humano tornou-se cada vez mais sem brilho e complexa. A cultura individualista, dissociada dos valores e da ética, está gerando uma cultura de morte.

Diante desse contexto, é necessário fortalecer valores e práticas éticas em educação. Construir uma educação com um currículo que contemple em sua ação-reflexão a solidariedade e a humanização implica propor paradigmas educacionais que respondam às grandes urgências sociais. Que o pensar e o fazer sejam tecidos pela postura dialógica, coletiva e por uma espiritualidade que leve a pessoa a se comprometer na construção de uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Como afirma Freire, “tornando-nos capazes de inteligir o mundo, de comunicar o inteligido, de observar, de comprar, de decidir, de romper, de escolher, de valorar, nos fizemos seres éticos”.¹²⁸

Em nossa sociedade, a globalização, conduzida por uma ideologia que privilegia o lucro e estimula a concorrência, leva à concentração dos recursos físicos, monetários e de informação, produzindo a exclusão, mantendo as desigualdades e na pobreza uma multidão de pessoas. Emergem em nosso meio multidões de pobres e miseráveis, os excluídos sociais: moradores de rua, migrantes, enfermos, dependentes de substâncias químicas, mulheres excluídas por questões de gênero, etnia e situação socioeconômica; crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social. São os novos pobres não somente explorados, mas supérfluos e descartáveis.

A globalização provocou um aumento sensível de riscos. Temem-se as catástrofes climáticas e ecológicas, consequência da intervenção humana sem limites, agredindo o meio ambiente. Temem-se também os desastres químicos e atômicos. A violência e o terrorismo crescentes são percebidos por todos. O desemprego estrutural alcançou uma amplitude e atinge, diretamente, a vida e a dignidade de milhões de pessoas e destrói a dignidade pessoal, a visão de futuro e o sentido de lealdade e solidariedade. Anuncia-se nos jornais que a Craconha se

¹²⁷ TAILLE, 2009, p. 18.

¹²⁸ FREIRE, 2000, p. 122.

tornou um espectro que ronda a vida dos jovens e que o G-8¹²⁹ morreu e salve o BRIC¹³⁰ (Brasil, Rússia, Índia, China).

Morin afirma que os problemas atuais são de natureza multidisciplinar, transversais, transnacionais, globais e planetários, implicando em grandes desafios: globalidade, complexidade e expansão incontrolada do saber.¹³¹ Esses desafios requerem sempre mais o domínio e a integração das informações, transformando-as em conhecimento; revisão permanente do conhecimento; reconhecimento do pensamento como algo precioso. Isso implica numa profunda reforma do Ensino e num cuidado na formação integral do educando, para que ele possa aprender a pensar de maneira mais global, a refletir, a criar com autonomia soluções para os problemas, estimulando o pleno desenvolvimento da sua inteligência, na qual também está incluída a inteligência emocional. Enfim, a educação tem o compromisso de investir na formação integral, para o desenvolvimento de suas inteligências, de seu pensamento e de seu espírito, mediante o desenvolvimento da capacidade de problematização e articulação do conhecimento.

Diante da situação sociocultural, econômica, sociopolítica, ecológica e religiosa urge a emergência de fazer a releitura do Carisma da Bem-aventurada Regina Protmann diante dos desafios éticos da educação contemporânea.

Considerando que muitos dos educadores, alunos e pais que contribuíram nas entrevistas ou durante o seminário, na sua maioria, conhecem a vida e o carisma de Regina Protmann pelo fato de atuarem ou estudarem mais anos na Escola, muitas foram as intervenções dos envolvidos na pesquisa. Em relação aos desafios quanto ao cuidado da vida e à promoção da pessoa humana e à transformação social durante a entrevista e o seminário destacamos os seguintes contribuições:

“Os desafios são a solidariedade e compaixão com os mais necessitados, olhando as pessoas de um modo diferente e não deixando que essas se sintam excluídas pela sociedade” (aluna).

¹²⁹ G-8: Grupo dos sete países mais ricos – Alemanha, Canadá, EUA, França, Grã-Bretânia, Japão, Itália e acrescido Rússia.

¹³⁰ A sigla BRIC foi citada pela primeira vez em novembro de 2001, em um estudo da Goldman Sachs. O Economista Jim O’Neill projetava que até 2050 a soma das economias desses países ultrapassaria o total dos seis mais ricos do mundo.

¹³¹ MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000. p. 63-92.

“Levar o aluno a ter mais contato com os desamparados e necessitados, buscando novos valores” (pais) .

“A metodologia trabalhada com os alunos deve ser baseada em princípios éticos, construída na solidariedade, na justiça e no amor” (professora).

“O desafio está na imanência de renovar os limites, reacender os valores éticos e morais, impulsionar essa juventude para o caminho do bem, da solidariedade, do enxergar o outro. É importante e urgente mostrar que o “eu” só será realizado e completo se o “nós” estiver junto e obter as mesmas oportunidades” (professora).

“Citar sempre e experienciar com os alunos os valores que são eternos entre as pessoas como o respeito, a igualdade de direito e de deveres independente de raça, sexo ou classe social. Identificar os limites que cada um de nós possui para uma convivência harmônica e principalmente renovar esperanças procurando aumentar a fé que temos em Deus” (professora).

“É necessário a promoção da cidadania como forma de reverter a marginalização humana nos diversos segmentos da vida. O cuidado com o meio ambiente é um dever e compromisso de todos” (aluna).

“Entre os desafios está a formação de verdadeiros valores, onde a felicidade e o bem-estar do ser humano seja prioridade, especialmente para aqueles que detêm o poder e a liderança. Outro desafio é o respeito ao “outro” como irmão e a consciência da interdependência que existe entre todos os segmentos da sociedade” (professora).

“A sensibilização humana para as realidades sociais; ações diárias que contemplem ideias de fraternidade, solidariedade, humanidade e igualdade; democratização do conhecimento e aceitar as diferenças, acolhendo todos como irmãos, pois somos filhos do mesmo Pai” (pais).

Diante dos desafios para uma ética em educação a partir do Carisma de Regina Protmann percebemos um forte apelo de firmarmos valores baseados na solidariedade, na justiça, na fraternidade, na igualdade, na ternura e na compaixão, para que o “outro” seja incluído no meio social. Regina Protmann experimenta em sua vida o amor de Deus na oração e o transcende no serviço aos irmãos mais necessitados. Inúmeros são os gestos de solidariedade e de ternura diante das mais

diversas situações da miséria humana. Ela vive a *ternura do adorar* quando se inclina diante dos pobres e necessitados, dando-lhes a máxima atenção. Quantas vezes ela tratou dos doentes e pacientes em suas feridas e enfermidades, lavando-lhes os pés, as ataduras e como último gesto se prostrava de joelhos e beijava as chagas.¹³²

O autor Carlos Rocchetta afirma que:

Os consagrados por sua parte, são porta-vozes particulares da ternura de Deus, entre a humanidade. Como profetas, são chamados a proclamá-la a todos, ainda com risco de vida. Sua ausência privaria a comunidade humana de uma luz, da qual não se pode fazer abstenção para querer edificar o mundo plenamente humano e humanizante.¹³³

Regina no século XVI foi essa luz para o povo do Ermland, ajudando, amparando os necessitados e sendo presença de fé e esperança diante de todas as adversidades que abalavam a comunidade. Seu biógrafo afirma:

[...] esta Sociedade de virgens espirituais que, além dos votos de castidade perpétua, pobreza voluntária e obediência, se comprometem também a ter livre acesso à entrada fora de suas moradias e ir ter com os de fora para lhes dar ajuda, consolo e assistir os doentes e às pessoas atribuladas, de dia e de noite, e lhes dedicar, do modo que for possível, caridade cristã, colaboração e auxílio. [...] quando havia uma necessidade urgente, ela a recomendava com toda a insistência ao Senhor Deus. Além disso, procurava todos os meios exteriores, caminhos e ajuda para levar ao fim o que havia proposto.¹³⁴

Percebemos que Regina foi uma mulher profundamente ética em seu ser e agir ao expurgar os focos de infecção que apodrecem áreas sociais de injustiça e miséria. Assim sendo, todo o ser humano deveria tornar-se inteiramente ético, consolidando vida ética, pensamento ético, solidariedade ética, personalidade ética, dignidade ética, educação ética, enfim, empenhar-se na construção de uma sociedade ética.

Os interlocutores ao debaterem em grupos sobre as práticas pedagógicas que precisam ser priorizadas na escola, tendo em vista a defesa e o cuidado com a vida, afirmam:

¹³² KELER, Engelberto. *A vida da bem-aventurada Regim Protmanns*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1923. p. 24.

¹³³ ROCCHETTA, Carlos. *Teologia da ternura: um evangelho a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 56.

¹³⁴ KELER, 1923, p. 24.

“Projetos interdisciplinares que abranjam temas relacionados com a defesa e o cuidado da vida, principalmente tratando assuntos atuais ou da realidade dos alunos” (aluna).

“Práticas pedagógicas voltadas para o ecossistema, a defesa da vida no planeta e o exercício da convivência pacífica e harmoniosa entre os seres criados” (professora).

“Estudo da realidade econômica, política e social, colocando o aluno em contato direto com as diferenças, as desigualdades, com os problemas e também com as situações de sucesso em que se desenvolve um projeto social voltado à construção da cidadania” (pais).

“Priorizar práticas que envolvam o aluno no seu compromisso de cidadania, norteando sua responsabilidade dentro de todo e qualquer grupo” (pais).

“Estudo e debates com os alunos e professores sobre as questões sociais, políticas, econômicas, religiosas, ambientais, morais e éticas que afligem a humanidade; aulas envolvendo o tema: valores e boas maneiras” (professora)

“É prioritária uma educação que possibilite o cuidado da vida em todos os sentidos: respeito ao próximo e à natureza; manter uma postura crítica que visa a conservação do meio ambiente com a utilização equilibrada de seus mananciais e recursos naturais” (aluna).

Considerando as falas dos participantes do seminário e nas entrevistas podemos destacar os seguintes aspectos apresentados, tendo em vista uma educação voltada para o cuidado da vida:

- Valorização do ser humano e da vida;
- Responsabilidade e justiça social;
- Valorização das diversidades;
- Igualdade nas relações
- Solidariedade para com o excluído;
- Amorosidade diante da vida do outro;
- Combate à discriminação social e racial;
- Humanização da pessoa humana;
- Preservação do meio ambiente;
- Promoção da cidadania como forma de reverter a marginalização humana nos diversos segmentos da vida;
- Conhecimento da realidade social, política, econômica, ecológica e religiosa;
- Desenvolvimento integral do ser humano;

- Integração do educando nas ações sociais da comunidade;
- Valorização da família;
- Fortalecimento da espiritualidade;
- Educação para valores: respeito, amor, dignidade, responsabilidade, solidariedade, coragem, justiça, honestidade e tolerância.
- Formação de pessoas éticas e comprometidas;
- Preparo de lideranças críticas e engajadas socialmente;
- Sensibilização humana nas relações sociais;
- Educação contextualizada e aberta aos grandes problemas sociais.

A ética em educação tornou-se, hoje, uma necessidade emergente para ser refletida em nossos espaços pedagógicos. No século XVI, a Bem-aventurada Regina Protmann, através de seu Carisma, *um dom de extraordinário amor a Deus vivido na oração e no serviço às necessidades da Igreja e de seu povo*, respondeu às grandes necessidades educacionais, sociais e políticas de seu tempo, principalmente, em relação à inclusão social e cultural da mulher pobre e dos condenados à miséria pela sociedade. Portanto, uma educação que busca hoje ser resposta às grandes emergências sociais precisa estar profundamente mergulhada na realidade. Como afirma Freire:

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos, em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva ante as injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão ética.¹³⁵

Mergulhada no seu tempo, a educação é convidada a realizar atividades onde o outro seja acolhido na sua condição de pessoa humana. Essas práticas pedagógicas devem favorecer a convivência e a espiritualidade no espaço escolar. Além disso, construir ambientes alegres de acolhida para alunos portadores de necessidades especiais, onde prevaleça o diálogo, a solidariedade e o atendimento personalizado. A educação escolar também nos tempos atuais precisa proporcionar momentos de partilha e de escuta para que o educando, o educador e a família possam expressar seus sentimentos.

¹³⁵ FREIRE, 2000, p. 117.

Uma nova proposta educacional precisa incluir, além da ação-reflexão, a dimensão que envolve o coração, o sentipensamento.¹³⁶ Essa educação consiste na integração entre o sentir e o pensar que permitirá ao professor educar visando à restauração da inteireza no sentido de colaborar para a construção do ser humano como templo da inteireza, onde pensamentos, emoções e sentimentos estejam em constante diálogo. Dessa forma podemos educar o outro na justiça e na solidariedade.

A Bem-aventurada Regina Protmann, assumindo o compromisso educacional junto às meninas pobres, propõe uma pedagogia feminina,¹³⁷ pois o conteúdo abordado está além do aprender a ler e a escrever. A inserção da mulher no mundo do conhecimento marca a sua proposta educacional. Essa se processa através da formação integral da mulher: letramento e personalidade.

Ela queria o máximo: educava-as para a honestidade, a disciplina; ensinava-lhes as virtudes, o temor de Deus e tudo o que era útil para a vida e necessário para a comunidade cristã. Formava-lhes a consciência feminina para o bem viver, para a convivência harmoniosa e para a superação das dificuldades. Cultivava os valores humanos e cristãos nas crianças e nas jovens, preparando, assim, as mães para as futuras gerações.¹³⁸

O que significa no contexto atual “querer o máximo” na educação integral do ser humano, principalmente da mulher? Essa educação implica em romper todas as formas de discriminação em relação à mulher e inseri-la na sociedade. Além disso, a pedagogia feminina proposta por Regina educa para a sensibilidade, para o auto-conhecimento e conhecimento de sua história e da realidade, do reconhecimento da pessoa, para o engajamento e a transformação social.

¹³⁶ Cf. MORAES, Maria Cândida. *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 121-127. Sentipensar consiste numa educação que produzirá uma prática da integralidade e da integridade, da escuta inclusiva e da ênfase no cuidar do ser, a partir do fazer mais coerente com os pensamentos e os sentimentos.

¹³⁷ Na perspectiva freireana, o processo de libertação começa com o reconhecimento de nossa determinação. Assim, a ênfase freireana que pode ser dada a esta questão é a de compreender como as mulheres oprimidas elaboram e constroem seu conhecimento quando encaminham seus entendimentos e suas vidas, respectivamente, para uma leitura crítica do mundo e para a luta por sua própria emancipação. Se a busca da conquista do espaço público que na maioria das vezes, ao longo da história, foi considerado restrito apenas aos homens, tem avançado, a ocupação dos territórios científico e epistemológico tem encontrado a mais ferrenha resistência, talvez, porque aí esteja uma das mais poderosas armas da libertação feminina, no contexto da Sociedade do Conhecimento. O desafio da contemporaneidade está em aceitar as mulheres como enunciadoras e, não apenas, como objeto da enunciação científica e epistemológica.

¹³⁸ ENDLICH, M. Áurea; BOHN, Maria Gessi. *Seu nome é Regina*. Roma: Du Signe, 1999. p. 45.

No seminário realizado pelos professores umas das questões abordou a reflexão sobre as ações que precisam ser desenvolvidas em favor da mulher pobre, criança ou adulta, nas escolas da Associação e na sociedade. Entre as falas apresentamos alguns aspectos:

“Aprimorar a educação básica da família; desenvolver um projeto de educação que valorize a mulher; transmitir coragem fé, confiança e amor através de atitudes solidárias; promover encontros que valorizem as potencialidades da mulher” (professora) .

“Encontros formativos para a mulher carente e valorizar a mãe e trabalhadora” (professora).

“Incentivar a participação da mulher na sociedade e na sala de aula. Fazer com que a menina, desde cedo, reconheça seu valor e sua capacidade de ser agente transformadora de sua própria história” (aluna).

“Acredito que muitas são as ações que podem ser desenvolvidas. Creio que o ponto de partida seria o de trabalhar os seus direitos, a sua dignidade, o resgate do amor próprio. Fico pensando o quanto poderia ser interessante ter um grupo com pessoas especializadas que poderiam atuar nas comunidades, fazendo grupos de atendimentos e encaminhamentos. Com escola podemos buscar parceria com o Município e outras Instituições que trabalham com a mulher” (professora).

“Em primeiro lugar um estudo da situação da mulher na sociedade atual e a partir do conhecimento e constatação a busca de alternativas e atividades concretas para minimizar a realidade junto com debates, teatros e movimentos em prol da mulher” (pais).

“Quanto à mulher pobre, criança ou adulta, a escola precisa criar espaços para que ela seja ouvida e compreendida. A sociedade muitas vezes deixa de lado os problemas graves, mas a escola não pode se omitir. Ela deve desempenhar seu papel de orientar, educar, esclarecer e, acima de tudo, respeitar as diferenças” (aluna).

“A mulher conquista cada vez mais o seu espaço dentro da sociedade e desde a infância dever ser educada e respeitada indiferentemente da classe social que ocupa. A palavra “educação” é o princípio de tudo. As mulheres precisam de abertura de novos espaços para que possam interagir junto à sociedade com

decisões, formação de opinião para serem reconhecidas no campo de trabalho” (pais).

A escola necessita de uma educação onde conteúdo traz a marca da ética e estar voltado ao cultivo de valores importantes para a formação humana da mulher e ao cuidado da vida. Hoje, mais do que em outros tempos, temos a necessidade de empreendermos esforços para a formação da consciência feminina diante de uma cultura machista que discrimina e desvaloriza a mulher. Essa educação precisa ser gestada a partir da família, para que possa acontecer a convivência harmoniosa e a superação das dificuldades nas relações de gênero.

É inerente à mulher ser defensora e cuidadora da vida (cf Ex 1.15-21). É ela que acolhe a vida e a gesta para o mundo. Uma pedagogia feminina consiste numa prática educativa que sensibiliza o ser humano para o cuidado com a vida, para a vivência do amor, da compaixão e da solidariedade.

Os educadores, durante o seminário, ressaltaram diferentes práticas pedagógicas que viabilizam nos educandos a defesa e o cuidado com a vida. Entre as mencionadas podemos destacar:

- Desafiar os educandos a opinar, posicionar-se e agir frente a situações que envolvam a solidariedade;
- Estabelecer metas de apoio à vida junto ao educando;
- Aprofundar assuntos referentes à bioética, levando o educando a posicionar-se frente ao valor da vida;
- Construir um currículo contextualizado que permita o educando realizar uma leitura crítica da realidade, comprometendo-se com a mesma através de novas posturas éticas e sociais;
- Valorizar cada pessoa como um ser coletivo e participativo;
- Desenvolver e cultivar valores existenciais indispensáveis;
- Respeitar a individualidade de cada pessoa e suas habilidades;
- Cultivar no espaço educacional o amor, o respeito, o diálogo, a honestidade, o espírito de busca, a responsabilidade, a espiritualidade, a transparência nas relações, o trabalho em equipe.
- Aprender a ter tempo e dar tempo ao outro, acolhendo-o na sua integralidade.
- Educar para o sentirpensar, abrindo-se para as grandes emergências sociais;
- Desenvolver projetos pedagógicos interdisciplinares em defesa e cuidado com o ecossistema.

A partir do seminário e da entrevista podemos perceber a preocupação dos educadores, pais e alunos por uma educação que tenha a marca do compromisso

social, tendo em vista a promoção humana e a transformação social. Apontam alguns aspectos que transparecem na escola em sua prática cotidiana:

- Campanhas: agasalho, quilo e outras.
- Na disciplina de Ensino Religioso e Estudos Sociais existe a preocupação com a conscientização das diferenças sociais e da marginalidade em que vive grande parte da população do mundo. Há também o envolvimento dos alunos no trabalho de promoção humana nas vilas, hospitais, creches e asilos. Percebe-se uma juventude consciente e fraterna.
- Muitos pais escolhem a escola para seus filhos porque o diferencial está na prática e vivência da fé cristã. Além disso, sentem-se acolhidos e respeitados quanto a sua tradição religiosa. Percebe-se também o elemento da fé cristã nas aulas de Ensino Religioso, nas missas e celebrações, nos retiros espirituais, no grupos de estudo do carisma de Regina Protmann e nas ações concretas de auxílio ao próximo.
- Momentos de espiritualização na capela e pelo interfone, palestras, celebrações, aulas de filosofia e pastoral.
- Projetos de cidadania e Meio Ambiente que envolvem alunos e professores no cuidado com a vida humana e ecológica.
- Inclusão Digital e encontros de Espiritualidade e Ginástica para terceira idade.
- Trabalhos em parceria com ONGs que atendem crianças e adolescentes em vulnerabilidade social, através da oficina do esporte e percussão.

A educação de Regina Protmann traz a marca da fé, da acolhida, da ternura, da inclusão e do conhecimento. No trabalho realizado com os interlocutores percebe-se que a fé é um elemento muito visível em nossa prática pedagógica, através das celebrações, orações, reflexões, acolhida às pessoas, na solidariedade e no relacionamento humano e fraterno. A prática da caridade deveria ser mais exercitada pelo corpo docente da Escola, que ainda trabalha de forma individualista com dificuldade de partilha e acolhida do outro nas suas necessidades. Contudo, os processos pedagógicos das Escolas da Associação contribuem para o desenvolvimento de um cidadão ético, solidário e com responsabilidade social na medida em que preparam o educando a desenvolver as suas habilidades e competências como agente participativo da construção do conhecimento: avaliando, sugerindo, trocando experiências e incentivando a prática da solidariedade e o respeito às diferenças sociais, envolvendo-se em projetos sociais em defesa da vida.

3.3 O carisma de Regina Protmann na Educação

Refletir sobre um carisma que teve início no século XVI, diante dos desafios contemporâneos em educação, é lançar um olhar às fontes que deram impulso à

obra educacional que perpassa a história por mais de quatro séculos. Sua proposta educacional emerge do oprimido, das meninas pobres, às quais oferecia uma educação integral. Além disso, Regina sempre estava profundamente inserida na realidade local e na realidade política: “[...] quando a necessidade a impelia, defendia essa causa junto às altas autoridades e sempre com justiça”.¹³⁹

A educação que Regina propõe é uma pedagogia contextualizada, voltada para a libertação do oprimido, principalmente a mulher. Ela apresenta uma educação político-pedagógica tanto pela sua opção aos excluídos como pelo seu relacionamento com o setor político, através de suas reivindicações em favor do mais fraco e pela leitura da realidade do seu tempo. Como afirma Freire:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética, ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.¹⁴⁰

A prática educativa que deve marcar uma escola cristã, fundamentada no Evangelho e no Carisma de Regina Protmann, precisa estar impregnada pela solidariedade; pela acolhida ao educador, educando e família; pelo amor ao próximo; pela compaixão; pela espiritualidade; pela misericórdia; pelo senso crítico diante da realidade econômica, política e social; pelo respeito ao diferente; pela construção da cidadania; pelo sentido coletivo e pela participação; pela qualificação profissional; pela partilha da vida; pelo respeito a si e aos outros; pelo compromisso com a comunidade; pelo cuidado com a vida.

No século XVI, Regina Protmann deparou-se com um cenário de crise econômica, cultural, política e religiosa. Ela rompe com os velhos paradigmas em relação à Vida Religiosa feminina e da inserção da mulher no mundo cultural e social. Propõe algo novo para a época, abraçando as necessidades do seu tempo na área da saúde preventiva e da educação para meninas.

Durante 439 anos a Congregação das Irmãs de Santa Catarina foi espalhando o Carisma de Regina Protmann, marcando presença evangelizadora no continente Europeu, Americano, Africano e Asiático através da saúde, de educação, da inserção pastoral e do serviço social. Nas diferentes épocas da história,

¹³⁹ ENDLICH; BOHN, 1999, p. 45.

¹⁴⁰ FREIRE, 1997, p. 26.

respondendo aos sinais dos tempos, as irmãs souberem ser presença profética junto ao povo e em especial no período da primeira e da segunda guerra mundial, onde muitas foram martirizadas. A missão, nessa época, foi regada pelo sangue das irmãs que foram fuziladas, violentadas e levadas para os campos de concentração.

Hoje, também, nos deparamos com os novos cenários mundiais caracterizados pelos grandes avanços científicos e tecnológicos, pelas conquistas da humanidade em detrimento da desuminação de nossa história e do nosso povo. A globalização vem rompendo espaços, fronteiras, barreiras e sistemas de vida, ao mesmo tempo vem desvelando mais uma forma de exclusão, a digital, como a mais nova modalidade de marginalização socioeconômica e cultural da atualidade.

A crise atual atinge o ser humano em sua identidade mais profunda, deformando sua consciência, interfere no seu próprio ethos, vivendo uma vida fragmentada e numa cultura de tédio. Segundo Bauman, vivemos numa modernidade líquida onde a solidez das instituições sociais perde espaço, de maneira cada vez mais acelerada, para o fenômeno da liquefação.¹⁴¹ De acordo com esta metáfora, a concretude dos sólidos, firmes e inabaláveis, derrete-se irreversivelmente, tomando a amorfabilidade do estado líquido. A liquefação dos sólidos explicita um tempo de desapego e provisoriedade, uma suposta sensação de liberdade que traz em seu avesso a evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos modernos-líquidos.

As pessoas vivem relacionamentos voláteis e fluidos que remetem a uma sensação de leveza e descompromisso, que é muitas vezes associada à liberdade individual. Existe a percepção de que se sentir livre é poder consumir tudo que lhe oferece prazer e felicidade. Há uma 'bulimia' de consumo. Não há mais compromisso com a ideia de permanência e durabilidade.

Nesse sentido, surgem novas patologias próprias da modernidade líquida: depressão, solidão, desamparo, isolamento, tédio. Na esfera social, percebemos as exclusões de toda ordem como sintoma de uma perversa sensação de liberdade e desterritorialização. Temos um panorama insustentável de violência, terrorismo, individualismo e a falência do projeto moderno-sólido de "ordem e progresso" para a

¹⁴¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

instauração global e local de “terras-de-ninguém”, a total ausência de normas sociais.

Como propor uma educação para a ética numa sociedade líquida? Quais são os novos paradigmas que precisamos solidificar? Diante da cultura do tédio precisamos propor uma cultura de sentido. A instituição escolar tem o compromisso de contribuir na formação existencial de seus educandos. É preciso que ela, além de construir o conhecimento, se preocupe com as dimensões da vida e com uma aprendizagem onde o conteúdo ensinado tenha sentido de vida. Como afirma Taille:

A escola é uma verdadeira usina de sentidos, sentidos de vida (ética) e de convivência (moral), e não há outra instituição social de que se possa dizer o mesmo. No entanto, para que essa “usina” realmente produza algo de bom, algo de rico, é preciso que quem a dirige, quem nela trabalha, se disponha a fazê-lo. E a primeira tarefa que lhes cabe, e que cabe a todos os adultos, é a de cuidar do mundo.¹⁴²

Numa sociedade líquida, onde existe a volubilidade e a superficialidade nas relações e na transmissão do conhecimento nas instituições educacionais, urge o compromisso das famílias e educadores transmitirem às novas gerações uma bagagem intelectual sólida. Precisamos em nossos espaços educacionais colocar em primeiro plano o diálogo, o humano, o afetivo, o social, a comunitário, o natural e o transcendente/espiritual, para que seja possível a recriação da ética e do resgate humano-ecológico.

A educação precisa encontrar um novo rosto. Nela deve estar estampada a ternura, a sensibilidade, a solidariedade, o respeito, a responsabilidade, a compaixão, a honestidade e o amor como valores a serem integrados no currículo de conhecimento e do relacionamento escolar. Pensar e fazer acontecer a educação nos diversos espaços institucionais ou informais numa sociedade que vive uma profunda crise ética e de sentido de vida, requer educadores comprometidos com uma aprendizagem contextualizada e mergulhados numa *pedagogia feminina*. Essa pensa e age em favor da igualdade nas relações de gênero, olha com compaixão e cuidado para a vida humano-ecológica, educa para o sentido de vida, acolhe com amorosidade os excluídos, socializa o saber, luta em defesa do oprimido, constrói limites, inclui o fraco e em especial a mulher.

¹⁴² TAILLE, 2009, p. 80-81.

Os novos paradigmas estão presentes numa educação que em sua ação pedagógica visualiza em seu currículo práticas que priorizam o SER pessoa, onde o conteúdo e a pesquisa científica tenham a melodia da ressignificação humano-ecológica e social. Andreola em seu artigo “Ética e solidariedade planetária” nos apresenta o pensamento de Guy Cop ao se referir às questões éticas diante dos avanços da ciência:

[...] uma das tarefas pedagógicas prioritárias é certamente aquela de ensinar a não confundir o domínio da ética com outros domínios. A coisa pior do fracasso de uma educação aparece quando uma consciência não sabe, numa situação humana, o que compete à ética, ou quando e como cabe relacionar um ato com valores. Há numerosas confusões possíveis que podem ocultar o sentido ético de uma ação. A ética pode ser reduzida à ciência, ou à tecnologia, ou à estética, ou ainda à ordem das utilidades econômicas. Aprender a discernir as confusões possíveis, significa já tornar-se capaz de perceber as implicações éticas. Consideremos inicialmente o caso da confusão ética/ciência. Refletir sobre tal distinção não é óbio. Chega a acontecer que se espera de um progresso científico a solução dos problemas éticos.¹⁴³

A educação em todas as suas dimensões, ao fortalecer a consciência e a identidade do educando, estará contribuindo na construção de um ser humano ético. Na medida em que o educando se compromete no cuidado do ambiente, para que se torne uma morada saudável, nos projetos de reaproveitamento dos resíduos, numa vida psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda, a educação estará contribuindo na construção de um ser humano ético.

A educação num mundo de mudança deve retomar sua dimensão profética, através da imagem, da linguagem falada e escrita e pelo testemunho dos educadores. Nesses tempos de individualismo selvagem, em que os grandes ideais agonizam e impera a violência, a insensibilidade, a injustiça e a droga que devora o ser humano, precisamos com urgência de profetas. Homens e mulheres que levantem seus gritos e sacudam a indiferença, a mediocridade e o descompromisso. Hoje tememos o futuro e sentimos medo de levar a sério nossa vocação de construtores da história, medo de naufragar no mar profundo de nossa própria vida. Por isso, nos perdemos em consolos ilusórios e até nos empenhamos em transformar a fé e a religião em algo “light”, sem compromisso com o outro. Confundimos a felicidade com bem-estar ou consumismo, o amor com “ficar” ou

¹⁴³ ANDREOLA, Balduino A. Ética e solidariedade planetária. In: *Ética: diversidade e diálogo na produção de referências para a educação*. Pelotas: Seiva, 2003. p. 28.

“curtição” e sexo irresponsável, a liberdade como satisfação pessoal de seus desejos. Vivemos a “era do vazio” e em tempos de inércia e passividade em que a superficialidade se apresenta como ideal de vida e as grandes aspirações se resumem no consumismo e no status social. Precisamos preencher-nos de coisas, imagens e ruídos, e nos esforçarmos em aparentar, para esconder nossa pequenez espiritual e nossa crescente solidão.

Na sociedade atual a vida se apresenta cada vez mais como um caminho sem meta e sem horizontes. Como reflete Taille:

Em uma palavra: não há projeto, não domínio de tempo. Andamos na cerração, tentando enxergar meio palmo diante do nariz. O futuro advém, não é construído. O futuro deixa de ser referência. É simples sucessão de dias e anos a virem. Como o passado já tampouco é referência, fica-se no “eterno presente”.¹⁴⁴

Precisamos de profetas de palavra valente e comprometida com a vida, que incendeiem os corações e guiem nossos passos por caminhos de risco e plenitude. Estamos fartos de palavras vazias que nos são lançadas pelos discursos de políticos, nos sermões das Igrejas, nos ensinamentos de professores e mestres. Como nos diz Gómez:

Nunca como nesta última década foram usadas tantas palavras profundas para expressar tanta frivolidade. Conceitos como liberdade, democracia, soberania, direitos humanos, solidariedade, pátria e até deus tornaram-se tão levianos como o carnaval, o aperitivo, o videoclipe, as palavras cruzadas e o horóscopo.¹⁴⁵

Atordoados por tantas conversas “moles” e promessas falsas, sem alma nem paixão, nós, seres humanos, vivemos cada vez mais incomunicáveis, isolados, tristes, sem possibilidade de nos encontrar, de voltar a ser. Confundimos a plenitude com o vazio. Nesse sentido a educação tem o ofício de recuperar os espaços gratuitos para encontros significativos com os educandos, educadores e famílias, onde o diálogo possa transcorrer livremente durante mateadas nas praças, parques, escolas ou residências. Precisamos aprender a cultivar palavras de ânimo e de consolo; palavras que refresquem a aridez das feridas, que deem valor, que

¹⁴⁴ TAILLE, 2009, p. 33.

¹⁴⁵ GÓMEZ, B. H. *Educación, la agenda del siglo XXI: hacia um desarrollo humano*. Bogotá: PNUD/Tercer Mundo, 1998. p. 50.

semeiem esperança, que provoquem o sentido de vida. Enfim, precisamos de palavras para celebrar e cantar a vida, o amor e a amizade.

A educação tem o compromisso de anunciar o Deus da vida. Por isso, precisamos de educadores-profetas que ressuscitem palavras, sacudam com elas as consciências e levantem as vidas de mediocridade, da desesperança, do tédio, da insensibilidade. Profetas capazes de devolver a dignidade ao ser humano, que despertem a paixão de ser homem e mulher e o cuidado com a vida.

Profetas que transformem as práticas educativas e façam as escolas lugares de vida, nos quais se aprende a conviver, a desfrutar a vida, a defender e amar a vida. Freire, ao falar da necessidade de repensarmos a realidade, menciona o pensamento profético:

[...] implica a denúncia de como estamos vivendo e anúncio de como poderíamos viver. É um pensamento esperançoso [...]. É neste sentido que, como o entendo, o pensamento profético não apenas fala do que pode vir, mas, falando de como está sendo a realidade, denunciando-a, anuncia um mundo melhor.¹⁴⁶

Na educação contemporânea precisamos de profetas-educadores capazes de ler a profunda crise de nosso mundo com os olhos e o coração de Deus, para podermos dizer com valor e com paixão o que Ele quer e espera que digamos. Profetas que encarnem em suas vidas os valores que buscamos para que suas palavras e ações sejam testemunho. Profetas que assumam a educação como um meio para ensinar a viver, a defender a vida, a dar a vida: “Agora vá, e eu estarei em sua boca e lhe ensinarei o que você há de falar” (Ex 4.12).

É um grande desafio para a educação encontrar novas formas de superar o modelo pedagógico existente na maioria de nossas escolas. Observamos que a educação ainda continua gerando padrões de comportamentos tendo como referência um sistema educacional que não leva o indivíduo a aprender a pensar para solucionar problemas, a questionar quando necessita compreender melhor. Ainda temos escolas que em seu espaço geográfico e arquitetônico se encontram “protegidas” com grades e cadeados nas portas dos laboratórios, crianças enfileiradas em suas carteiras escolares, impedidas de pensar e de expressar suas emoções e sentimentos. Faz-nos refletir quando escutamos que é preciso “vencer” o

¹⁴⁶ FREIRE, 2000, p. 118-119.

conteúdo de matemática em detrimento da aula de xadrez; “provões” aplicados aos alunos, a fim prepará-los para ingressarem nas melhores universidades. Com essa visão, o ensino torna-se um terrorismo psíquico que castra o educando na sua criatividade pensante e no exercício de sua cidadania.

Preocupa-nos que nossos aprendizes, muitas vezes, estão impossibilitados de expressarem o que pensam, estão castrados em suas falas, limitados em seus afetos e presos a uma mente objetiva e racional que estanca as lágrimas e que os impede de conquistar novos espaços. Muitas escolas continuam vendo o erro como expressão do não aprender, da ignorância, o conhecimento fragmentado e o educando como um banco de dados. As avaliações ainda são realizadas com testes de múltiplas escolhas em vez de processos interativos e cooperativos de construção do conhecimento. Exige-se a memorização, conteúdo, resultados de produtos, pois a escola precisa obter o primeiro lugar no ENEM para competir com outras instituições de ensino, esquecendo-se do processo na construção do conhecimento, em vista da cidadania consciente e da importância do diálogo interdisciplinar.

Por que nossa escola continua dividindo conhecimentos em assuntos, disciplinas, horários, laboratórios especializados para algumas áreas? De fato, a escola com seus docentes não prioriza os espaços para o diálogo interdisciplinar e esquece que os aprendizes estão inseridos em contextos e que o sentimento, a emoção e a razão, a reflexão e os pensamentos são processos interdependentes e inseparáveis em nossa corporeidade.

Essa fragmentação do conhecimento e do pensamento divide o ser humano, fazendo-o esquecer a sua própria condição humana. A visão alienada faz a pessoa desconectar-se da realidade, esquecendo de que ela é um grande rio por onde fluem todos os processos, estruturas e conhecimentos. O fluxo do rio poderá ser interrompido, quando nele jogados desordenadamente conhecimentos descontextualizados, sem significado, formando o lixo mental que obstrui o desenvolvimento do pensamento crítico e cidadão.

Na educação precisamos cuidar de nossas práticas pedagógicas que muitas vezes estão fundamentadas nos velhos paradigmas da ciência, sem vida, sem cor, sem cheiro e nem sabor. Sabemos que uma educação sem vida produz pessoas incompetentes, incapazes de pensar, de refletir, de construir e reconstruir conhecimentos, realizar descobertas científicas e de comprometimento social. Como

educar para podermos dialogar melhor com o mundo e com a vida, para desenvolver autonomia, criatividade e criticidade?

Precisamos de coragem para romper com o paradigma tradicional, transformar nossa prática pedagógica, buscar novas formas de construir o conhecimento, novo diálogo, cultivar novos valores e nova ética de relacionamento. Como humanidade precisamos evoluir para uma consciência mais ecológica, uma consciência reflexiva e relacional, ter um pensamento mais abrangente e buscar novas teorias capazes de fundamentar a nossa prática pedagógica e os processos de construção do conhecimento, como também colaborar para promover a consciência humana e melhoria da qualidade de vida que é direito de todos.

A educação necessita de um novo reposicionamento diante da realidade global que vivemos. Precisamos desenvolver uma pedagogia reflexiva capaz de colaborar com o pensamento mais complexo, que respeite a multiplicidade do real, que valorize os aspectos cognitivos, reconheça os aspectos históricos, socioafetivos e culturais presentes na construção do conhecimento. Temos a urgência de uma pedagogia voltada para a formação integral do educando, que privilegie o desenvolvimento das múltiplas inteligências, do pensamento crítico, da sensibilidade, da cidadania, da consciência e de seu espírito.

Temos necessidade de um novo paradigma educacional para que possamos trabalhar melhor as competências humanas que estão sendo requeridas na sociedade contemporânea. Isso pressupõe uma educação baseada em valores, onde prevaleça a solidariedade, o respeito, a cooperação, a sensibilidade, a compaixão, a ética, o pensamento ecológico ou relacional e dialógico que coloca a vida no centro, pois aquele que ama a vida, que reverencia a vida, não destrói, não a anula, não a tortura e não a condena.

Buscamos um paradigma voltado para o desenvolvimento humano que facilite a ocorrência de processos reflexivos, que conceba o conhecimento como um processo de vir-a-ser, diferente do modelo da racionalidade técnica que está mais atento ao resultado a ser obtido do que à forma de estruturar o problema e ao processo do raciocínio desenvolvido. A pedagogia reflexiva que se deseja é aquela mais voltada para o desenvolvimento do pensamento, para a qualidade do pensamento que está sendo produzido e transformado: crítico, criativo, flexível e compreensivo. Enfim, esses aspectos são importantes para a construção de

conhecimentos que venham a desenvolver a autonomia, a capacidade de resolver problemas, de apresentar melhor desempenho profissional diante das exigências do mercado e a participação na sociedade atual.

Num mundo de incertezas, imprevistos e inseguranças temos a necessidade de assegurar a sobrevivência de todo ecossistema. Essa realidade nos interpela para o desenvolvimento de novos estilos de comportamento, de cultivar novos valores éticos, de desenvolver novas capacidades de criar, criticar, questionar e aprender novas maneiras de viver e conviver no mundo.

Regina Protmann assumiu o profetismo com educadora dando um passo inédito na História.¹⁴⁷ Dentro da novidade do Carisma de Regina, surge a preocupação para com a mulher, discriminada no campo da educação e da cultura. Ainda não existia na época rede escolar feminina. A escola, quando havia, era somente frequentada pelos homens. Era preciso inventar algo novo para combater o analfabetismo e abrir espaço para a mulher na sociedade, promovendo a dimensão feminina da cultura e os valores específicos da mulher, como: sensibilidade, ternura, acolhimento, intuição, disponibilidade, orientação, estabilidade familiar e defesa da vida.

Que faz Regina? Acolhe as meninas em sua casa e começa com a escola. Além de ensinar a ler e escrever, educa-as para a vida. A fé católica e os valores humano-cristãos são aspectos fundamentais da formação que ministra às educandas.

Na pesquisa realizada os interlocutores destacam a educação da fé cristã como um elemento fundamental nas escolas da Associação:

“Percebe-se a preocupação em nossa escola com a educação da fé cristã no dia-a-dia, nas aulas de Ensino Religioso e também de outras disciplinas, quando se promove discussões a respeito do valor da vida, nos momentos de celebrações na capela, retiros, nos encontros de convivência, nas campanhas de solidariedade, no envolvimento nos projetos sociais”(professora).

As Irmãs de Santa Catarina acreditam e apostam que a educação é um fator importante na transformação da história e da sociedade. Marcam presença, ainda hoje, atuando nas escolas, principalmente no Brasil. Em cidades grandes e

¹⁴⁷ ENDLICH; BOHN, 1999, p. 103-105.

pequenas, elas abrem suas portas para as crianças e os jovens, de ambos os sexos, desde a educação infantil até o ensino médio, incluindo também os cursos profissionalizantes e a preparação para o ingresso na Universidade. Oportunizam aos alunos a formação integral, que possibilite o surgimento de mulheres e homens eticamente comprometidos com a sociedade, segundo os princípios evangélicos, valendo-se, o quanto possível, do método participativo.

Na proposta curricular é dispensada especial atenção ao Ensino Religioso, através de diversas dinâmicas e construção de projetos interdisciplinares. Além disso, as Irmãs e seus colaboradores proporcionam aos alunos e suas famílias condições para o crescimento na fé, motivando-os à participação na comunidade eclesial, e incentivam o comprometimento fraterno através do compromisso social.

Além da educação formal, as Escolas da Associação estimulam nos alunos o amor às artes, à dramatização cênica, à criatividade, à ecologia, ao esporte, à leitura, às prendas domésticas e outras atividades, preparando-os para exercerem seu futuro ministério na sociedade globalizada de hoje, de forma digna, consciente e responsável, pois a educação integral da pessoa humana contribui para o crescimento da humanidade.

Nos programas curriculares os colaboradores das escolas se empenham em integrar a família, promovendo reuniões, palestras e encontros de convivência. Os educadores coletivamente assumem os princípios da educação humano-cristã, através de espaços para troca de experiências, encontros de convivência e espiritualidade, construção de projetos interdisciplinares, estudos pedagógicos, avaliações e conselhos de classe.

Na Educação Infantil são acolhidas as crianças cujas mães estão inseridas no mercado de trabalho. As irmãs abrem as portas das Escolas, onde permanecem todo dia ou não, para lhes oferecer educação e cuidado, além da alimentação e do desenvolvimento da aprendizagem.

Na área da educação as irmãs e seus colaboradores se empenham na formação e no aperfeiçoamento de professores, através do curso Normal e no assessoramento às Escolas Públicas. Também são oferecidas oportunidades de atualização humana e profissional aos colaboradores da Associação. O Carisma de Regina Protmann entende-se, também, aos profissionais da saúde, da educação, da

administração e dos serviços gerais, engajando-os, com seus trabalhos, na mística da Congregação.

Muitas irmãs vivem o carisma educacional de Regina junto aos pobres e sofridos em áreas missionárias junto aos ribeirinhos da Amazônia, no sertão da Bahia, nas comunidades pobres da África, nas periferias de cidades brasileiras. Nem sempre é fácil manter essas obras, em benefício da comunidade local, respondendo às exigências de mercado em educação e em contraposição à situação de pobreza em que vive a maioria de nossas famílias. Contudo, nessa sublime missão de educar, Jesus Cristo, o Mestre dos Mestres, que ilumina, orienta e conduz nossas obras educacionais que estão a serviço da infância e da juventude.

3.3.1 Novos paradigmas para a educação contemporânea

Nos tempos atuais, a educação exige de nós novos paradigmas. Regina Protmann rompeu as estruturas eclesiais, sociais e culturais do seu tempo, século XVI, e gestou uma pedagogia “feminina”, voltada para a mulher marginalizada. Que modelo de educação a contemporaneidade requer? No seminário realizado nas escolas foram destacados alguns aspectos relevantes a serem considerados na educação como:

- Proporcionar atividades que integrem a escola à sociedade;
- Integrar a família, com suas novas configurações, no currículo das atividades escolares e na educação para valores morais e éticos, religiosos e sociais;
- Cultivar o respeito ao outro, o amor à família e à vida;
- Incentivar o aluno à pesquisa e ao cuidado de meio ambiente;
- Desenvolver uma educação a partir do diálogo e da cooperação;
- Contribuir na formação da pessoa como ser integral;
- Educar para a igualdade de gênero e para a cidadania;
- Promover a qualificação e atualização dos profissionais;
- Desenvolver atitudes de solidariedade, espiritualidade, respeito, amor e compromisso com o próximo;
- Acolher e valorizar o outro nas suas diferenças, em relação a sua religiosidade, cultura e princípios éticos e morais;
- Assumir uma postura de êxodo em relação aos novos cenários sociais que emergem na atualidade;
- Transformar a escola num espaço de troca de saberes e de convivência;
- Proporcionar um ambiente harmônico de convívio na escola e com a sociedade;
- Formar lideranças com espírito de justiça e compaixão para com o Outro;
- Utilizar as novas tecnologias e linguagens para o construção do conhecimento com ética e responsabilidade social;

- Desenvolver práticas pedagógicas inovadoras que respondam aos desafios educacionais e sociais do nosso tempo.

Considerando a realidade necessitamos de um novo modelo educacional, que, além de colaborar para a formação do ser humano, também reconheça a aprendizagem como um processo complexo em permanente construção, que depende das ações e das reações daquele que conhece, que depende do que acontece em sua corporeidade, das mudanças estruturais que ocorrem na organização da própria pessoa e nas influências do meio onde está inserido. Um paradigma que colabore na formação integral do ser humano, que seja capaz de aproximar a educação da vida e trazer um pouco mais de vida para dentro de nossas salas de aula.

Para construir um novo paradigma educacional precisamos repensar o currículo, transformá-lo em algo com um pouco mais de sentido e com maior compromisso com as atuais necessidades humanas. Um currículo onde tudo esteja relacionado, interconectado, em processos de transformação, mediante diálogos reflexivos que o aprendente estabelece a partir de sua atuação sobre o mundo, enfim, um movimento dinâmico onde ambos se transformam e se reinventam.

Precisamos também de uma educação que compreenda a força e a riqueza existentes no diálogo com o outro, na busca de soluções satisfatórias e transformadoras de relações intra e interpessoais. Uma educação que precisa reconhecer os diferentes pontos de vista e perspectivas culturais, as ideias, idiomas e experiências. Também necessitamos de uma educação onde exista a interconexão entre a pessoa, objeto e contexto, razão e emoção, ser humano e natureza, educando e educador, sem nenhum poder hegemônico de um sobre o outro, mas formadora de uma grande teia de vida. Sonha-se com uma educação que compreenda a existência de diferentes realidades, a riqueza da diversidade, a influência das emoções nos processos da construção do pensamento.

Buscamos uma educação que nos ensine a viver e conviver com a desordem e o caos, a reconhecer a importância da sabedoria da espera-vigiada e da escuta-poética, que valorize os caminhos alternativos e os interesses diversificados; uma nova maneira de educar que compreenda o papel construtivo do erro, a existência de outros possíveis e que desenvolva a capacidade de imaginar, de criar e de construir o que ainda não existe.

Queremos que o novo paradigma educacional não destrua os sonhos, a utopia, a fé e a esperança, reconhecendo-os como pilares para a modificação da realidade e para o surgimento de ideias iluminadoras de novos rumos, de novos caminhos que nos ajudem a sobreviver em meio às incertezas e diante do novo que aponta em nossas vidas. É importante para nossa vida podermos acreditar numa educação onde o desenvolvimento humano é um processo integrado e harmonioso que abrange todas as dimensões de nosso ser. Precisamos de uma educação que compreenda que a ação de conhecer está presente em todas as ações que desenvolvemos. Portanto, uma educação onde os educadores tenham um discurso e uma prática interdisciplinar e transdisciplinar.

3.3.2 Desafios éticos para uma educação transformadora

Refletir sobre o desafio ético para uma educação planetária requer a construção de novo paradigma educacional, visando a esperança e a fé na pessoa humana. Para isso é necessário uma revolução ética, desentulhando e liberando o bem que existe no interior de cada um de nós, auscultando-o com atenção.

Hoje, no processo de globalização, irrompem os muitos “outros” que precisam ser acolhidos, com os quais somos convocados a conviver e estabelecer uma aliança para construirmos juntos uma nova sociedade. Para isso, precisamos de um ethos que ame e cuide da comunidade planetária. O outro, seja quem for, me obriga a tomar uma atitude prática, mais radical como exigência fundamental do “ser pessoa”, “ser gente”, pois ele significa uma pro-posta que pede uma resposta com responsabilidade.

Acima de tudo, o outro faz surgir o ethos de amor. Como afirma São João: “Deus é amor” (1 Jo 4.8) e Jesus: “Ama o teu próximo como a ti mesmo” (Lc 6.35). Portanto, sem amar e ajudar o outro que é o faminto, o pobre, o peregrino e nu, não se pode encontrar Deus nem alcançar a plenitude da vida (Mt 25.31-46).

Somente esse ethos que ama pode responder aos desafios atuais que são de vida e de morte. Somente o ethos que ama cria um novo sentido de viver. Assim é preciso acreditar que amar o outro é querer que ele exista, porque o amor faz o outro importante. Dessa forma, podemos compreender o novo paradigma

educacional, que nos desafia a uma amorosidade e a uma prática que permite com que o outro viva em plenitude.

Para uma ética educacional planetária precisamos vislumbrar um novo ethos na nossa prática cotidiana. Um ethos que cuida, que ama, que se compadece, que se responsabiliza, que se solidariza com toda a comunidade de vida cósmica. Esse ethos seria hoje um grande antídoto contra a apatia, a indiferença, os conflitos, a violência e o egoísmo que corroem a humanidade.

Dessa forma, precisamos construir currículos escolares que assumam compromissos com uma nova ordem mundial, onde a justiça, a solidariedade, a paz, o respeito pela vida sejam palavras vividas e acreditadas. Isso supõe:

- Educar para que cada um assuma sua condição humana e alcance a humanidade em si mesmo a partir do confronto com a desumanidade do outro;
- Trabalhar para a humanização da humanidade;
- Aprender a amar e cuidar da vida;
- Educar para a paz;
- Respeitar o outro, desenvolvendo a ética da compreensão e da democracia.

Precisamos mundializar a ética da compreensão, pois a única verdadeira mundialização que está a serviço do gênero humano é a da compreensão, da solidariedade intelectual e moral da humanidade. A ética da compreensão vai tornar as pessoas e as nações mais solidárias e mais fraternas, mais comunicativas, evitando que o caos se instale no mundo.

Pensar a crise de paradigmas propõe uma tomada de posição diante da vida, uma atitude ética capaz de construir uma nova mentalidade de convivência, mais solidária, entre os seres humanos, com os demais seres vivos do planeta e com a própria “Mãe Terra”. Boff, ao se referir à civilização planetária que aos poucos vem sendo construída por segmentos expressivos da humanidade, afirma:

Hoje navegamos em nosso barco planetário em meio aos icebergs. Estamos a ponto de colidir e naufragar. Nosso mundo está em perigo. E o pior é que, desta vez, não haverá uma salvadora Arca de Noé para preservar alguns indivíduos de cada espécie. Por isso, precisamos de sociedade regida pela cobiça e baseada na exploração, que chega ao seu paroxismo no perigoso processo autodestrutivo que ameaça as consciências, as sensibilidades e as próprias existências. Ou nos justamos todos, num projeto de desenvolvimento harmonioso, impregnado de justiça e espiritualidade, ou corremos o risco de perecer como espécie. Precisamos

construir juntos uma Arca que nos salve coletivamente e nos conduza a um futuro mais belo e mais digno.¹⁴⁸

Acreditar no sonho de uma educação em que a ética da libertação por uma comunidade planetária seja possível, onde possamos contemplar os “outros” construindo sua história e integrados numa rede de solidariedade, que tenha como cena principal a “vida em abundância” (Jo 10.10).

A ética é uma relação da vida com a vida. Não existe, nem pode existir ética fora da vida. Ética é agir com sentido de vida. Nesse sentido podemos considerar importante a ética da solidariedade e da responsabilidade que despertam no ser humano a atitude de ternura e compaixão como compromisso de vida.

Somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum: a defesa da vida! Precisamos somar forças para gerar uma sociedade global sustentável baseada no respeito à natureza, dos direitos humanos universais, da justiça econômica e de uma cultura da paz. Como afirma Assmann:

O ser humano é um ser complexo, como também é a sociedade e o meio ambiente no qual vivemos. Educar para a sensibilidade solidária pressupõe e implica em ajudar as pessoas a perceberem a complexidade da realidade e da nossa vida social, a tomarem consciência da nossa condição humana, a relativizarem as suas certezas, a aprenderem a tolerar aos outros e a si próprio nas suas limitações e falhas, a aceitar e conviver com a ‘resistência’ da realidade social em se adaptar aos nossos mais sinceros e honestos desejos de uma vida baseada na justiça e solidariedade.¹⁴⁹

Precisamos educar para a sensibilidade social, a solidariedade, a compaixão e a responsabilidade social. Dessa forma, teremos condições de construirmos uma ética sob a ótica da vida. Nesse sentido, a ética da solidariedade torna-se um campo de reflexão emergente para a teologia e da educação, diante do inchamento do número dos descartáveis e o alastramento da fria indiferença em relação à barbariedade humana. Diante da “massa sobrando” existe um discurso fragilizado em palavras como exploração, opressão, libertação.

A solidariedade torna-se um compromisso ético-cidadão, que leva a pessoa a se confrontar com o Outro faminto e pisoteado em sua dignidade humana, derivado de uma engrenagem erigida por um grupo que detém a hegemonia do poder. Para enfrentar este descalabro humano, faz-se urgente uma revolução ética e

¹⁴⁸ BOFF, 2002, p. 37.

¹⁴⁹ ASSMANN; MO SUNG, 2000, p. 165.

despertar um sentimento profundo de irmandade e de familiaridade que torne intolerável essa desumanização e impeça os vorazes dinossauros do consumismo de continuarem em seu vandalismo individualista. Precisamos, pois de uma ética que se solidarize com todas as vítimas caídas e prostradas no palco de cenário social. Nas palavras de Martin Luther King, Prêmio Nobel da Paz em 1964, podemos reafirmar nossa esperança no despertar de uma nova humanidade:



Hoje, na noite do mundo e na esperança da Boa-Nova, afirmo com audácia minha fé no futuro da humanidade.

Nego-me a crer que o ser humano está a tal ponto prisioneiro da noite sem estrelas, do racismo e da guerra, que a aurora radiante da paz, da fraternidade nunca poderia tornar-se realidade.

Eu creio que a verdade e o amor incondicional terão efetivamente a última palavra. A vida, mesmo que aparentemente derrotada, permanece sempre mais forte que a morte.

Atrevo-me a crer que um dia todos os habitantes da terra poderão receber três vezes comida por dia para a vida do corpo; a educação e a cultura para a saúde do espírito e a liberdade para a vida do coração.

Creio igualmente que um dia toda a humanidade reconhecerá em Deus a fonte de seu amor. Creio que a bondade salvadora um dia se tornará lei. O lobo e o cordeiro poderão repousar juntos, cada pessoa poderá sentar-se debaixo de sua figueira, em sua vinha, e ninguém mais terá razão para ter medo.

Creio firmemente que venceremos.¹⁵⁰

A realidade atual desafia-nos a criarmos redes de solidariedade que levem as pessoas a se reportarem umas as outras, contestando a indiferença cruel que corrói as relações sociais. Assim sendo, a solidariedade deverá ser o conteúdo das relações sociais e o eixo articulador da sociedade mundial, ou não haverá futuro para ninguém. Essa solidariedade precisa ser construída a partir das vítimas dos processos sociais, para que todos se sintam incluídos, também os mais fracos, a fim de que não sejam eliminados em nome dos interesses de grupos que se impõem pela força ou de um tipo de cultura que se autoafirma rebaixando as outras.

O imperativo que precisamos fazer soar como um eco é a solidariedade com todos os seres, nossos companheiros/as de aventura planetária e cósmica, para que todos sejam incluídos no nosso cuidado e amor.

¹⁵⁰ KING, Martin Luther. Afirmação de fé. Disponível em: <<http://mipibuatenta.blogspot.com/2010/10/fe-por-martin-luther-king-ti-mipibu.html>>. Acesso em: 17 dez. 2010

3.3.3 *Pedagogia feminina: a educação no embalo da ternura e da compaixão*

No século XVI, Regina Protmann rompe os paradigmas de uma educação institucionalizada para meninos e apresenta à sociedade uma pedagogia feminina, que se configura na prática do cuidado com a mulher pobre sem acesso a cultura. Essa pedagogia se caracteriza pela educação integral e pela valorização do feminino, através de práticas libertadoras que possibilitam novas posturas sociais.

Na contemporaneidade a educação, na sua quase totalidade, está sob a responsabilidade da mulher. A pedagogia feminina precisa construir-se a partir da ternura e da solidariedade, para que o educando possa aprender lição do amor que lhe possibilite cuidar e encantar-se pela vida humano-planetária. Essa educação pode fazer o ser humano reconstruir os cenários sociais, onde nos confrontamos com as chagas ecológicas estampadas por toda parte e a manipulação dos seres humanos pela ideologia da técnica, oferecendo próteses de felicidade. Precisamos fazer emergir o paradigma do cuidado a partir do feminino. Esse cuidado exige intuição, sensibilidade, exercício da ternura, para que a pessoa possa ser regada com afetividade, com delicadeza e com sensibilidade. É importante que compreendamos que a expressão por excelência da ternura é a carícia, onde se acentua a proximidade ética e o respeito ao outro. Rocchetta afirma:

[...] a ternura deve compreender-se principalmente como uma predisposição de ordem antropológica inscrita em nós desde o nascimento: essa pertence à nossa identidade mais profunda e se qualifica como “sentimento”, capacidade de “sentir”, [...] que compreende todo ser, abrindo à humanização, ao encontro, à “com-paixão” e à convivialidade.¹⁵¹

A prática do cuidado requer do educador disponibilidade, preocupação pelo outro, acercamento à sua dor. Isso exige paciência, lentidão e gratuidade temporal. Nesse sentido, no processo do cuidado é fundamental o diálogo de vidas, onde a paixão deve ser o elemento central. Nessa dinâmica se constrói o diálogo de presenças, o encontro de dois seres que se dispõem a falar, a se olhar, a se aceitar e se enriquecer mutuamente. Quando isso sucede em nossa prática educacional estamos ajudando na construção da pessoa, para que se torne agente de transformação do seu meio.

¹⁵¹ ROCCHETTA, 2002, p. 29.

O traço que melhor define o ponto de vista ético da mulher é a da ética do cuidado. Assim como os homens desenvolveram uma ética da justiça, as mulheres sempre estiveram mais próximas de uma ética do cuidado e da responsabilidade. Dessa forma, a “ética do cuidado” e a “ética da justiça” não se diminuem entre si, mas se somam num projeto de ética humana onde o feminino e o masculino adquirem a relevância e a significação que lhes corresponde. Contudo, a ética do cuidado assume algumas características como:

- a- Agrega um enfoque paarticularizado ao enfoque abstrato e geral da ética da justiça;
- b- Destaca a implicação e o compromisso direto e quase pessoal com os outros. O amor, o cuidado, a empatia, a compaixão conectam com situações que pedem ajuda;
- c- Diz-nos que a reacionalidade deve mesclar-se com a emotividade;
- d- Não se limita a conceber a lei, mas interessa-lhe sua aplicação situacional;
- e- É uma ética relacional. Mais que o dever é a relação com pessoas. Dito de outra forma: há princípios, poré, estão a serviço das pessoas.

A ética feminina revela a importância de alguns valores que, precisamente por terem sido assumidos de modo prevalecente pelas mulheres, não foram suficientemente apreciados pela vida pública. Tais são, entre outros: a ternura, a obnegação, a reconciliação, a discrição, a cooperação, a dedicação ao outro, a gratuidade. Regina Protmann na sua vida e missão traduziu os traços de uma ética e pedagogia feminina, revelado no cuidado incansável com os mais abandonados pela sociedade.

Convivemos, atualmente, com uma infância e uma juventude descuidada. A sociedade líquida os transformou em pequenos adultos, expondo-os ao erotismo e ao consumismo. Como nos lembra Taille:

Há cartões de crédito para crianças, vêem-se meninos e meninas com celular, com iPod, com laptop, com câmeras digitais, com tênis último modelo, com relógios, etc. Elas praticamente possuem tudo que o adulto possui, mas consomem objetos originalmente destinados ao adulto do que brinquedos. Quem já não viu uma menina ou menino, vestido como adulto, com roupa de grife, tênis importado, falando ao celular como se fosse empresário, com fones nos ouvidos como se fosse pop star, ou com câmera digital como se fosse jornalista?¹⁵²

¹⁵² TAILLE, 2009, p. 148.

A agenda de muitas crianças e jovens parecem-se de altos executivos, cheias de compromissos: inglês, escolinha de futebol, dança, aula de música ou de desenho, festas a que são convidados e outros. Muitos deles sofrem precocemente de estresse. Desde o berço são jogados num mundo competitivo. São alfabetizadas desde os cinco anos de idade, aprendendo língua estrangeira e informática e são sujeitas a terapias ou medicamentos, quando não apresentam o nível desejado de atenção e atividade. Como exercer a prática de ternura, do cuidado a essas crianças e esses jovens das diferentes classes sociais que, desde cedo, imitam comportamentos adultos, consomem como adultos, sabem da violência do mundo adulto e da sexualidade adulta e estão longe de desenvolver a maturidade e a autonomia esperadas, permanecendo em estado de ‘menorização’, de dependência, de heteronomia? Quais os valores urgentes, em educação, que precisam ser desenvolvidos?

A pedagogia feminina diante desse cenário infante e juvenil é convidada a propor uma educação que desenvolva a ternura, a autonomia, a responsabilidade, a cooperação, a solidariedade, o respeito ao diferente, o cuidado com o mundo que nos cerca. O currículo e o conteúdo programático em nossa educação precisam estar permeados pela sensibilidade, pelo conhecimento e pelo sentido de vida. Taille afirma ao refletir sobre conhecimento e sentido: “Os longos e desinteressantes anos passados nas salas de aula assemelham-se a um tedioso tempo vivido longe de qualquer significação existencial, pois há divórcio entre conhecimento e sentido”.¹⁵³ Precisamos, também, entender que o afeto antecede toda aprendizagem na vida do ser humano. Portanto, torna-se difícil contribuir na construção do ser humano se, como educadores, não nos revertirmos de afeto expressos em nosso falar e agir e da ternura, como força do amor humilde, que nos capacita em aceitar e respeitar os outros na sua individualidade com bondade de coração e generosidade.

Na escola, há pessoas concretas que possuem seus sonhos e fantasias, frustrações e desejos. Ela deveria constituir-se o lugar do prazer, um espaço onde a vida seja construída e (re)criada. Que esse espaço possa representar um palco onde seja possível a convivência e a fundamentação de valores humanos, como o respeito por si mesmo, pelo outro e pelo mundo.

¹⁵³ TAILLE, 2009, p. 136.

Precisamos de uma nova pedagogia que venha ao encontro da cultura da sustentabilidade, da ética, da responsabilidade, capaz de (re)educar nossos sentidos e (re)acender a nossa esperança num futuro possível com dignidade para todos. Esta pedagogia se fundamenta num paradigma filosófico-pedagógico¹⁵⁴ emergente, que propõe um conjunto de saberes/valores interdependentes:

- Educar para pensar globalmente
- Educar os sentimentos
- Ensinar a identidade terrena
- Formar para a consciência planetária
- Formar para a compreensão
- Educar para a simplicidade e para a quietude.¹⁵⁵

Quando falamos em sustentabilidade nos reportamos à relação que mantemos conosco mesmos, com os outros e com a natureza. A pedagogia nos deveria ensinar a ler o mundo, que é nosso primeiro universo, nosso primeiro educador. Portanto, a primeira educação é a emocional que nos coloca diante do mistério do universo, na intimidade com ele, percebendo-nos como parte deste sagrado ser vivo em evolução permanente.

O ser humano precisa educar-se na ética da responsabilidade para dar respostas eficazes aos problemas que nos chegam da realidade complexa em que estamos inseridos. Isto nós conseguiremos com um ethos que ama, cuida e se responsabiliza.

Para Bonhoeffer, o objetivo da ética está no discernimento da vontade de Deus em vista da ação concreta. A ética que guia os cristãos é concreta e interroga-se sobre o mandamento concreto de Deus “hoje”, “aqui”, “entre nós”, “para nós”. Para o autor, o ponto de partida da ética cristã está no fato da reconciliação do mundo com Deus realizado em Cristo. O formador é o Cristo

[...] e a função ética consiste em ser formação, conformação/con-figuração: Cristo não nos entrega programas éticos ou religiosos, de acordo com os quais estruturar o mundo, mas con-figura a si a Igreja, e na Igreja os cristãos, como uma nova humanidade, a fim de que por meio deles aconteça a con-figuração do mundo a Cristo. A ética não põe em ação um

¹⁵⁴ Podemos citar entre os principais representantes desse paradigma: Paulo Freire, Leonardo Boff, Boaventura Santos, Milton Santos, Thomas Berry, Edgar Morin, Balduino Andreola.

¹⁵⁵ A simplicidade tem que ser voluntária como a mudança de nossos hábitos de consumo e a quietude é uma virtude, conquistada com a paz interior e não pelo silêncio imposto.

processo de aplicação de princípios, mas de con-formação/configuração à figura de Cristo.¹⁵⁶

A concepção cristã da ética mantém juntas a realidade de Deus e o mundo. Bonhoeffer nos apresenta o enunciado central da ética afirmando:

Em Jesus Cristo, a realidade de Deus entrou na realidade do mundo. Trata-se de um 'sim' ao mundo: é o 'sim' da criação, da reconciliação e da redenção, que de novo compreende em si o 'não' do juízo: É o 'sim' pronunciado da criação, para o futuro, para o crescimento, o florescimento, os frutos, para a saúde e a felicidade, para a capacidade, o trabalho, o valor, o sucesso, a grandeza e a honra em suma para o desenvolvimento das forças da vida. É um 'não' pronunciado para a renegação da origem, essência e propósito da vida que é inerente a todo aspecto da existência terrena.¹⁵⁷

A ética cristã é uma ética da responsabilidade, que vive a tensão, a unidade polêmica entre o sim e o não. A responsabilidade está em levar uma vida entendida como resposta à vida de Jesus Cristo. Portanto, a vida ética é uma vida vivida na responsabilidade, que significa o empenho total da vida.

Bonhoeffer, ao analisar as estruturas da vida responsável, apresenta-a caracterizada por dois fatores: pelo vínculo a Deus e ao homem e pela liberdade pessoal.

O vínculo a Deus e ao homem assume a forma da representação e da conformidade com a realidade. [...] a representação atinge sua maior intensidade em Cristo, que como filho de Deus se faz homem para viver a representação da humanidade. Se a figura de Cristo é caracterizada pela representação, segue-se que também a vida ética do cristão caracteriza-se pela representação: responsabilidade é representação.¹⁵⁸

Portanto, agir responsabilmente significa agir em conformidade com a realidade do Outro. Assim sendo, a ação configurada com Cristo se con-figura com a realidade, é ação concreta, responsabilmente colocada no mundo.

A consciência ética cristã é uma consciência ética libertada por Cristo para a solidariedade com o outro. Nisso consiste a responsabilidade, que pressupõe a liberdade que se exprime no risco da decisão concreta. A vida do cristão consiste em existir para os outros. Em nossa missão educativa temos o compromisso de criar espaços harmônicos onde o aprendente e o ensinante possam construir uma

¹⁵⁶ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 110.

¹⁵⁷ GIBELLINI, 1998, p. 114.

¹⁵⁸ GIBELLINI, 1998, p. 114.

aprendizagem regada pelo prazer e pela alegria. Como nos lembra Freire: “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.¹⁵⁹ Isso exige de nós uma leitura crítica da realidade e ousadia profética, para que possa ressurgir, mesmo em meio às cinzas, um novo mundo onde todos se sintam irmanados com todo o universo.

Como educador é importante priorizar o relacionamento entre ensinante e aprendente, conferir-lhe um lugar importante no trabalho pedagógico. Freire, antes de falecer, afirmou: “Gostaria de ser lembrado como alguém que amou a vida”. A educação só tem sentido como vida. O educador precisa compreender que seu ofício de ensinar está além do conhecimento, está no testemunho de vida. É através dela que é possível tornar a aprendizagem encantadora e despertar nos educandos um profundo amor à vida. Para Freire a ética do educador perpassa o seu ser e agir:

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreando vazio e inoperante.¹⁶⁰

A educação para ser transformadora e emancipatória precisa estar centrada na vida, considerar as pessoas, suas culturas, respeitar o modo de vida das pessoas e sua identidade. Freire insistia que a escola transformadora é a escola do companheirismo, por isso sua pedagogia é uma pedagogia do diálogo, das trocas, do encontro, das redes solidárias.

A tarefa de ensinar do professor pela própria vida é (re)encantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar no educando a crença de que é possível mudar o mundo. Para isso, é preciso ternura e compaixão em nosso relacionamento com o universo.

A ternura consiste no afeto que devotamos às pessoas e no cuidado que aplicamos às situações existenciais. É um afeto que nos permite conhecer o outro e nos sentir envolvidos com aquilo que queremos conhecer. Além disso, a ternura emerge do próprio ato de existir no mundo com os outros. Estamos fundamentalmente ligados com a totalidade do mundo. Rocchetta afirma: “A ternura [...] é flexibilidade, permeabilidade, abertura de coração, disponibilidade à mudança,

¹⁵⁹ FREIRE, 1997.

¹⁶⁰ FREIRE, 1987, p. 69.

e se constitui como rosto concreto de uma dileção afetiva que se faz benevolência e afabilidade”.¹⁶¹

A educação precisa estar “encharcada” pela ternura, pois ela é um sentimento que irrompe quando a pessoa se desconcentra de si mesma, sai ao encontro do outro, sente o outro como outro, participa de sua existência, deixa-se tocar pela sua história de vida. A verdadeira relação de ternura devolve a liberdade ao ser humano e desperta o desejo profundo de compartilhar caminhos.

A ternura impulsiona-nos à compaixão como capacidade de compartilhar a paixão do outro e com o outro. É um convite ao ser humano sair de seu próprio círculo e entrar na galáxia do outro, enquanto outro, para sofrer com ele e construir a vida em sinergia com ele. Rocchetta afirma que a ternura está revestida de muitos rostos e assume diversas vibrações afetivas, mas permanece sempre “como uma graça que vem do alto e invade a existência humana com uma nova consciência de ser, cheia de afeição por tudo que nos circunda, de emoção e doçura”.¹⁶² O autor E. Fromm afirma que não haverá mais futuro para a humanidade se os homens e as mulheres perderam a capacidade de ser tocados pelo rosto dos outros:

Se o homem se tornar indiferente à ‘vida’, não haverá mais esperança alguma que possa escolher o bem: então, verdadeiramente, seu coração se terá endurecido a ponto que sua vida terá acabado. Se isso acontecer à inteira humanidade ou a seus membros mais poderosos, a vida da humanidade poderá extinguir-se no seu momento promissor.¹⁶³

Portanto, sem a ternura não poderá haver autêntica humanidade, pois ela nos desafia a assumir nossa vocação profunda que humaniza a pessoa e a torna solícita, capaz da escuta, de aceitação, de justa estima e tolerância. Para isso é necessário assumir o caminho da disciplina, a fim de abrir-nos ao encontro dos outros, vivendo o imperativo do oferecer, receber, compartilhar, fazendo-nos capazes de com-paixão sincera e generosa.

A compaixão procura construir a comunhão a partir dos que mais sofrem e a defender a vida em todas as dimensões, propondo-se a uma forma cuidadosa de tratar a natureza e organizar a casa humana, o planeta. Ela nos desafia a sentir o

¹⁶¹ ROCCHETTA, 2002, p. 30.

¹⁶² ROCCHETTA, 2002, p. 32.

¹⁶³ FROMM, E. *Psicanalisi dell'amore: necrofilia e biofilia nell'uomo*. Roma: [s.n.], 1974. p. 196.

outro no mais profundo das nossas entranhas, consentir mais do que entender e mostrar capacidade de identificação e compaixão com o outro.

Para Boff, a compaixão implica em duas atitudes:

[...] desapego de todas as coisas e cuidado para com todas as coisas. Pelo desapego nos distanciamos das coisas, renunciando à posse delas, e aprendemos a respeitá-las em sua alteridade e diferença. Pelo cuidado nos aproximamos das coisas para entrar em comunhão com elas, responsabilizar-nos pelo bem-estar delas e socorrê-las no sofrimento.¹⁶⁴

A compaixão exige liberdade, altruísmo e amor. Dessa forma, podemos sonhar com um novo mundo, no qual todos se sintam incluídos nas relações sociais e respeitados na sua dignidade de filhos e filhas de Deus.

Qual o perfil de educador que precisamos para construir uma educação para a cidadania e a transformação social? Uma educação fundamentada em referenciais que possibilitem às novas gerações a travessia por essa 'era de incertezas'? Esse educador, conforme Freire, precisa transparecer as seguintes características:

- Respeito aos saberes dos educandos;
- Reflexão crítica sobre sua prática;
- Coerência entre conhecimento e prática;
- Rigorosa formação ética e estética;
- Conhecimento da realidade;
- Abertura e aceitação do novo;
- Respeito à autonomia do ser do educando;
- Profeta da alegria e da esperança e junto com o educando aprender, ensinar, inquietar-se, construir;
- Acreditar na mudança do ser humano e da história;
- Curiosidade diante do aprender e ensinar;
- Competência profissional e generosidade;
- Comprometimento e solidariedade;
- Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo;
- Escutar para aprender a falar com os educandos.¹⁶⁵

O educador, nesses novos tempos, precisa conhecer profundamente a realidade dos seus educandos para poder intervir de forma construtiva e crítica diante do conhecimento. Além disso, como afirma Freire, precisa construir-se como um educador democrático,

¹⁶⁴ BOFF, 2003, p. 57.

¹⁶⁵ FREIRE, 1997.

[...] coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consciente que vive sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.¹⁶⁶

Na sua proposta pedagógica dialógica, Freire fala do professor crítico, reflexivo e transformador que requer o engajamento em movimentos de mudança, atuando, com ética, nos processos de escolarização e nas ações educativas desafiadoras. Ele tem o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos pensantes, capazes de construir categorias de compreensão e apropriação crítica da realidade.

Diante dos desafios atuais e das exigências educacionais, o professor, cada vez mais, precisa de uma cultura geral mais ampliada, transdisciplinar, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir, na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem, saber usar meios de comunicação em ambientes virtuais, nos ciberespaços da WEB e articular as aulas com mídias e multimídias.

Na educação precisamos de novas práticas que conduzam os educadores e educandos a novas posturas éticas e sociais diante de cenários contemporâneos marcados pela violência, pelo medo e pela insegurança. Diariamente lemos nas notícias dos jornais ou ouvimos em telejornais sobre histórias de vidas humanas que, na sua maioria, são vítimas roubadas em sua dignidade por aqueles que detêm o poder sócio, político e econômico. A preocupação gira em torno da “gripe A”, que articula todas as instâncias políticas e sociais, para que haja controle maior da epidemia no País. Porém, muitas já foram as “gripes” sociais e econômicas que contaminaram grande parte da população pela fome e pela falta de acesso às condições básicas para uma vida mais humana. Não se pensou numa articulação social ou força tarefa para chegar nas periferias de nossas cidades, onde está estampada a liminaridade da vida nos rostos de muita gente empobrecida.

Quais são as práticas urgentes em educação diante de tantas vidas desperdiçadas? Precisamos urgentemente de uma educação humanizada que traz as marcas da solidariedade e da busca do conhecimento que capacite o educando

¹⁶⁶ FREIRE, 1997, p. 127.

na luta em favor da defesa e do cuidado da vida. A educação não pode emudecer diante de tantos gritos sociais. Como afirma Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo.¹⁶⁷

Como educadores assumimos o compromisso ético de propor novas práticas pedagógicas e relacionais, capazes de construir um novo mundo possível onde se ouça o grito da liberdade e o renascer da vida no rosto de cada pessoa.

O poema de Paulo Freire é um convite a reavivar nossa esperança, nesse tempo em que somos convidados/as a dar mais um passo, a fazer a “travessia”, a re-significar a educação e transformá-la num espaço de libertação (Ex 14.15-31).

¹⁶⁷ FREIRE, 1987, p. 78.

CANÇÃO NOVA

Escolhi a sombra desta árvore para
repousar do muito que farei
enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
vive um tempo de espera vã.
Por isto, enquanto te espero
trabalharei os campos e
conversarei com os homens.
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
minhas mãos ficarão calejadas;
meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
meus ouvidos ouvirão mais,
meus olhos verão o que antes não viam,
enquanto esperarei por ti.
Não te esperarei na pura espera,
porque o meu tempo de espera
é um tempo de que fazer.
Desconfiarei daqueles que virão dizer-me
em voz baixa e precavidos:
É preciso agir
É preciso falar
É preciso andar
É perigoso esperar, na forma em que esperas,
porque esses recusam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,
com palavras fáceis, que já chegaste,
porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,
antes te denunciam.
Estarei preparando a tua chegada
como o jardineiro prepara o jardim
para a rosa que se abrirá na primavera.



Paulo Freire, Genève, Março, 1971.

CONCLUSÃO

Refletir sobre ética diante do cenário mundial é um desafio urgente. O problema maior do mundo atual e mais acentuadamente de nosso país é a adoção, em nome da modernização, da lógica da exclusão, que produz e perpetua uma assustadora 'massa sobrando' de seres humanos, considerados economicamente inaproveitáveis e, portanto, objetivamente descartáveis.

Naturalizamos muitos cenários sociais que nos são apresentados pelo mundo real ou virtual. Esses agridem a vida humano-ecológica. Como forma de anestiar-nos diante da realidade, teatralizamos a vida e vivemos num mundo da fantasia, do faz de conta. O encantamento vem-nos pela imagem televisiva, com a fotografia, com as drogas químicas, nas salas virtuais de bate papo e outros.

Quando menos imaginamos um desequilíbrio 'vital' recai sobre nós. Confundimos valores, prioridades e necessidades vitais. Exilamos a própria ética pela liquidez do nosso pensar, ser e fazer. Preenchemo-nos com o consumismo e atrofiados os valores humanos e espirituais. Mergulhamos num vazio existencial que nos conduz à perda do sentido de vida e a abraçar a cultura do tédio. Amortecidos pelo desencanto da vida acabamos deixando para nossas crianças e nossos jovens um planeta e uma sociedade em péssimo estado.

O grande desafio para a contemporaneidade é repor a ética como referência à capacidade humana de ordenar as relações a favor de uma vida digna. A ética remete-nos acima de tudo ao cuidado da vida e requer uma necessidade de escutar o Outro, isto é, ouvir a voz da dor, da necessidade, recolhê-la, entendê-la, compartilhá-la e devolvê-la, sistematizada pela reflexão rigorosa e dialeticamente comprometida com a humanidade.

Propor uma ética da responsabilidade social requer um olhar crítico sobre o binômio opressão/libertação. De acordo com Andreola:

A opressão é um fenômeno concreto, histórico, existencial, vivencial, vivido, na concretude da carne, do corpo dilacerado das grandes maiorias excluídas da mesa e do pão, do diálogo, da alegria, da vida, da 'fraternura' [...]. Chamemo-los oprimidos, excluídos, 'condenados da terra' [...], 'esfarrapados do mundo', desraizados, deslocados, abandonados, discriminados, estrangeiros, aquela gente, 'maloqueiros', desabrigados, colonizados, migrantes, órfãos de guerra, famintos, prisioneiros, refugiados,

exilados ou então simplesmente, 'os miseráveis', eles estão aí, como um ritual, sacrificial imenso, em que a humanidade como um todo é oferecida continuamente, cada dia, no altar macabro do deus Moloc do ouro, do capital, da ganância e da insensibilidade humana.¹⁶⁸

Para a construção de uma humanidade solidária faz-se necessário um debate sobre as questões éticas que o ser humano isentou da sua prática. Hoje, torna-se impossível pensar sem uma reflexão da base ética. Ela pode ser descrita, contemporaneamente, como o núcleo fundamental de toda relação vital possível dos seres humanos entre si e com a natureza numa estrutura de responsabilidade.

Sabemos que o futuro da humanidade depende da forma que cuidarmos da nossa casa comum, a Terra. Nesse sentido, o futuro é uma emergência que se anuncia e que nos propõe sua consideração inteira, da responsabilidade que temos não só para conosco mesmos, mas para com o outro, com todos os outros, em todos os tempos. Arduri afirma:

Todo ser humano é responsável pelo destino da humanidade. É chamado a ser agente da nova humanidade igualitária e dignificada. [...] Não podemos transferir aos outros a tarefa que nos cabe. Devemos somar forças criativas para refazer a humanidade que sofre um aviltamento. Mas, para isso, não podemos ser medrosos e covardes. É preciso ter ousadia suficiente para assumir a responsabilidade humana.¹⁶⁹

A Doutrina Social da Igreja Católica destaca alguns princípios que dizem respeito à dignidade da pessoa humana, ao bem comum, ao destino universal dos bens, aos direitos humanos, à solidariedade, à subsidiariedade e à participação. Entre os valores podemos dar ênfase à verdade, à liberdade, à justiça, à solidariedade, à responsabilidade, à paz e à caridade/amor. Considerando os valores e princípios elencados é importante que estes estejam presentes em nossa prática educacional, para que os educandos e educadores assumam a sua cidadania com responsabilidade social.

Sabemos que a educação diante dos desafios da contemporaneidade requer mudanças urgentes de paradigmas, no sentido de adotar novas pautas que focalizem a pessoa como agente principal do processo, dotado de inteligências múltiplas, que constrói o conhecimento a partir de sua bagagem emocional,

¹⁶⁸ ANDREOLA, Balduino A. Interdisciplinariedade na obra de Freire: uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade. In: STRECK, Danilo R. *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 79.

¹⁶⁹ ARDURI, Juvenal. *Ética responsável e criativa*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 79-80.

genética, cultural e social. Um paradigma que valorize o processo de aprendizagem, a atualização e a contextualização dos conteúdos, a adoção de currículos flexíveis e adaptados às condições dos educandos, que respeite o ritmo individual e grupal na construção do conhecimento.

Numa sociedade individualista necessitamos construir um paradigma educacional que reconheça a interatividade e a interdependência entre o sujeito e o objeto, que valorize as práticas solidárias para que o educando humanize suas relações humano-ecológicas.

Somente a partir de um novo paradigma educacional que estimule a inteligência, o desenvolvimento do pensamento crítico, da consciência e do espírito, estaremos contribuindo no desenvolvimento de futuras gerações constituídas como sujeitos éticos, criativos, autônomos, cooperativos, solidários, fraternos, responsáveis, capazes de conviverem com as incertezas e inseguranças de uma sociedade líquida.

A educação tem a tarefa de pensar e desenvolver metodologias e estratégias que contribuam para a construção da inteireza humana, privilegiando a pessoa em todas as suas dimensões: biológica, psíquica, cultural, social, espiritual e ecológica.

A proposta educacional das escolas da Associação Congregação de Santa Catarina – Província Santa Catarina, se baseia numa educação centrada no sentido da vida, na excelência acadêmica, pedagógica e humanística. Quer qualificar as relações pessoais, sociais, políticas e transcendentais. Destaca-se por uma aprendizagem construída a partir do diálogo, compromisso com a formação integral do educador e do educando, mística evangélica, competência profissional e gratuidade na doação. Destaca os seguintes valores: Testemunho da fé, conduta ética cristã, comunhão e participação na missão, excelência no e do saber, solidariedade e responsabilidade.

Na sua prática educacional aponta os seguintes princípios:

- Fé e conduta cristã são a identificação do nosso ser e fazer educação;
- A educação se constrói como processo participativo, exigindo da comunidade escolar uma contínua interação;
- A excelência no e do saber na Instituição Escolar se expressa no ser e no agir qualificado do educador e educando;

- A cultura da solidariedade efetiva em práticas escolares e comunitárias.

Voltando às 'fontes' do Carisma educacional de Regina Protmann, que apresenta um novo paradigma para o século XVI, uma pedagogia feminina, que surge para a inclusão da mulher no mundo da cultura e da sociedade, verifica-se que essa pedagogia brota do mundo do oprimido, dos sem voz e sem vez. Junto com suas irmãs, Regina, se colocava junto aos mais necessitados: pobres envergonhados, as meninas sem acesso à educação, os doentes mentais, os epiléticos e outros pacientes que não eram aceitos nos hospitais. Sua vida sempre estava inteiramente voltada para os outros:

Visita os doentes e lava-lhes os pés, aplica-lhes pomadas, cuida das feridas com ataduras limpas, beija-os carinhosamente, em sinal de terna compaixão. Quando ouvia falar que uma pessoa estava doente, preparava depressa uma sopa gostosa, refogava e assava os alimentos que encontrasse e enviava ao mesmo. Quando havia falta de remédios, ela preparava e destilava chás, fortes e fervidos, contra febres, dor de dentes, tumores, doenças dos olhos, e outros males e enfermidades do corpo, e os colocava à disposição de todos.¹⁷⁰

Vemos claramente que a educação proposta por Regina Protmann está além do aprender a ler e escrever, mas está, profundamente, comprometida com a realidade social e olha para o ser humano na sua integralidade. Ela vai além da sala de aula e se insere no meio do oprimido, restituindo-lhe a dignidade humana e possibilitando sua inserção na sociedade. É uma educação que busca respostas para as grandes urgências do momento e profundamente ética, pois defende e cuida da vida. É a pedagogia feminina que na sensibilidade e na amorosidade acolhe, cuida, inclui, gesta vida digna. Conforme Boff, "a mão que toca, cura porque leva carícia, devolve confiança, oferece acolhida e manifesta cuidado. A mão faz nascer a essência humana daqueles que são tocados".¹⁷¹ Diante disso, é importante compreender que cuidar do humano-ecológico implica em ter intimidade, sentir, acolher e respeitar o outro.

A ética em educação com novos paradigmas para os nossos tempos requer um novo conjunto de práticas pedagógicas e sociais que visualizem valores e princípios comprometidos com a vida. Uma pedagogia com um olhar feminino que se sensibiliza e se compadece com o mais fraco, possibilitando-lhe a inclusão social.

¹⁷⁰ Cf. ENDLICH; BOHN, 1999, p. 44-45.

¹⁷¹ BOFF, 1999, p. 171.

Uma pedagogia que priorize a cultura do sentido da vida, da solidariedade, do currículo aberto com práticas transformadoras e conteúdos contextualizados.

Uma educação contemporânea que fala na ética, do humano integrado no universo de compreensões e saberes. Esse humano, dotado de consciência histórica, percebe, por meio da compreensão de si, que difere do outro, mas também é capaz de reconhecer no outro a mesma dignidade e grandeza. Nesse sentido uma verdadeira vida social no convívio escolar que ajuda a promover o desenvolvimento moral, precisa comportar espaços de relacionamento inspirados pela cooperação, e incentivar o trabalho em grupo. A escola deve ser vista como espaço coletivo, sem o qual os ideais de justiça, a solidariedade e a responsabilidade social permanecem na inércia. Ela precisa ser constituída como lugar no qual a dignidade de cada um, educador e educando, é valor absoluto. Enfim, a escola precisa ser o espaço onde se solidificam os princípios norteadores da instituição e onde se tece a cooperação, a dimensão do coletivo, a responsabilidade, a cidadania, a liberdade, a consciência dos princípios e a elaboração de regras coletivas.

Refletir sobre a ética em educação é, antes de tudo, fazer uma opção pela vida humana em seus valores fundamentais, respaldados na sua dignidade de ser humano-ecológico. Dessa forma, a educação precisa ser pensada a partir de novas práticas, em que o ser humano seja incluído em todas as suas dimensões humanas e sociais, para que seja possível construir um novo mundo possível.

Diante da realidade em que estamos imersos, a educação na sua contribuição para a sociedade e o educando deve ser um espaço constituído por:

- Aprendizagem, de discernimento e de compreensão crítica da complexidade do mundo atual;
- Tomada de consciência de cada uma de suas múltiplas pertenças e da responsabilidade coletiva;
- Fazer e conviver;
- Acolhida da diferença como oportunidade e riqueza;
- Diálogo intercultural e interreligioso;
- Desenvolvimento integral da pessoa;
- Promoção de experiências de solidariedade, de reconciliação, de tolerância, de respeito, de liberdade, de justiça, de esperança e de paz;
- Construção de respostas originais às diferentes pobrezaas econômicas, políticas e culturais, tais como: o individualismo, a dependência, o consumismo, a desesperança, a perda de sentido, a exclusão.

Pensar a educação numa ótica da inclusão, de transformação social é compreendê-la como espaço permanente de aprendizagem, onde cada dia somos alfabetizados na formação da consciência crítica e no exercício da cidadania.

Uma educação que busca educar para o sentido de vida e promover o ser humano diante da realidade que oprime e rouba a sua dignidade, precisa caminhar na fé e esperança, impregnando as práticas da vida cotidiana de sensibilidade para com o próximo, a exemplo de Jesus: “O que fizerdes a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25.40).

Atribuir um caráter ético ao currículo escolar supõe reflexão sobre os limites que lhe são impostos pelos determinantes sociais, políticos, econômicos e culturais. Para isso, os educadores precisam estar organizados para avaliar continuamente a proposta pedagógica da escola, para uma prática social onde não haja degradação do ambiente e das pessoas, da vida puramente utilitária, do consumismo, da vulgaridade, da intolerância e da violência de almas e de mentes.

A escola para ética é aquela voltada para a construção do conhecimento e que constrói sujeitos comprometidos com as questões sociais. Caracteriza-se como uma escola ligada a ensinar, a conhecer, formar para compreender, desenvolver o pensar para que as crianças e os jovens saibam lidar com as informações e saibam escolher, decidir, projetar, agir e criar. Além disso, que possibilite ao jovem usar o conhecimento para olhar o outro como legítimo Outro na relação, para ter sensibilidade frente ao bem maior que é a vida com dignidade, para ter o desejo de mudar uma ordem mundial que traz pobreza e sofrimento material, social, cultural e espiritual. Assim, ele poderá construir o seu modo de ser no mundo: um sujeito que se reconhece e se sente reconhecido, que habita o mundo da dignidade humana onde todos se sentem incluídos.

Na pesquisa realizada durante os seminários e entrevistas, destacam-se alguns desafios aos educadores que se direcionam às tarefas de identificar valores e transmitir aos educandos a consciência e a interiorização dos mesmos. O conhecimento dos valores atribui liberdade às nossas ações. A consciência e a escolha são pressupostos de um agir livre e isso dá condições para um agir ético.

A fé cristã sempre foi um elemento forte nas obras educacionais da Associação. Ela sempre foi o sustento de nossa prática educacional em nossas

escolas, o fio condutor de uma reflexão comprometida que nos desafia a ações e relacionamentos éticos na sociedade. Essa vivência da fé pode ser intensificada através de diferentes práticas:

- Relacionamento respeitoso, humano-fraterno com todos/as que partilham do ambiente escolar;
- Acolhimento dos educandos e famílias que procuram a escola;
- Serviço pastoral e projetos sociais;
- Vivência da fé nas aulas de Ensino Religioso e nas celebrações;
- Dias de reflexão e convivência com as famílias e turmas dos educandos;
- Atividades que proporcionam a valorização da vida humano-ecológica;
- Respeito às diferenças;
- Coerência no agir e contextualização dos conteúdos;
- Vivência de momentos intensos de espiritualidade promovida pelos retiros e ações solidárias.

Nossos processos pedagógicos devem contribuir no desenvolvimento de um cidadão ético, solidário e com responsabilidade social. Por isso, o conteúdo desenvolvido precisa atender às necessidades sociais, espirituais e culturais dos nossos tempos. Educar para a sensibilidade a partir de uma pedagogia feminina, para que o educando re-encontre sentido de vida e se envolva com amorosidade com o outro, principalmente aquele considerado “descartável social”. Nossa educação precisa despertar no educando o carisma como dom de si para os outros, para que esse seja colocado em favor da construção da vida dos mais empobrecidos e exemplo de Jesus e Regina Protmann. Além disso, desenvolver na pessoa as virtudes da humildade, simplicidade, paciência, obediência e da caridade cristã, para que o relacionamento entre o humano-ecológico seja amoroso, fraterno e de paz como Regina nos lembra no seu Testamento:

Minha humilde e maternal exortação a vós minhas queridas irmãs,
é que sempre andeis com fidelidade diante de Deus, o Senhor,
e de nosso amantíssimo Esposo Cristo Jesus
e diante de todos os homens,
com dignidade e simplicidade,
com profunda humildade,
com verdadeira paciência,
com perfeita obediência e caridade cristã.

Aprendeí, queridas Irmãs,
a mortificar, não só as paixões perigosas,
mas, também, os pequenos e insignificantes
desejos desordenados
que possam prejudicar a vossa vocação
e estado religioso, como:

tagarelice,
suspeitas e pensamentos vãos,
ociosidade,
risos levianos.

Empenhai-vos, com todo zelo,
para que não apenas entre vós
vos ameis cordial e fraternalmente,
mas que, também, tenhais boa paz
com toda e qualquer pessoa.

Assim o bom Deus vos ajudará em tudo e vos abençoará.¹⁷²

¹⁷² CONSTITUIÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA CATARINA. São Paulo: Loyola, 1989. p. 12-13.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, N. *Ética cristã e desafios atuais*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Teologia moral*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ANDREOLA, Balduino A. Ética e educação: uma abordagem filosófico-teológico. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 41, abr. 2001.

_____. Ética e solidariedade planetária. In: *Ética: diversidade e diálogo na produção de referências para a educação*. Pelotas: Seiva, 2003.

_____. Interdisciplinariedade na obra de Freire: uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade. In: STRECK, Danilo R. *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARDURI, Juvenal. *Ética responsável e criativa*. São Paulo: Paulus, 2007.

ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSOCIAÇÃO CONGREGAÇÃO DE SANTA CATARINA. Província Santa Catarina - Sul Brasileira. *Projeto Político Pedagógico*. 2007.

_____. *Planejamento Estratégico*. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOFF, L. *Ethos mundial*. Brasília: Letra Viva, 2000.

_____. Ética mundial e processo de mundialização. In: HUME, L. M. *Ética*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 1997.

_____. *Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Do iceberg à Arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária*. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sexante, 2003.

_____. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONAMIGO, A. C.; BRANDÃO, Z. Posfácio. In: BRANDÃO, Z. (Org.). *A crise dos paradigmas em educação*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRANDÃO, Zaia (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1995.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

BUBER, Martin. *Eu e tu*. São Paulo: Centauro, 2001.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Vozes, 1993.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1996.

COMBLIN, João Batista. Algumas interpelações aos religiosos depois de Santo Domingo. *Convergência*, jul./ago. 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio, Constituições, Decretos, Declarações*. São Paulo: Paulinas, 1967.

_____. *Compêndio, Constituições, Decretos, Declarações*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CONSTITUIÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA CATARINA. São Paulo: Loyola, 1989.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1999.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

DUFOUR, Xavier Leon. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ENDLICH, M. Áurea; BOHN, Maria Gessi. *Seu nome é Regina*. Roma: Du Signe, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas ou outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FROMM, E. *Psicanalisi dell'amore: necrofilia e biofilia nell'uomo*. Roma: [s.n.], 1974.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

GLEMP, Cardeal Josef. Auxiliar o próximo e louvar a Deus. *Mensageiro Santa Catarina*, Grotaferrata, n. 65, 2000.

GÓMEZ, B. H. *Educación, la agenda del siglo XXI: hacia um desarrollo humano*. Bogotá: PNUD/Tercer Mundo, 1998.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. *Dialética e hermenêutica*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HÄRING, B. *O evangelho que nos cura*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Livres e fiéis em Cristo: Teologia Moral para sacerdotes e leigos*. São Paulo: Paulinas, 1979. v. I.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HÜMMELEER, Hans. *Os sinos de Braunsberg*. São Paulo: Loyola, 1964.

_____. *Regina Prothmann e as Irmãs de Santa Catarina*. Canoas: La Salle, 1960.

KELER, Engelberto. *A vida da bem-aventurada Regin Protmanns*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1923.

KING, Martin Luther. Afirmação de fé. Disponível em: <<http://mipibuatenta.blogspot.com/2010/10/fe-por-martin-luther-king-ti-mipibu.html>>. Acesso em: 17 dez. 2010

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

LEVINAS, Emmanuel. *Humanismo de outro homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIMA, Márcia Regina Canhoto. *Paulo Freire e a administração escolar: a busca de um sentido*. Brasília: Liber Livro, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza D. A. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARINA, J. A. *Teoria de la inteligencia creadora*. Madrid: Compactos Anagrama, 2001.

MORAES, Maria Cândida. *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

PETRY, Maria Cecília. *A nova e brilhante estrela*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PIO XII. *Mystici Corporis*. São Paulo: Paulinas, 1965.

ROCCHETTA, Carlos. *Teologia da ternura: um evangelho a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 2.

_____. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1995.

SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética como fundamento: uma introdução à ética contemporânea*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

TAILLE, Yves de La. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

THIEL, Madre M. Josefina. *Na força da semente*. Petrópolis: Vozes, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto. Coleta de dados na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1990.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

VELASCO, Sírio Lopez. *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes*. Aparecida: Santuário, 1978. v. I.

_____. *Nova moral fundamental: o lar teológico da ética*. São Paulo: Santuário/Paulinas, 2003.

ANEXO: Entrevista / Seminário

- 1- Considerando o carisma da Regina Protmann, quais são os desafios para uma ética em educação que tenha como horizonte o cuidado com a vida, a promoção da pessoa humana e a transformação social?
- 2- Quais são as atividades realizadas na escola em que o outro é acolhido na sua condição de pessoa humana?
- 3- Quais os valores e as práticas éticas que precisam ser fortalecidos na escola?
- 4- Quais as práticas pedagógicas que precisam ser priorizadas na escola, tendo em vista a defesa e o cuidado com a vida?
- 5- Que práticas pedagógicas devem marcar nossa ação educativa como escola cristã, fundamentada no Evangelho e no Carisma de Regina Protmann?
- 6- Quais as ações que precisam ser desenvolvidas em favor da mulher pobre, criança ou adulta, em nossa escola e na sociedade?
- 7- A educação de Regina Protmann foi um marco na sua época, pelo seu compromisso concretamente social, pois tinha em vista a promoção humana dos pobres e transformação de toda a comunidade. Esta preocupação fundamental está presente em nossa escola hoje? Como?
- 8- Desde sua origem, a Congregação, na área educacional, considerou a educação da fé cristã como um elemento fundamental. Como e onde percebemos esse elemento presente, hoje, em nossa prática educacional? Como poderia ser mais incrementado?
- 9- De que maneira os processos pedagógicos de nossa escola contribuem no desenvolvimento de um cidadão ético, solidário e com responsabilidade social? E como poderiam contribuir mais?
- 10- Regina Protmann rompeu com as estruturas da vida religiosa de seu tempo, e gestou um novo estilo de Vida religiosa Consagrada Feminina na Igreja no século XVI. Esse caráter de ruptura, de inovação e êxito está presente na Congregação hoje? Quais os novos paradigmas educacionais a que somos convidados(as) a gestar, em nossos dias, como homens e mulheres?